O Desequilíbrio do Mundo Pós I Guerra

Gustave Le Bon

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Gustave Le Bon

O Desequilíbrio
do
Mundo Pós I Guerra

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2ª Edição: 2018

Le Déséquilibre du Monde. Paris: 1923

Traduzido por: Souza Campos, E. L. de

© 2018 Teodoro Edito: Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Ao ilustre general

Charles Mangin

Nos sombrios dias de Verdun, em que vossa penetrante sagacidade e vossa valentia contribuíram tão poderosamente para mudar a orientação do destino, eu recebi de vós, meu caro general, uma fotografia, cuja dedicatória lembrava que vós éreis meu discípulo. Desde então, vós me haveis afirmado que minha doutrina vos guiou enquanto preparavas a vitória decisiva de 18 de julho de 1918 e nas operações que se seguiram a ela. O psicólogo que teve a rara sorte de encontrar um aluno tal para aplicar seus princípios lhe deve um vivo reconhecimento.

Eu exprimo este sentimento vos dedicando meu livro.

Gustave Le Bon.

O desequilíbrio do mundo pós I guerra

Gustave Le Bon

Introdução

A fisionomia atual do mundo.

Sumário

As civilizações modernas se apresentam sob duas faces, tão diferentes, tão contraditórias, que, vistas de um planeta distante, elas pareceriam pertencer a dois mundos inteiramente diferentes.

Um de seus mundos é o da ciência e de suas aplicações. Dos edifícios que o compõem irradiam os ofuscantes clarões da harmonia e da verdade pura.

O outro mundo é o tenebroso domínio da vida política e social. Suas instáveis construções são envolvidas por ilusões, erros e ódios. Lutas furiosas o devastam frequentemente.

Este explosivo contraste entre os diversos domínios das grandes civilizações deve-se ao fato de que cada um deles é formado por elementos que não obedecem às mesmas leis e de que não possuem uma medida comum.

A vida social é regida por necessidades, sentimentos, instintos legados pela herança e que durante a sucessão das eras, representaram os únicos guias da conduta.

Nessa região, a evolução progressiva é muito pequena. Os sentimentos que animavam nossos primeiros ancestrais __ a ambição, a inveja, a ferocidade e o ódio __ continuam imutáveis.

Durante muito tempo __ cuja esmagadora extensão a ciência revela __ o ser humano se diferenciou pouco do mundo animal, que ele deveria um dia ultrapassar intelectualmente.

Sendo iguais aos animais no domínio da vida orgânica, nós pouco os ultrapassamos na esfera dos sentimentos. Foi somente no círculo da inteligência que nossa superioridade se tornou imensa. Graças a ela os continentes se aproximaram e o pensamento é transmitido de um hemisfério ao outro com a rapidez da luz.

Mas a inteligência, que no fundo dos laboratórios realiza tantas descobertas, só exerceu até aqui um pequeno papel na vida social. Ela continua dominada por impulsos que a razão não governa. Os sentimentos e as fúrias das primeiras eras conservaram seu império sobre a alma dos povos e determinam suas ações.

*

* *

A compreensão dos acontecimentos só é possível quanto se leva em conta as diferenças profundas que separam os impulsos

afetivos e místicos das influências racionais. Elas explicam porque indivíduos de inteligência superior aceitaram, em todas as épocas, as mais infantis crenças; a adoração da serpente ou de Moloch, por exemplo. Milhões de pessoas são dominadas ainda pelos devaneios de ilustres alucinados fundadores de crenças religiosas ou políticas. Em nossos dias, as quimeras comunistas tiveram a força de arruinar um gigantesco império e de ameaçar vários países.

Foi igualmente porque o círculo da inteligência tem pouca ação sobre o dos sentimentos que se viu, na última guerra, pessoas de alta cultura incendiar catedrais, massacrar velhos e devastar províncias, pela única satisfação de destruir.

*

* *

Ignoramos o papel que a razão exercerá um dia sobre a marcha da história. Se a inteligência não conservar nela outro papel que não for fornecer, aos impulsos sentimentais e místicos que continuam a guiar o mundo, processos de devastação mais mortíferos a cada dia, nossas grandes civilizações estão predestinadas a terem a sorte dos grandes impérios asiáticos, cujo poder não salvou da destruição e dos quais a areia cobre hoje em dia os últimos vestígios.

Os futuros historiadores, meditando então sobre as causas da ruína das sociedades modernas, dirão sem dúvida que elas perece-

ram porque os sentimentos de seus defensores não evoluíram tão rapidamente quanto sua inteligência.

*

* *

A complicação dos problemas sociais que agitam hoje em dia a vida dos povos deve-se em parte à dificuldade de conciliar interesses contraditórios.

Na paz as divergências entre povos e entre classes de um mesmo povo existem igualmente, mas as necessidades da vida acabam por equilibrar os interesses contrários. O acordo, ou pelo menos um semiacordo, se estabelece.

Esse entendimento sempre precário não sobrevive às profundas convulsões, como esses da grande guerra. O desequilíbrio substitui então o equilíbrio. Liberados das antigas amarras, os sentimentos, as crenças, os interesses opostos renascem e se confrontam com violência.

Foi assim que, desde o início da guerra, o mundo entrou numa fase de desequilíbrio que ele não conseguiu sair.

Ele não saiu dessa fase particularmente porque os povos e seus senhores pretendem resolver problemas inteiramente novos com métodos antigos que não são aplicáveis hoje em dia.

As ilusões sentimentais e místicas que geraram a guerra ainda dominam na paz. Elas criaram as trevas nas quais a Europa mergulhou e que nenhum farol guia ainda ilumina.

*

* *

Para que as ameaças que parecem envolver o futuro sejam evitadas, é preciso estudar sem paixões e sem ilusões os problemas que surgem de todas as partes e as repercussões que elas estão carregadas. Tal é o objetivo da presente obra.

Este futuro, aliás, está sobretudo em nós mesmos e é tecido por nós mesmos. Não estando fixado como o passado, ele pode se transformar sob a ação de nossos esforços. O reparável do presente logo se torna o irreparável do futuro. A ação do acaso __ quer dizer, das causas ignoradas __ continua considerável na marcha do mundo, mas ele não impede jamais os povos de criar seu destino.

***

LIVRO I

O desequilíbrio político.

CAPÍTULO I

A evolução do ideal.

Sumário

Eu frequentemente estudei, em meus livros, o papel preponderante do ideal na vida dos povos. Eu preciso, no entanto, retornar a ele mais uma vez, pois a hora presente se afirma cada vez como uma luta de ideais contrários. Diante dos antigos ideais religiosos e políticos, cujo poder se empalidece, se voltam, com efeito, ideais novos que pretendem substituí-los.

A história mostra facilmente que um povo, por mais que ele possua sentimentos comuns, interesses idênticos, crenças semelhantes, ele não passa de uma poeira de indivíduos, sem coesão, sem duração e sem força.

A unificação, que faz passar um povo da barbárie à civilização, só acontece pela aceitação de um mesmo ideal. Os acasos das conquistas não o substituem.

Os ideais suscetíveis de unificar a alma de um povo são de naturezas diversas: culto a Roma, adoração de Alá, esperança de um paraíso etc. Como meio de ação sua eficácia é a mesma assim que eles conquistam os corações.

Com um ideal capaz de agir sobre as almas um povo prospera. Sua decadência começa quando esse ideal se enfraquece. O declínio de Roma data da época em que os romanos deixaram de venerar suas instituições e seus deuses.

*

* *

O ideal de cada povo contém elementos muito estáveis __ o amor à pátria, por exemplo __ e outros que variam de era para era, de acordo com as necessidades materiais, os interesses, as atitudes mentais de cada época.

Considerando apenas a França e nos últimos dez séculos apenas, é visível que os elementos constitutivos de seu ideal frequentemente variaram. Eles continuam a variar ainda.

Na idade média os elementos teológicos predominaram, mas o feudalismo, a cavalaria, as cruzadas, lhes deram uma fisionomia especial. O ideal estava, no entanto, no céu e era orientado por ele.

Com a renascença, as concepções se transformam. O mundo antigo sai do esquecimento e muda o horizonte dos pensamentos. A astronomia o expande, provando que a terra, suposto centro do

universo, é apenas um astro ínfimo perdido na imensidão do firmamento. O ideal divino persiste, sem dúvida, mas ele deixa de ser único. Muitas preocupações terrestres se misturam a ele. A arte e a ciência ultrapassam em importância a teologia.

O tempo passa e o ideal evolui mais uma vez. Os reis, cujo poder o papa e os senhores feudais limitavam outrora, acabam por se tornar absolutos. O século XVII irradia o brilho de uma monarquia que nenhum poder contesta. A unidade, a ordem, a disciplina, reinam em todos os domínios. Os esforços outrora empregados em lutas políticas se voltam para a literatura e as artes, que atingem um alto grau de esplendor.

O desenrolar dos anos continua e o ideal sofre uma nova evolução. Ao absolutismo do século XVII sucede o espírito crítico do XVIII. Tudo é posto em questão. O princípio da autoridade enfraquece e os antigos senhores do mundo perdem o prestígio de onde derivava sua força. Às antigas classes dirigentes __ realeza, nobreza e clero __ sucede uma outra, que conquista todos os poderes. Os princípios que ela proclama __ a igualdade, principalmente __ dão a volta pela Europa e a transformam em campo de batalha durante vinte anos.

Mas, como o passado só morre lentamente nas almas, as antigas ideias logo renascem. Ideais do passado e ideais novos en-

tram em luta. Restaurações e revoluções se sucedem durante quase um século.

O que restava dos antigos ideais se apagava, no entanto, cada vez mais. A catástrofe que convulsionou o mundo recentemente fez enfraquecer ainda mais seu antigo prestígio. Os deuses, visivelmente impotentes para orientar a vida das nações, tornaram-se sombras um pouco esquecidas.

Tendo se mostrado igualmente impotentes, as mais antigas monarquias se viram derrubadas pelas fúrias populares. Mais uma vez o ideal coletivo foi transformado.

Os povos decepcionados procuram agora se proteger. A ditadura dos deuses e dos reis eles pretendem substituir pela do proletariado.

Este novo ideal é formulado __ infelizmente para ele __ numa época em que, transformado pelos progressos da ciência, o mundo só pode progredir sob a influência das elites. Pouco importava outrora, para a Rússia, possuir as capacidades intelectuais de uma elite. Hoje em dia, pelo único fato de tê-las perdido, ela está mergulhada num abismo de impotência.

Uma das dificuldades da era atual está no fato de que não se encontrou ainda um ideal capaz de unir a maioria das mentes.

Esse ideal necessário, as democracias triunfantes o buscam, mas não o encontram. Nenhum que foi proposto conseguiu reunir suficientes adeptos para se impor.

Na confusão universal, o ideal socialista tenta monopolizar a direção dos povos, mas, estranho às leis fundamentais da psicologia e da política, ele se choca com barreiras que as vontades não superam. Ele não conseguiria por isso substituir os antigos ideais.

*

* *

Numa das cavernas rochosas que dominam a estrada de Tebas, na Beócia, vivia outrora, segundo a lenda, um ser misterioso que propunha enigmas à sagacidade das pessoas e condenava à morte aquelas que não os desvendava.

Esse conto simbólico traduz claramente o fatal dilema __ adivinhar ou perecer __ que tantas vezes surgiu nas fases críticas da história das nações. Jamais, talvez, os grandes problemas dos quais os destinos dos povos dependem, foram mais difíceis do que hoje em dia.

Mesmo que a hora de edificar um ideal novo ainda não tenha chegado, já é possível, no entanto, determinar os elementos que devem entrar em sua estrutura e aqueles que será preciso necessariamente rejeitar. Várias páginas de nosso livro serão dedicadas e esta determinação.

CAPÍTULO II

Consequências políticas dos erros de psicologia.

Sumário

A falta de previsão de acontecimentos próximos e a inexata observação de acontecimentos presentes foram frequentes durante a guerra e depois na paz.

A imprevisão aconteceu em todos os períodos do conflito. A Alemanha não enxergou a entrada da Inglaterra na guerra, nem a da Itália, nem sobretudo a da América. A França não previu também as defecções da Bulgária e da Rússia, nem outros acontecimentos.

A Inglaterra não mostrou uma perspicácia maior. Eu lembro, aliás, que três semanas antes do armistício, seu ministro dos negócios estrangeiros, não suspeitando de maneira alguma da desmoralização do exército alemão, assegurou num discurso que a guerra ainda seria muito longa.

A dificuldade em prever acontecimentos mesmo próximos se entende; mas a dificuldade que experimentam os governantes em saber o que se passa em países onde eles mantêm agentes a um alto custo, encarregados de informá-los, é dificilmente compreensível.

A cegueira mental dos agentes de informação advém sem dúvida de sua incapacidade em discernir o geral nos casos particulares que eles podem observar.

Afora os pesados erros de psicologia que nos custaram a ruína de vários departamentos, mas dos quais eu não vou me ocupar aqui, vários erros, carregados de temíveis consequências, foram cometidos desde o armistício.

O primeiro foi não ter facilitado a dissociação dos diferentes Estados do Império alemão; dissociação espontaneamente iniciada no dia seguinte à derrota.

Um outro erro foi favorecer uma desagregação da Áustria, que no interesse da paz europeia deveria ter sido evitada a qualquer preço.

Um erro menos importante, mas também grave, foi impedir a importação pela França dos estoques acumulados pela indústria alemã durante a guerra.

*

* *

Examinemos a engrenagem das consequências surgidas desses erros.

A primeira foi capital. Assim como eu havia dito e repetido, bem antes da conclusão do tratado de paz, teria sido no interesse maior da segurança do mundo favorecer a divisão da Alemanha

em Estados politicamente separados, como eles eram antes de 1870.

A tarefa estava grandemente facilitada, pois a Alemanha, após a derrota, se dividiu espontaneamente em várias repúblicas independentes.

Essa separação não teria sido totalmente artificial. Era a unidade, pelo contrário, que era artificial, pois a Alemanha é composta por etnias diferentes, tendo direito a uma vida autônoma, de acordo com o princípio das nacionalidades, tão caro aos Aliados.

Foram necessários a mão poderosa da Prússia e cinquenta anos de caserna e escola para agregar em um só bloco países secularmente distintos e que professam uns pelos outros uma simpatia muito medíocre.

Apenas as vantagens dessa unidade poderia mantê-la. Desaparecidas as vantagens, ela entraria em colapso. Foi, aliás, o que aconteceu no dia seguinte à derrota.

Favorecer uma divisão tal, atribuindo melhores condições de paz a algumas das repúblicas novamente criadas, teria permitido estabilizar a dissociação espontaneamente efetuada.

Os Aliados não compreenderam isso e pensaram sem dúvida que obteriam mais vantagens do bloco alemão do que de Estados separados.

Agora é muito tarde. Os governantes alemães se aproveitaram das intermináveis tergiversações da Conferência de Paz para refazer penosamente sua unidade.

Ela é, atualmente, completa. Na nova constituição alemã, o império parece dividido em uma série de Estados livres e iguais. Simples aparência. Tudo o que diz respeito à legislação pertence ao Império. Os Estados confederados são bem menos autônomos, na realidade, do que eram antes da guerra. Representando apenas províncias do império, eles são tão pouco independentes quanto são as províncias francesas do poder central estabelecido em Paris.

A única mudança real na nova unidade alemã é que a hegemonia exercida outrora pela Prússia não lhe pertence mais.

*

* *

O erro político que consistiu em favorecer a desagregação da Áustria foi ainda mais grave. Certo, a Áustria era um império apodrecido, mas ele possuía tradições, uma organização; enfim, a estrutura que apenas os séculos podem construir.

Com um pouco menos de ilusões e um pouco mais de sagacidade, a necessidade de conservar o império da Áustria teria aparecido nitidamente.

A Europa já percebe e perceberá cada vez mais o que lhe custará a dissolução da Áustria em pequenos Estados sem recursos, sem futuro e que, assim que formados, entrarão logo em conflito uns contra os outros.

Foi principalmente em razão das novas conflagrações que esses fragmentos de Estados ameaçam a Europa, que o senado americano recusou aceitar uma Sociedade das Nações que poderia obrigar os Estados Unidos a intervir nas rivalidades das incivilizáveis populações balcânicas.

A desagregação da Áustria terá outras consequências ainda mais graves. Uma das primeiras vai ser, com efeito, fazer crescer a Alemanha com o território habitado pelos nove ou dez milhões de alemães que representam o que resta do antigo império da Áustria. Sentindo sua fraqueza eles já se voltam para a Alemanha e demandam ser anexados a ela.

Sem dúvida que os Aliados se opõem a essa anexação. Mas como eles poderão impedi-la para sempre, se os austríacos de etnia alemã invocam, para reclamar sua anexação, o princípio das nacionalidades, ou seja, o direito que os povos têm de dispor de si mesmo; direito altamente proclamado pelos Aliados?

E aqui aparece, mais uma vez, como apareceu tão frequentemente na história, o perigo das ideias falsas. O princípio das nacionalidades, que pretende substituir o princípio do equilíbrio, pa-

rece muito justo sob o ponto de vista racional, mas ele se torna muito errôneo quando se considera que as pessoas são guiadas por sentimentos, paixões, crenças e muito pouco por razões.

Que aplicação se pode fazer desse ilusório princípio em países onde, de província em província, de vilarejo em vilarejo e frequentemente no mesmo vilarejo, subsistem populações de etnias, línguas, religiões diferentes, separadas por ódios seculares e que não têm outro ideal que não seja se massacrarem?

*

* *

O terceiro dos erros enumerados acima, o de ter impedido, por todos os meios possíveis, a introdução na França, após a guerra, dos produtos alemães acumulados durante a guerra, é um daqueles que mais contribuíram para o estabelecimento da carestia.

Essa interdição não foi resultante, bem entendido, das decisões da Conferência de Paz, mas unicamente de nosso governo.

Ele foi, aliás, o único a cometer tal erro. Mais avisados, a América e a Inglaterra abriram largamente suas portas aos produtos vindos da Alemanha e se aproveitaram do bom preço desses produtos para se abastecerem e reduzir assim o custo de vida em seus países.

Comerciar de preferência com países cujo câmbio é favorável constitui uma noção econômica tão evidente, tão elementar,

que não se concebe a existência de um homem de Estado incapaz de compreendê-la.

As ilusórias razões de nossas interdições de importações, ou, o que dá no mesmo, de nossas taxas aduaneiras proibitivas, eram favorecer alguns fabricantes; incapazes, aliás, de produzir a décima parte dos produtos que a França precisava.

Para agradar a alguns industriais, o público foi obrigado a pagar três a quatro vezes mais caro aos negociantes ingleses e americanos pelos produtos que eles podiam conseguir com bom preço na Alemanha e que poderíamos nós mesmos comprar lá, como eles.

Os erros psicológicos que examinamos foram cometidos no momento do restabelecimento da paz. Desde essa época, os homens de Estado europeus acumularam outros.

Um dos mais graves, pois quase comprometeu a segurança da Europa, foi a atitude estabelecida com relação à Polônia, pelo ministro que dirigia então os destinos da Inglaterra.

Esperando se conciliar com os comunistas russos, esse ministro não hesitou em aconselhar publicamente aos poloneses aceitarem as inacreditáveis condições de paz propostas pela Rússia, particularmente um desarmamento cuja primeira consequência teria sido a pilhagem da Polônia, pavorosos massacres e a invasão da Europa.

Para mostrar sua boa vontade aos bolchevistas, o mesmo ministro interditou __ totalmente contra o direito, aliás __ a passagem por Dantzig das munições destinas aos poloneses e ele obteve do governo belga a mesma interdição por Antuérpia.

O resultado dessa intervenção foi primeiro provocar nos neutros __ sem falar da França __ uma indignação muito viva. Eis como se exprimiu, com relação a isso, **Le Journal de Genève**:

> *Esses dois atos de hostilidade contra a Polônia causaram aos admiradores da Inglaterra uma estupefação extraordinária e uma dolorosa decepção. Hoje, esses admiradores dizem isso:*
>
> *A Inglaterra, graças ao sangue não apenas inglês, mas francês, belga, italiano, polonês, está, hoje em dia, em segurança em sua ilha. A França, a Bélgica, a Polônia são os postos avançados, expostos na linha de frente.*
>
> *A Inglaterra acredita que esteja conforme a suas tradições de lealdade, que esteja mesmo conforme a seus interesses mais evidentes, deixar seus aliados se esgotarem na luta para barrar o bolchevismo em marcha para o Ocidente, sem usar de toda sua influência e de todas as suas forças para ir em seu auxílio?*

Os interesses comerciais que determinam a orientação política do homem de Estado inglês são fáceis de ver. O que ele não se percebeu são as consequências que podem resultar de sua conduta com relação aos poloneses.

Se a Polônia, cedendo às sugestões inglesas, tivesse renunciado à luta, o bolchevismo, aliado ao islamismo, tão desastrosamente tratado na Turquia, teria se tornado mais perigoso ainda do que é hoje em dia.

Com a Polônia derrotada a aliança da Rússia bolchevista com a Alemanha seria certa.

Muito felizmente para nós __ e mais ainda, talvez, para a Inglaterra __ nosso governo teve uma visão totalmente diferente da situação do que a Inglaterra.

Com o caso dos poloneses parecendo desesperador, pois o exército vermelho estava às portas de Varsóvia, nosso presidente do conselho não hesitou em lhes socorrer, não apenas com o envio de munições, mas sobretudo fazendo com que seu exército fosse comandado pelo chefe do estado-maior do marechal Foch. Graças à influência desse general, os poloneses, que recuavam sempre sem se preocupar em combater, retomaram a coragem e, com algumas manobras hábeis, transformaram suas persistentes derrotas em uma vitória esmagadora.

Suas consequências foram imediatas: a Polônia livre, as esperanças da Alemanha decepcionadas, o bolchevismo repelido, a Ásia menos ameaçada.

Para chegar a esses resultados bastou ver de maneira correta e agir rápido. Nossos governantes são louváveis por terem dado provas de qualidades que, há algum tempo, haviam se tornado exceções neles.

*

* *

A política europeia vive de ideias antigas que correspondem a necessidades desaparecidas. A noção moderna de interdependência dos povos e a demonstração da inutilidade das conquistas não têm nenhuma influência sobre a conduta dos diplomatas. Eles permanecem convencidos de que uma nação pode se enriquecer arruinando o comércio de uma outra e que o ideal para um país é crescer através de conquistas.

Essas concepções gastas parecem chocantes aos povos que não compartilham de nossos preconceitos e de nossas paixões atávicas.

Um jornal do Brasil exprime seu espanto nas seguintes linhas, que traduzem bem as ideias do novo mundo:

Todos os povos do velho continente, qualquer que seja ele, têm uma concepção antiga do mundo e da vida. O que eles querem? Tomar. O que eles veem ao fim de uma guerra? A oportunidade de receber o mais que podem. É a concepção antiga, é o passado de numerosos séculos se fazendo sempre sentir nas grandes mentes, bem como nas massas, até mesmo nos meios socialistas e trabalhadores, onde as ideias estão confusas e os apetites exasperados simplesmente pelo egoísmo de classes.

Os homens de Estado europeus falam algumas vezes a linguagem do tempo presente, mas eles se guiam com as ideias dos tempos passados. A Inglaterra proclama bem alto o princípio das nacionalidades, mas ela se apodera ou tenta se apoderar do Egito, da Pérsia, das colônias alemãs, da Mesopotâmia etc. As novas pequenas repúblicas criadas com os cacos dos antigos impérios professam, também elas, grandes princípios, mas tratam igualmente de crescer às custas de seus vizinhos.

A paz só se estabelecerá na Europa quando a anarquia criada pelos erros de psicologia não dominar mais as almas. São necessários, às vezes, muitos anos para mostrar a um povo os perigos de suas ilusões.

*

* *

Tendo a guerra perturbado as doutrinas que guiam os comandantes de exército, bem com aquelas que alimentavam o pensamento dos homens de Estado, um empirismo incerto permanece como seu único guia.

Esse estado mental foi bem evidenciado num discurso pronunciado pelo presidente do conselho diante do parlamento francês.

Ele disse: “Fizemos a guerra no empirismo e a paz também, porque é impossível que seja de outra maneira. De doutrinas econômicas não há ninguém aqui”.

O empirismo representa forçosamente o período de início de todas as ciências, mas, ao progredir, elas tiram da experiência leis gerais que permitem prever a marcha dos fenômenos e desistir do empirismo.

Não há nenhuma necessidade de empirismo, por exemplo, para saber que quando um corpo cai livremente no espaço, sua velocidade num dado momento é proporcional ao tempo de sua queda e o espaço percorrido ao quadrado do mesmo tempo.

As leis da física são tão precisas que quando parece que elas não são verificadas pode-se estar certos de que há uma causa perturbadora, cuja grandeza é possível determinar. Foi assim que o

astrônomo Leverrier, ao constatar que um certo astro parecia não obedecer rigorosamente às leis de atração, concluiu que sua marcha devia estar sendo perturbada por influência de um planeta desconhecido. Da perturbação observada foi deduzida a posição do astro que produzia essa perturbação e logo ele foi descoberto no lugar indicado.

A psicologia e a economia são submetidas __ como, aliás, todos os fenômenos da natureza __ a leis imutáveis, mas essas leis nós conhecemos muito pouco e aquelas conhecidas sofrem tantas influências perturbadoras que se chega a duvidar das mais precisas, mesmo que elas tenham numerosas experiências como apoio.

É visível que os governantes europeus não possuíam __ nem durante a guerra, nem depois dela __ nenhuma regra fixa de conduta. Seu esquecimento de certas leis econômicas e psicológicas não impede a existência dessas leis. De seu desconhecimento eles foram frequentemente vítimas.

***

CAPÍTULO III

A paz dos professores.

Sumário

Aos erros de psicologia precedentemente enumerados é preciso acrescentar as ilusões que presidiram a redação do tratado de paz. Sua importância será demonstrada neste capítulo.

Poucos homens possuíram ao longo da história um poder igual ao do presidente Wilson quando, desembarcado na Europa, ele ditou as condições da paz. Durante o radiante período de seu poder, o representante do novo mundo permaneceu envolvido por um prestígio que os deuses e os reis nem sempre obtiveram no mesmo grau.

A se ouvir suas maravilhosas promessas, uma nova luz iluminaria o mundo. Aos povos saídos de um pavoroso inferno e temerosos de nele serem novamente mergulhados aparecia a aurora de uma paz eterna. Uma era de fraternidade substituiria a era das carnificinas e das devastações.

Essas vastas esperanças não duraram muito tempo. A realidade logo provou que os tratados tão penosamente elaborados não teriam outros resultados que não fosse precipitar a Europa na anarquia e o Oriente numa série inevitável de guerras. A quase totalidade dos pequenos Estados criados pelo fracionamento de antigas monarquias, logo invadiu seus vizinhos e nenhuma intervenção das grandes potências conseguiu, em muitos meses, acalmar suas fúrias.

Das diversas causas que transformaram em desilusões grandes esperanças, uma das mais ativas foi o desconhecimento de algumas leis psicológicas fundamentais que, desde a origem dos tempos, dirigem a vida das nações.

O presidente Wilson era o único personagem suficientemente poderoso para impor, com o esfacelamento da Europa, uma série de condições de paz que, pode-se dizer, fariam prevalecer o bom senso. Sabemos hoje que ele não foi seu único autor.

As revelações do embaixador americano Elkus, reproduzidas pelo **Matin**, mostraram que as diversas cláusulas do tratado tinham sido redigidas por uma pequena falange de professores.

Quando o presidente Wilson confiou ao coronel House a missão de escolher os futuros delegados, ele estipulou:

"__ Eu só quero professores universitários."

Inutilmente o coronel tentou lembrar que a América possuía grandes embaixadores, industriais que são os melhores da terra, homens de Estado que tinham uma profunda experiência da Europa.

"__ Eu só quero professores." Repetiu o presidente.

Foi então uma coorte de professores que povoou as comissões. "Curvados sobre os textos e não sobre as almas, eles interrogavam os grandes princípios abstratos e fechavam seus olhos aos

fatos". A paz se tornou assim o que o embaixador Elkus chama de "uma paz de professores". Ela mostrou mais uma vez a que ponto teóricos cheios de ciência, mas estranhos às realidades do mundo, podem ser desprovidos de bom senso e, por consequência, perigosos.

*

* *

O tratado de paz compreendia, na realidade, duas partes distintas: 1º) Criação de Estados novos, às custas sobretudo da Áustria e da Turquia; 2º) Constituição de uma Sociedade das Nações, destinada a manter uma paz perpétua.

No que concerne à criação de Estados novos às custas da Áustria e da Turquia, a experiência mostrou rapidamente, como eu já indiquei acima, o que valia uma concepção tal. Seu primeiro resultado foi a instalação por muito tempo nesses países da ruína, da anarquia e da guerra. Viu-se então o quanto foi quimérica a pretensão de refazer, a golpes de decretos, séculos de história. Foi realmente uma loucura fragmentar velhos impérios em províncias separadas, sem levar em conta suas possibilidades de existência. Todos esses países novos, divididos por divergências de interesses e ódios étnicos, não possuíam nenhuma estabilidade econômica e deveriam forçosamente entrar em conflito.

A minúscula Áustria atual é um produto das formidáveis ilusões políticas que levaram o senhor do Congresso a desagregar uma das mais antigas monarquias.

O que poderão fazer os Aliados quando a Áustria, reduzida à máxima miséria, reconhecer que só conseguirá viver se unindo à Alemanha? Só então os autores do Tratado de Paz constatarão o erro cometido ao destruir o bloco tão útil quão pouco perigoso que era constituído pela antiga Áustria.

Pretender refazer com uma folha de papel o edifício europeu lentamente edificado por mil anos de história, que vaidade!

O Sr. Mogenthau, embaixador da América, fez recentemente a seguinte descrição dos pequenos Estados fabricados pelas decisões do Congresso:

> *Que quadro é a Europa central de hoje! Aqui, uma poeira de pequenas repúblicas sem força física real, sem indústria, sem exército, com tudo a ser criado, buscando sobretudo se estender territorialmente, sem saber se terão força para tudo administrar, tudo controlar. E ali, um Estado compacto de 70 milhões de pessoas que sabem o valor da disciplina, que sabem que faltou pouco para que dominassem o mundo inteiro, que não se esqueceram de suas esperanças e que não se esquecerão de seus rancores.*

*

* *

A Inglaterra respeitou as utopias do presidente Wilson e sólidas realidades lhe foram concedidas em troca dessa tolerância. Ganhando imensos territórios, que a fizeram a verdadeira beneficiária da guerra, ela não teve nenhum interesse em se opor às partes do tratado que não diziam respeito a ela.

Ficando isolada, a França teve que sofrer todas as exigências da ideologia wilsoniana; exigências tão intransigentes quanto eram suas pretensões de serem derivadas da razão pura.

O erro manifesto do presidente Wilson e de sua equipe de acadêmicos foi justamente o de acreditar nesse poder soberano da razão sobre o destino dos povos. A história inteira poderia ter-lhes ensinado, no entanto, que os sentimentos e as paixões são os verdadeiros guias das coletividades humanas e que as influências racionais têm sobre elas uma ação mínima.

A política __ ou seja, a arte de conduzir as pessoas __ demanda métodos muito diferentes daqueles utilizados pelos professores. Eles devem sempre ter por base a noção fundamental de que os sentimentos são influenciados __ eu repito mais uma vez __ por sentimentos e não por argumentos racionais.

*

* *

A constituição da Sociedade das Nações, mesmo que distinta do tratado de paz, está intimamente ligada a ele. Seu objetivo era, com efeito, manter essa paz.

Ela começou com uma clamorosa derrota: a recusa do senado americano em aprovar a criação do presidente Wilson.

Idealistas, às vezes os dirigentes da América conservam, no entanto, uma clara visão das realidades e os discursos dos professores não os influenciam. O sucessor do Sr. Wilson resumiu os motivos de sua recusa nos seguintes termos:

> *O único pacto que aceitamos é o pacto com nossa consciência. É preferível ao contrato escrito que faz pouco caso de nossa liberdade de ação e aliena nossos direitos nas mãos de uma aliança estrangeira. Nenhuma assembleia mundial, nenhuma aliança militar forçará jamais os filhos desta república a partir em guerra. O supremo sacrifício de sua vida só poderá lhe ser pedido pela América e para a defesa de sua honra. Aqui há uma santidade de direito que não delegaremos jamais a ninguém.*

Falaremos mais adiante da Sociedade das Nações. Construída com dados contrários a todos os princípios da psicologia, ela só justifica as opiniões da América, ao mostrar sua inutilidade e sua impotência. Seria preciso, na realidade, uma dose prodigiosa de

ilusões para imaginar que um grande país como os Estados Unidos consentiria em se submeter às ordens de uma pequena coletividade estrangeira, sem prestígio e sem força. Seria admitir a existência na Europa de um tipo de supergoverno cujas decisões regeriam o mundo.

***

CAPÍTULO IV

O despertar do islã.

Sumário

A série de erros de psicologia, a qual dedicamos vários capítulos, não está fechada. Vamos examinar alguns outros ainda.

Há vários séculos a política britânica teve como objetivo constante o crescimento da dominação inglesa às custas de seus rivais __ a Espanha primeiro, a França mais tarde __ que pretendiam se opor à sua extensão. Ela conquistou deles sucessivamente a Índia, o Canadá, o Egito etc. O último de seus rivais, a Alemanha, tendo se desmoronado, ela pôde se apoderar de todas as suas colônias.

Aqui não é o lugar para examinar as qualidades de caráter e os princípios que determinaram tão persistentes sucessos. Destacaremos apenas que, confinados na preocupação exclusiva de ob-

jetivos utilitários, os homens de Estado ingleses professam um absoluto desdém por todas as ideologias e sempre tratam de adaptar sua conduta às necessidades do momento. Eles se enganam algumas vezes, mas não hesitam em reparar os erros cometidos modificando sua linha de conduta, sem se preocupar com ferimentos ao seu amor-próprio e com críticas que podem resultar de tais oscilações.

Um exemplo recente e de uma preponderante importância __ pois o futuro do Oriente depende disso __ mostra que profundas e rápidas reviravoltas pode sofrer a política inglesa.

Após ter mantido na Mesopotâmia duros combates e constatado que um exército de setenta mil homens não conseguiria vencer a resistência nativa, a Inglaterra desistiu bruscamente de uma expedição tão onerosa e improdutiva quanto a nossa na Síria. Retirando suas tropas, ela as substituiu por um soberano nativo, o emir Fayçal, que tivemos que expulsar de Damasco, em razão de sua persistente hostilidade.

O objetivo aparente dessa solução foi indicado num discurso pronunciado na Câmara dos Comuns: “Estabelecer, tendo a antiga Bagdá como capital, um Estado muçulmano que pudesse fazer reviver a antiga glória do povo árabe”.

A instalação de um inimigo declarado nas vizinhanças de nossas fronteiras na Síria não constituía, evidentemente, uma ma-

nobra amigável com relação à França; mas, na política inglesa, a utilidade é sempre colocada acima da amizade e não foi levada em conta nenhuma das observações do governo francês.

O novo soberano foi instalado com grande pompa em Bagdá e, como um privilégio excepcional, o rei da Inglaterra lhe enviou uma carta com calorosas felicitações.

Essa anexação mal disfarçada de uma das regiões mais ricas em petróleo do mundo, figurou dentre os ganhos numerosos que a diplomacia britânica dotou, deste o fim da guerra, a Inglaterra.

Os soldados ingleses foram substituídos por engenheiros que exploram o país em proveito da Grã Bretanha.

O novo rei da Mesopotâmia reinará não apenas sobre Bagdá, mas também sobre o enclave de Nínive e Babilônia, ou seja, sobre um território tão grande quanto a Inglaterra e célebre outrora por sua fertilidade.

Essa brilhante operação teria tido __ se o protetorado inglês tivesse conseguido se impor em todo o Oriente __ resultados mais importantes ainda do que simples lucros comerciais. O mais óbvio teria sido assegurar à Inglaterra uma rota terrestre ligando-a à Pérsia e à Índia. Se ela tivesse conseguido conquistar em seguida Constantinopla, seja diretamente, seja por intermédio dos gregos, o domínio britânico sobre o Oriente teria sido completo e sua he-

gemonia, à qual nossos pálidos diplomatas resistiram tão pouco, teria pesado cada vez mais sobre o mundo.

*

* *

A Inglaterra teria então reparado muito habilmente alguns dos erros cometidos no Oriente, mas erros psicológicos hoje em dia irreparáveis vieram arruinar por muito tempo seu poderio no Oriente.

Apoiar as aspirações contraditórias dos muçulmanos na Mesopotâmia, dos judeus na Palestina, dos gregos na Turquia constituiu uma política de aspecto maquiavélico, mas que, no entanto, Maquiavel teria certamente desaprovado. O ilustre florentino sabia bem, com efeito, que é sempre imprudente atacar os deuses ou seus representantes.

Os ingleses se esqueceram completamente desse princípio, quando pretenderam desmembrar a Turquia e destruir em Constantinopla o poder do sultão considerado por todos os muçulmanos como o "Comandante dos Crentes", representante de Deus aqui embaixo.

As consequências dessa concepção foram imediatas. Do Bósforo ao Ganges, passando pelo Egito, o mundo muçulmano se levantou.

Os políticos ingleses não compreenderam evidentemente o grande poder do Islã sobre as almas e não será inútil relembrar sumariamente suas origens e seu desenvolvimento.

*

* *

Os deuses novos não foram raros na história. Seu destino habitual foi perecer com o poder político dos povos que os viram nascerem.

Por uma rara sorte, o destino do islamismo foi bem outro. Não apenas ele sobreviveu à queda do imenso império criado por seus fundadores, mas o número de seus adeptos não para de crescer. Do Marrocos aos confins da China, duzentos e cinquenta milhões de pessoas obedecem a suas leis. Conta-se, hoje em dia, com setenta milhões de muçulmanos na Índia; trinta milhões na China; vinte milhões na Turquia; dez milhões no Egito etc.

A criação do império árabe, que os ingleses pretenderam fazer renascer em seu proveito, impondo em Bagdá um califa escolhido por eles, é uma das mais maravilhosas aventuras da história. Tão maravilhosa que até mesmo grandes escritores, como Renan, não conseguiram compreendê-la e sempre contestaram a originalidade da civilização que essa religião fez surgir.

Essa criação do império árabe, que eu vou relembrar em algumas linhas, permanecerá sempre ininteligível às mentes con-

vencidas de que é a lógica racional que governa a história e não se dão conta do imenso poder das forças místicas, das quais grandes acontecimentos derivam.

*

* *

No início do século VII de nossa era, vivia em Meca um obscuro cameleiro de nome Maomé. Por volta da idade de quarenta anos, ele teve visões nas quais o anjo Gabriel lhe dita os princípios da religião que deveria convulsionar o mundo.

Compreende-se que os compatriotas do novo profeta, que professavam então, sem convicções profundas, um politeísmo um pouco vago, tenham adotado facilmente uma religião nova, aliás muito simples, pois ela se limitava a proclamar que só havia um deus e que Maomé era seu profeta.

Explica-se menos facilmente a fulgurante rapidez com a qual a fé se difundiu em todo o mundo então conhecido e como seus adeptos encontraram nela a força necessária para fundar um império maior do que o de Alexandre.

Expulsos da Síria, de onde se acreditavam os senhores eternos, os romanos viram com estupor tribos nômades __ eletrizadas pela fé ardente que unificava suas almas __ conquistarem, em poucos anos, a Pérsia, o Egito, o norte da África e uma parte da Índia.

O vasto império assim formado se manteve durante vários séculos. Ele não constituía uma criação efêmera análoga àquelas de diversos conquistadores asiáticos, como Átila, pois ele foi a origem de uma civilização inteiramente nova, de um brilho reluzente, enquanto toda a Europa ocidental estava mergulhada na barbárie.

Em pouco tempo os árabes conseguiram criar monumentos tão originais que o olhar menos treinado os reconheceria a primeira vista.

O império dos árabes era muito vasto para não se desagregar. Ele se dividiu então em pequenos reinos que se enfraqueceram e foram conquistados por diversos povos __ mongóis, turcos etc.

Mas a religião e a civilização muçulmana eram tão fortes que todos os conquistadores dos antigos reinos árabes adotaram a religião, as artes e, muito frequentemente, a língua dos derrotados. Foi assim, por exemplo, que a Índia, submetida aos mongóis, continuou a se cobrir de monumentos muçulmanos.

E não apenas a religião dos árabes sobreviveu ao desaparecimento de seu poder político, mas, longe de enfraquecer, ela continuou a se estender. A fé de seus adeptos continua tão intensa que cada um deles é um apóstolo e age como apóstolo para propagar sua crença.

A grande força política do islamismo foi dar a povos diversos essa comunidade de pensamento que constituiu sempre um dos mais enérgicos meios de solidarizar pessoas de povos diferentes.

Os acontecimentos atuais mostraram o poder de um laço tal. Vimos que ele conseguiu fazer recuar no Oriente a formidável Inglaterra.

Os governantes britânicos ignoraram essa força do islamismo quando sonharam em expulsar os muçulmanos da Turquia. Eles só começaram a suspeitar disso ao verem não apenas os turcos, mas os muçulmanos do mundo inteiro se levantarem contra eles.

Os ingleses, que imaginaram poder manter Constantinopla, onde eles já tinham instalado um comissário que se fazia de mestre, descobriram então a grandeza de sua ilusão. Eles a compreenderam principalmente quando os turcos, derrotados e quase sem armas, recusaram a paz que se queria lhes impor e expulsaram os gregos de Smyrna. Hoje em dia o islã se tornou suficientemente forte para fazer frente à Europa.

***

CAPÍTULO V

A incompreensão europeia da mentalidade muçulmana.

Sumário

O despertar do islã, que foi sumariamente lembrado, espantou profundamente a Europa. A mentalidade muçulmana é geralmente tão incompreendida que não será inútil lhe dedicar algumas páginas.

O Oriente sempre encantou seus visitantes. Ele me seduziu em minha juventude, a ponto de, após tê-lo percorrido, escrever um livro sobre **La Civilisation des Arabes**[1].

Apesar de muitos pedidos eu jamais consenti em reeditá-lo porque demandaria muito trabalho para ser completado. Se eu o menciono aqui é simplesmente para indicar que o autor da presente obra não é totalmente incompetente nas questões relativas ao Oriente.

[1] A obra foi publicada com grande luxo pela casa Didot, que lhe dedicou mais de cem mil francos. A edição francesa está esgotada há muito tempo e quando ela aparece por acaso numa venda de biblioteca particular, seu preço atinge cifras incríveis. Sua tradução em língua árabe serve ainda ao ensino de centenas de estudantes da mesquita El-Azhar, no Cairo, verdadeira universidade muçulmana. A obra foi traduzida para o hindustão por um dos ministros de Nizam d'Hyderabab.

No que concerne aos muçulmanos modernos, herdeiros dos árabes, eu estive algumas vezes, antes da guerra, em contato com eles a propósito das traduções turcas e árabes[2] de vários de meus livros. Poucos meses antes das hostilidades, o grão vizir, ministro dos negócios estrangeiros do império otomano, Said Halim Pacha, me solicitou, através de seu embaixador em Paris, que fosse fazer algumas conferências de filosofia política em Constantinopla.

Eu sempre lamentei que minha saúde me tivesse impedido de aceitar essa proposta, estando convencido __ como era também a opinião de meu ilustre amigo Iswolsky, então embaixador da Rússia em Paris __ de que não teria sido impossível manter os turcos na neutralidade. Mesmo com a luta desencadeada, teria bastado, como constatou mais tarde um ministro inglês diante do parlamento, que se encontrasse um almirante suficientemente ousado para seguir **Le Goeben** e **Le Breslau**, quando eles entraram em Constantinopla. Esse foi um desses casos em que o valor de um homem pode representar milhares, pois a neutralidade dos turcos teria sem dúvida abreviado a guerra em dois anos. Nelson foi, outrora, para a Inglaterra, um desses homens. Quantos como ele se encontra em séculos?

[2] As melhores traduções de meus livros em árabe são as de Fathy Pacha, ex-ministro da justiça no Cairo. As traduções em turco são as do Dr. Djevdet Bey.

*

* *

"Conhecer a si mesmo é difícil", diz um antigo adágio; conhecer os seres que nos rodeiam é mais difícil ainda. Determinar a mentalidade e, por consequência, as reações, em dadas circunstâncias, de um povo cujo passado e crenças diferem dos nossos, parece quase impossível. É, em todo caso, um conhecimento que a maior parte dos homens de Estado atuais se mostram desprovidos em grau extremo.

Os acontecimentos dos últimos dez anos justificam plenamente esta afirmação.

Se os alemães perderam a guerra, foi porque, dentre todos os seus dirigentes, não houve um só suficientemente perspicaz para adivinhar as reações possíveis da Bélgica, da Inglaterra e da América diante dos atos que mentes com um mínimo de perspicácia teriam facilmente previsto as consequências.

O Congresso de Lausanne forneceu um novo exemplo de incompreensão total da alma de um povo.

Essa incompreensão é mais surpreendente ainda pelo fato de que a França e a Inglaterra constituem, por causa de suas colônias, grandes potências muçulmanas. As relações frequentes com os muçulmanos teriam permitido conhecê-los.

Porém, o primeiro Congresso de Lausanne e o segundo também, provaram que eles não eram conhecidos, de maneira alguma. A incompreensão não teria sido mais completa se barões do tempo de Carlos Magno e professores de uma escola de direito moderna estivessem em presença.

Um insucesso tão completo quanto fácil de prever resultou dessa incompreensão. A discussão que deveria terminar em algumas horas durou meses.

*

* *

Ninguém falou do Crescente nem da Cruz ao longo dessas conferências. Mas foi, no entanto, a luta entre esses dois símbolos que constituiu sua alma secreta.

Mencionamos a pouco que foi por sua incompreensão do islã que o império britânico perdeu a Pérsia, a Mesopotâmia, o Egito e vê a Índia ameaçada. Presbiteriano ardente, o ministro inglês, Sr. Lloyd George, verdadeiro autor de todos esses desastres, pensava que, com uma revanche sobre o Crescente, expulsaria os turcos da Europa empurrando os gregos rumo à Constantinopla. Ele se deparou com uma fé mística tão forte quanto a sua e todo poderio colonial da Inglaterra foi abalado no mesmo golpe.

*

* *

Os meios de unificar os interesses e os sentimentos de uma poeira de pessoas para fazer dela um povo não são numerosos, pois eles se reduzem a três: a vontade de um líder, leis respeitadas, uma crença religiosa muito forte.

Da vontade de um líder derivaram todos os grandes impérios asiáticos; o dos mongóis, particularmente. Eles duram enquanto duram as capacidades do líder e de seus sucessores.

Aqueles criados sobre uma religião aceita são muito mais fortes. Se o código religioso sobrevive, ele continua o papel de unificação.

Essa ação de uma fé religiosa se torna __ em casos raros, aliás __ suficientemente forte para unificar povos diferentes e lhes dar um pensamento comum gerador de vontades idênticas.

Para os discípulos do Corão, o código civil e o código religioso, tão completamente separados no Ocidente, são inteiramente confundidos.

Aos olhos do muçulmano, toda força vem de Alá e deve ser respeitada qualquer que seja o resultado, pois esse resultado representa a vontade de Alá.

Permitindo aos turcos expulsar de Smyrna os infiéis, era visível que Alá fornecia sua proteção a seus discípulos. Essa prote-

ção pareceu ter acontecido de maneira mais manifesta ainda em Lausanne, pois os delegados europeus não puderam resistir aos delegados muçulmanos.

Os Aliados cederam, efetivamente, em todos os pontos importantes. Compreendendo melhor a alma muçulmana, eles saberiam que ela só se inclina diante da força. A necessidade de se entender para impor uma vontade comum em assuntos fundamentais teria se tornado então evidente e a paz no Oriente, tão ameaçada hoje em dia, seria estabelecida por muito tempo.

*

* *

Não se poderia contestar, aliás, a justiça de certas reclamações muçulmanas. Com sua civilização valendo o mesmo que a dos outros povos balcânicos __ sérvios, búlgaros etc. __ eles tinham o direito de serem os senhores de sua capital, Constantinopla, apesar das cobiças da Inglaterra. Por outro lado, eles não tinham o direito de renegar suas dívidas e, particularmente, os vários bilhões que a França lhes emprestou.

Sobre este ponto, bem como sobre muitos outros, as exigências dos delegados turcos em Lausanne passaram de todos os limites. Seu tom foi frequentemente aquele dos vitoriosos diante dos derrotados.

Graças à pobre psicologia dos mandatários do Ocidente, o prestígio europeu no Oriente está destruído por muito tempo. Porém, o prestígio sempre foi a mais sólida base da potência de um povo.

A desculpa dos turcos, fora os motivos religiosos explicados acima, é a incontestável injustiça da Inglaterra com relação a eles, quando ela sonhava em expulsá-los da Europa e sobretudo de Constantinopla, por intermédio dos gregos.

A única razão dada para essa expulsão era o hábito atribuído aos turcos de massacrar constantemente seus súditos cristãos. Destacou-se justamente que se os turcos tivessem cometido a décima parte dos massacres que os acusava o governo inglês, não haveria mais cristãos no Oriente há muito tempo.

A verdade é que todos os balcânicos, qualquer que seja sua etnia ou sua crença, são grandes massacradores. Eu tive ocasião de dizer isso pessoalmente ao Sr. Venizelos. Decapitar o adversário é a única figura de retórica admitida nos Bálcãs.

Esse método só tomou, aliás, sua considerável extensão depois que a política britânica deu a independência a províncias outrora submetidas à Turquia. Sabe-se com que fúria os búlgaros, os sérvios etc. se precipitaram uns contra os outros, assim que foram liberados dos entraves pacíficos que o regime turco opôs a suas violências.

A fraqueza dos Aliados em Lausanne terá consequências funestas. Dentre os documentos que permitem prevê-las eu vou citar a carta cheia de judiciosas observações de um dos melhores comandantes militares na Síria:

> *No aspecto político e militar eu creio que teremos um ano movimentado. Só se poderá tratar com os turcos quando se mostrar a eles que se é o mais forte, sendo a força o único argumento que conta com eles. Porém, em Lausanne, deixou-se que eles assumissem ares de vencedores. Resultado: eles estão intransigentes e pensam que o mundo treme diante deles.*
>
> *O povo de Angorá reivindica abertamente Alexandrette, Antioquia e Alep, embora essas regiões tenham sido reconhecidas como pertencentes à Síria pelo último acordo franco-turco e que sejam povoadas por árabes. Mesmo que os turcos estejam em minoria lá, eles tentam retomá-las. Deve-se esperar ver se reproduzirem os mesmos acontecimentos que na Cilícia: guerra não oficialmente declarada, mas bandos cada vez mais ativos, compostos por habitantes se dizendo insurgidos contra a dominação francesa, mas que, na realidade, são regulares turcos disfarçados e comandados por oficiais turcos ou alemães. Esses bandos atacarão os pequenos postos, os comboios, cortarão estradas e*

ferrovias; eles serão cada vez mais numerosos, terão até mesmo canhões e nos obrigarão a uma guerra de guerrilhas penosa e difícil, em que os turcos esperam atingir o resultado que eles anunciaram: indispor os sírios com os franceses e os franceses com a Síria.

*

* *

Para um filósofo, essa nova atitude dos muçulmanos é cheia de ensinamentos. Ela mostra, uma vez mais, a que ponto as forças místicas que sempre regeram o mundo continuam a regê-lo ainda.

A Europa civilizada, que se acreditava livre das lutas religiosas, se encontra, mais do que nunca, ameaçada por elas.

Não é somente contra o islamismo, mas contra o socialismo e o comunismo, que se tornaram religiões novas, que as civilizações terão que combater. A hora da paz e do repouso parece muito distante.

***

CAPÍTULO VI

O problema da Alsácia.

Sumário

Nossa enumeração dos erros psicológicos não está terminada. Veremos sua perniciosa ação ser exercida na Alsácia.

O ponto crítico da guerra foi a posse da Alsácia. Ela havia se tornado um símbolo, uma bandeira. Se a Alemanha a tivesse conservado, sua hegemonia teria sido definitivamente estabelecida.

Toda a argumentação da Alemanha se resumia em pretender que a Alsácia é um país alemão, habitado por uma etnia alemã ou pelo menos germanizada há muito tempo. A Alsácia deveria então, em nome do princípio das nacionalidades tantas vezes invocado pelos Aliados, fazer parte do império germânico.

Reduzido a este princípio, o problema parece muito simples. Se a Alsácia é um país alemão, povoado por uma etnia alemã, ou pelo menos germanizada, as pretensões germânicas seriam justificadas. Elas não o seriam, pelo contrário, se provas científicas demonstram: 1º) que a Alsácia é ocupada desde muitos séculos por uma etnia céltica; 2º) que, apesar de todas as conquistas, ela sempre soube manter sua independência e suas instituições, até mesmo quando ela esteve sob o protetorado da França para escapar das perpétuas ameaças germânicas.

Esses fatos fundamentais estão um pouco confusos nas obras sobre a Alsácia. Os argumentos de ordem sentimental tomam nelas um lugar preponderante e eu solicitei ao cientista historiador

Battifol que escrevesse, para a **Bibliothèque de Philosophie Scientifique**, que eu dirijo, um livro composto segundo os métodos modernos, sobre as origens e a evolução da Alsácia. É deste volume, que tem por título **Les Anciennes Republiques Alsaciennes**, que eu retirarei os documentos mais importantes deste capítulo.

*

* *

Examinemos sucessivamente: 1º) se as populações alsacianas pertencem a uma etnia alemã; 2º) se, não sendo alemãs, elas acabaram por ser germanizadas ao longo dos séculos.

A menos discutida das características que permitem classificar as etnias humanas é, após a cor da pele, a forma do crânio. Ninguém contesta que um branco, um negro ou um amarelo pertencem a etnias diferentes. Não se contesta também que uma etnia com crânio braquicéfalo __ ou seja, quase esférico __ não tem parentesco com uma etnia dolicocéfala __ ou seja, com crânio alongado.

Até mesmo os alemães consideram essa característica como tão importante que é sobretudo sua dolicocefalia que eles invocam para justificar a pretensão de ser uma raça superior destinada a dominar o mundo.

Porém, pesquisas efetuadas por antropólogos alemães dos mais reputados sobre crânios alsacianos provenientes de cemitérios e pertencentes a todas as épocas, desde mais de 2.000 anos, mostraram que o alsaciano é um dos povos mais braquicéfalos do mundo.

A persistência dessa braquicefalia através das eras mostra que a etnia alsaciana jamais foi modificada por cruzamentos. Da permanência dessa característica o doutor Bayer deduziu que "todo cruzamento com estrangeiros devia ser severamente interdito por leis matrimoniais ou por preconceitos mais fortes do as leis".

Mesmo com a anexação da Alsácia ao império germânico, a pureza da raça se manteve. Os espécimes cranianos do tipo dolicocéfalo não atingem 2 por cento.

Longe de ter se tornado menos braquicéfalo do que seus pais, o alsaciano contemporâneo o é mais ainda. Seu índice cefálico se revela idêntico ao dos baixo-bretões.

Os dados psicológicos confirmam esses dados anatômicos. No caráter alsaciano se encontram muitos elementos do caráter céltico, particularmente o amor pela liberdade e a antipatia pelo estrangeiro.

Disso decorre essa primeira conclusão: que o bloco alsaciano é um dos mais homogêneos da Europa. Ele faz parte dos grupamentos humanos, num número bem pequeno hoje em dia, que

souberam conservar suas características anatômicas e psicológicas, apesar de todas as influências estrangeiras.

*

* *

Longe então de pertencer a uma etnia alemã, os alsacianos constituem, segundo o testemunho dos próprios cientistas alemães, uma etnia sem parentesco com as populações germânicas.

Mas, mesmo sendo uma etnia especial, os alsacianos poderiam ter sido germanizados e justificar assim as reivindicações da Alemanha.

A história vai nos mostrar essa face do problema.

Fixada entre o Reno e os Vosges, a Alsácia foi por muito tempo considerada como quase impenetrável. O Reno, com braços múltiplos, submetido a um regime torrencial, com vaus raros e variáveis, constituía, com os Vosges, um obstáculo completo às invasões. Essas montanhas escarpadas, pouco cortadas por vales, só ofereciam passagem ao norte e ao sul, pela garganta de Belfort e o estreito de Saverne. Contornar a Alsácia era muito mais fácil do que atravessá-la.

Essa disposição geográfica é uma das causas principais que assegurou por muito tempo a independência aos alsacianos e manteve em sua integridade a pureza de sua raça e a continuidade de suas instituições políticas e sociais.

Um outro motivo deveria contribuir para conservar à Alsácia sua personalidade. A riqueza e a variedade de sua produção lhes permitiram ao longo dos séculos passarem sem a ajuda de seus vizinhos. Ela permaneceu uma população agrícola, de costumes estáveis, tradicionais, um pouco desconfiada, com patriotismo local que não ultrapassa os limites de cada cidade e que não tendem a se orientar rumo a um centro político. Ela permaneceu, por essa razão, dividida em cidades independentes, como Estrasburgo.

A continuidade das características anatômicas e psicológicas dos alsacianos bastaria para retirar todo valor das afirmações de alguns historiadores germânicos que asseguram que a Alsácia foi povoada desde sua origem por tribos germânicas, os triboques. Tácito e César tinham, aliás, desmentido formalmente essa afirmação. Em sua época, a Alsácia era habitada há muito tempo por uma etnia céltica, os sequanes.

A etnia primitiva que ocupou a Alsácia desde períodos ignorados da pré-história se perpetuou ao longo das eras, como demonstramos, sem modificar suas características, a despeito da ação dos povos muito diferentes que a conquistaram.

Toda a história da Alsácia revela seus esforços para eliminar as influências estrangeiras.

Durante a ocupação romana, esse esforço foi fácil. Roma respeitou sua independência e não tocou em suas instituições, nem em suas liberdades. A fase da dominação romana e a da dominação francesa dos séculos XVII e XVIII foram, para os alsacianos, os mais felizes de sua história.

*

* *

O fluxo das grandes invasões afetou muito pouco a Alsácia. Acontecendo por Bâle e Belfort ou pela Bélgica, para evitar os obstáculos geográficos, ela foi deixada quase intacta.

Clóvis a incorporou ao seu reino com sua vitória de Soissons sobre Syagrius em 485, mas ela não sofreu com isso. Ligada a princípio à sorte da Gália romana, ela permaneceria ligada à França até por volta do século XI, manifestando por ela tanta simpatia quanto aversão pelos germânicos.

Quando, sob os sucessores de Carlos Magno, os alemães procuraram se apoderar da Alsácia, se abriu um período de lutas, muito instrutivo para o entendimento do problema que tratamos, pois ele mostra a que ponto foi profunda e constante a resistência dos alsacianos às influências germânicas.

O tratado de Verdun, em 843, não os concedeu à Alemanha, mas fez de seu país um Estado intermediário onde reinava Lothai-

re, neto de Carlos Magno. Foi somente em 855 que Luís, o Germânico, uniu a Alsácia à Alemanha.

Nem a Alsácia nem a França aceitaram essa violência. Durante um século e meio os alsacianos não pararam de solicitar a ajuda da França. Mas, obrigados a se defender na outra extremidade do reino contra os normandos, nossos reis foram forçados a abandonar a Alsácia, após tê-la reconquistado várias vezes.

Em 979 a Alsácia pode ser considerada como definitivamente ligada à Germânia. Nesta data começam para ela lutas repetidas e uma insegurança permanente. Ela foi conquistada, mas não subjugada. A continuação de sua história prova isso claramente.

*

* *

Tendo as competições dos imperadores germânicos coberto o país de ruínas, os alsacianos conseguiram se defender fundando cidades fortificadas que prosperaram cada vez mais e se transformaram no século XIII em pequenas repúblicas independentes. Os imperadores favoreceram, aliás, seu desenvolvimento, para contrabalançar o poder dos senhores e declararam várias dentre elas "vilas imperiais", que apenas se reportavam à sua autoridade.

Essa dependência vaga e distante constituiu uma independência real para as novas repúblicas; Estrasburgo, particularmente. Elas próprias votavam sua constituição, inspiradas na organização

romana. A autoridade principal pertencia a conselheiros análogos aos cônsules romanos. Seu papel consistia sobretudo em descartar a ingerência alemã.

Cada cidade que se governava livremente formou, como já mencionei, uma pequena república que exercia direitos de soberania, cunhando moeda, legislando por conta própria e só se ligando ao império por um laço puramente honorífico.

Essas diversas repúblicas formavam tropas, enviavam embaixadores e estabeleciam alianças sem nenhuma autorização do imperador. A exemplo dos cantões suíços, elas se uniam às vezes entre elas para resistir às invasões; como a de Carlos, o Temerário, particularmente. Em 1354, o imperador da Alemanha, Carlos IV, sancionou a célebre união de dez cidades alsacianas, chamada de Decápole, que conferiu unidade à Alsácia sob um protetorado germânico nominal.

À Alsácia não faltou, aliás, ocasião de provar sua independência: recusa em pagar imposto ao império; recusa em concordar com a entrada nas cidades de soberanos que elas não reconheciam ou de se aliar com eles. Foi assim que em 1492 a Alsácia se recusou claramente em marchar com o imperador Maximiliano contra a França.

As repúblicas alsacianas se mostraram sempre muito democráticas. Elas expulsaram várias vezes os nobres ou os obrigaram,

se queriam votar, a se declarar burgueses. Foi sempre a mesma característica de independência que não podia suportar nenhum jugo, político ou social.

A presença de estrangeiros, mesmo simples trabalhadores, foi em todo tempo antipática aos alsacianos. Quando os progressos da indústria os forçaram a tolerá-los, eles formaram uma classe a parte, que pagava um imposto especial. A cidade alsaciana da Idade Média era tão impenetrável a toda influência estrangeira quanto as cidades gregas na antiguidade.

*

* *

A Alsácia acolheu favoravelmente a Reforma, que combinava com seu espírito de independência, mas isso foi para ela uma fonte de lutas prolongadas com os soberanos alemães.

Para escapar deles os alsacianos se voltaram para a França, a qual, desde a época romana, havia conquistado tanto sua simpatia que os imperadores germânicos não paravam de lhes reprovar esse gosto por ela.

Sob o ministério de Richelieu a simpatia se tornou aliança. Mas os reis da França não tinham, de maneira alguma, a intenção de anexar a Alsácia, contrariamente às alegações alemãs, que insistem em dizer que esse país lhes foi arrancado pela força. Foi por elas mesmas, sucessivamente e por consentimento do povo

consultado, que as repúblicas alsacianas prestaram juramento à França em troca de sua proteção até à paz geral.

Quando, após a extensão do protetorado francês a várias cidades alsacianas, a Alsácia inteira, salvo Estrasburgo, suplicou a Luís XIII que estendesse sua proteção sobre todo o país. Richelieu se opôs a isso de início e só consentiu após as repetidas solicitações dos alsacianos.

O protetorado da França deixou, aliás, o país muito independente. As cidades alsacianas mantiveram sua liberdade de consciência e suas instituições. Nada foi mudado. Uma pequena guarnição francesa mantida pelo rei assegurou a defesa das cidades.

Por ocasião da paz de Westphalia, que pôs fim à Guerra dos Trinta Anos, o protetorado francês, que era apenas provisório, se transformou em anexação definitiva. A Alemanha cedeu, em 1648, a Alsácia ao rei da França, com toda a soberania, exceto Estrasburgo.

*

* *

Após ter escapado do absolutismo germânico, a Alsácia manifestou um instante de apreensão diante do absolutismo da monarquia francesa. Sua inquietação não foi longa. O país conservou todas as suas liberdades; a de culto, particularmente. Respeitador

dos tratados[3], Luís XIV, apesar do ardor de sua fé, jamais pensou em lhe impor a revogação do Édito de Nantes, mesmo com mais da metade dos alsacianos sendo católicos.

Nenhum imposto foi estabelecido. A aduana francesa não se estendeu à Alsácia. Os representantes do rei se limitaram apenas em unificar a administração da justiça, das finanças, em garantir a paz ao país, a ordem e a segurança. Ele prosperou tanto que a população, reduzida em um terço pelas guerras, dobrou rapidamente.

*

* *

A mesma política liberal continuou sob os sucessores de Luís XIV.

Progressiva e voluntariamente a alma alsaciana se impregnou de civilização francesa, como ela havia sido outrora impregnada pela civilização romana. Nossas ideias e nossas ações dirigiram sua evolução moral e a agregaram cada vez mais à grande pátria.

Os próprios alemães __ Goethe, particularmente __ reconhecem que, no final do século XVIII, a Alsácia era completamente francesa.

[3] Artigo 47 do Tratado 4, de Munster (1618), artigo 5, § 25, do Tratado de Osnabrück.

A Revolução Francesa acabou por transformar seu particularismo num patriotismo nacional ardente. Sabe-se do empenho dos voluntários alsacianos em 1792 e de como Estrasburgo, famosa cidade por tanto tempo entrincheirada em sua política local, entoou pela primeira vez o hino francês, símbolo das novas aspirações dos povos.

Até 1871 a Alsácia não tem uma história particular. Sua história é a da França, da qual ela constituiu uma das mais fieis províncias.

*

* *

Durante os cinquenta anos que se seguiram à guerra de 1871, a Alemanha exerceu sobre a Alsácia um poder absoluto. Ela poderia ter sido suave e agradável ao país a ponto de seus habitantes desejarem permanecer sob o domínio de seus novos senhores.

Sabe-se que não foi nada disso e que a Alsácia sofreu uma opressão tão intolerável que 250.000 franceses preferiram deixar o país a suportá-la. Eles foram substituídos por 300.000 alemães que jamais conseguiram, aliás, se misturar ao resto da população.

Nem pela caserna, nem pela escola, nem pelas instituições, a Alemanha conseguiu germanizar a Alsácia. Seu insucesso nos tempos modernos se mostrou tão completo quanto no passado. É

impossível então que eles pretendam ter feito da Alsácia uma terra alemã.

Sabe-se com que entusiasmo os alsacianos celebraram seu retorno à França. O regime alemão havia se tornado odioso para eles, não em razão das instituições germânicas, já que algumas eram excelentes, mas por causa da dureza e da brutalidade dos agentes que as aplicavam. Por causa de sua incapacidade em compreender as características de outros povos, os alemães __ eles próprios reconhecem isso __ sempre se fizeram odiados pelos povos que governaram, até mesmo quando sua ação econômica lhes prestava incontestáveis serviços.

Foi apenas em matéria religiosa, tão importante para a Alsácia, que a dominação germânica não se mostrou opressiva. Esperando conquistar o povo pela influência do clero, os alemães aumentaram muito os vencimentos dos ministros de culto e respeitaram o Concordat, que regia as relações com Roma.

Os ensinamentos da história lhes haviam mostrado que não se deve tocar nas crenças religiosas dos povos.

*

* *

A França vitoriosa não deu prova, a princípio, da mesma sagacidade.

Quando a comissão encarregada, por ocasião da paz, de estabelecer a situação religiosa da Alsácia-Lorena, exigia a sua frente um espírito imparcial, colocou-se nela um dos francos-maçons mais notoriamente intolerantes, o presidente do convento maçônico do Grande Oriente.

Os alsacianos católicos ficaram naturalmente indignados com uma escolha tal. As passagens que eles reproduziram dos discursos desse franco-maçom não poderia deixar nenhuma dúvida sobre suas opiniões.

Aos alsacianos que desejam essencialmente que suas crianças recebam uma instrução religiosa e sejam levadas à igreja pelo professor, o intransigente presidente da comissão declarou que é preciso “livrar a escola das confissões e o cérebro humano das ilusões e da mentira”. “Nem Deus, nem senhor”, tal era sua fórmula.

Essas intolerantes concepções são manifestações do terrível espírito jacobino que __ tanto em política, quanto em religião __ custaram tão caro à França.

O jacobino, se acreditando detentor da verdade pura, pretende impô-la pela força assim que lhe dão o poder. Os deuses que ele adora nos templos francos-maçons são os únicos verdadeiros deuses e ele não consegue tolerar outros. Possuidor de certezas evidentes, ele não admite que elas sejam negadas e considera co-

mo um dever extirpar esse erro. Disso resulta a intolerância selvagem que os domina.

Após alguns meses de tentativas, foi preciso reconhecer que a mentalidade jacobina era inaplicável à Alsácia.

Já era um pouco tarde. Chegou o dia em que o tratado de paz deveria proteger a Alsácia contra a mentalidade jacobina confiando a administração da Alsácia aos alsacianos.

Eu não creio necessário explicar aqui o porquê. O alsaciano quer permanecer alsaciano. Ele quer que se respeite sua fé religiosa, suas escolas e seus costumes.

Se queremos que a Alsácia não lamente a perda da Alemanha, a França deve enviar para lá apenas administradores inteiramente livres do espírito jacobino.

***

CAPÍTULO VII

A situação financeira atual. Quais são os povos que pagarão os custos da guerra.

Sumário

O desequilíbrio atual do mundo não tem como única origem os erros psicológicos. Ele tem também como causa toda uma série de ilusões de ordem econômica e também de ordem jurídica.

O direito e a justiça representam criações humanas que a natureza não conhece. É mesmo porque ela os ignora que seus progressos puderam ser realizados.

As leis naturais funcionam com a regularidade de uma engrenagem. Protestamos contra seu rigor quando elas se opõem a nossos sentimentos, mas esses protestos são inúteis.

Jamais uma época foi tão submetida quanto a nossa às leis econômicas. Jamais, no entanto, os povos se insurgiram tanto contra elas.

A Europa assiste precisamente hoje em dia a uma conflagração violenta entre as necessidades econômicas e os sentimentos de direito e de justiça que se chocam contra essas leis.

O problema das reparações é a origem desse conflito. De acordo com nossas concepções do direito e da justiça, os alemães devem reparar suas devastações. Mas as leis econômicas que regem a interdependência atual dos povos têm uma força tal que não apenas reparações completas são quase impossíveis, mas também os custos que elas acarretam, em vez de recaírem sobre os derrotados, atingiriam não apenas os vencedores, mas também neutros estranhos à guerra.

Algumas breves explicações bastarão para justificar essas afirmações.

*

* *

Destaquemos primeiro que as explicações seguintes se aplicam ao estado atual da Alemanha, mas de maneira alguma a seu estado anterior, por ocasião do armistício.

Conta-se que, após ter ouvido o marechal Foch expor as condições do armistício, um dos delegados germânicos perguntou timidamente qual a soma que a Alemanha teria que desembolsar. O generalíssimo foi obrigado a responder que seu governo não tinha lhe dado nenhuma instrução a esse respeito.

Sabe-se hoje que, temendo uma capitulação de seu exército e a entrada das tropas aliadas em Berlim, a Alemanha estava disposta a gastar somas consideráveis, que ela havia obtido de seus industriais cujas fortunas não haviam sido atingidas e de um empréstimo no exterior. Este empréstimo teria sido facilmente conseguido, pois, se os alemães foram militarmente derrotados, seu crédito comercial não foi abalado. Durante as negociações de paz ela ofereceu cem bilhões.

Passado este período, os alemães pensaram numa maneira de fugir desses pagamentos. Pelo processo de inflação, eles conseguiram anular quase totalmente o valor de sua moeda e tornar assim impossível qualquer pagamento.

Em um de seus discursos, nosso ministro das finanças, Sr. de Lasteyrie, resumiu assim a situação atual:

Durante quatro anos, a Alemanha só procurou ganhar tempo, para livrar-se do acordo entre os Aliados. Jamais, em momento algum, ela teve a intenção de nos pagar.

Mesmo quando ela se dizia incapaz de nos pagar ela encontrou bilhões para desenvolver seu parque industrial, reconstituir sua marinha mercante, construir estradas de ferro e canais, desenvolver e embelezar suas cidades.

No fim do último ano ela solicitou uma moratória de vários anos, sem oferecer em troca a menor garantia aos aliados. Se tivéssemos tido a loucura de aceitar isso, teria sido para nosso país um verdadeiro desastre. Haveria, aliás, pessoas suficientemente ingênuas para achar que se a Alemanha tivesse encontrado um meio de ficar vários anos sem nos pagar, ela teria consentido posteriormente, quando ela estivesse recuperada, em retomar os pagamentos?

Se o plano da Alemanha tivesse dado certo, qual teria sido a situação de nossos dois países?A Alemanha, por causa da falência do marco, teria repudiado sua dívida interna; sem o pagamento das reparações ela teria suprimido sua dívida externa. Livre do peso esmagador das dívidas de guerra, que recai pesadamente sobre todos os antigos beli-

gerantes, ela estaria numa situação econômica incomparável. Em todos os mercados do mundo ela teria reinado absoluta. Com sua concorrência impiedosa ela teria arruinado o comércio exterior da maior parte dos Estados e provocado no mundo inteiro uma crise terrível de desemprego.

Neste ínterim, a França, que teve a honra de respeitar seus compromissos, que teve que suportar a carga esmagadora de suas reparações, estaria com uma dívida de várias centenas de bilhões. Esmagados por impostos, o comércio, a indústria, a agricultura teriam paralisados seus investimentos. Isto é direito? Isto é justiça?

*

* *

Essas realidades, que se tornaram evidentes hoje em dia, a todos os olhos, não eram muito difíceis de prever. No entanto, nenhum dos diplomatas que presidiram nossos destinos durante a redação do tratado de paz viu que a Alemanha, bastante solvente no momento do armistício, graças aos empréstimos que ela pôde facilmente contratar, buscaria mais tarde se livrar das anuidades imaginadas por diplomatas suficientemente ingênuos para acreditarem possível obrigar um povo a pagar durante quarenta anos um tributo anual considerável.

Só após quatorze conferências reunidas em quatro anos que esses diplomatas começaram a compreender a política alemã. Ela foi, aliás, apoiada pela Inglaterra, que pouco se preocupava em ver o dinheiro alemão passar para as mãos francesas, em vez de ser despejado nos cofres do comércio britânico.

Despertada de suas ilusões, a França se decidiu pela ocupação do Ruhr, mas a situação econômica da Europa havia singularmente mudado.

Essa ocupação, que talvez dê à França segurança, não parece que vá fornecer muitas reparações.

*

* *

Os acontecimentos mudaram, com efeito, de tal maneira, que os Aliados, apesar de todas as pressões que eles poderão exercer, têm poucas chances de obter qualquer reparação.

Para mostrar isso, devemos primeiro dar algumas indicações sobre a situação financeira de alguns países.

Destaquemos em primeiro lugar que o problema das reparações não constitui de maneira alguma a única causa das perturbações econômicas da Europa, como pretendem os ingleses e que, se os alemães pagassem suas dívidas, nosso orçamento não retomaria, por causa disso, seu antigo equilíbrio, como se acredita geralmente.

Num discurso pronunciado no Senado em 5 de novembro de 1922, o senhor senador Bérenger mostrou que o conjunto de nossas dívidas (dívida pública, 337 bilhões; reparações, 132 bilhões etc.) chegava a 475 bilhões e acrescentou:

> *Se comparássemos o passivo com o ativo, perceberíamos que, mesmo se a Alemanha executasse suas obrigações e se os governos estrangeiros nos pagassem suas dívidas, o Estado francês ainda estaria diante de um passivo final de 415-129=346 bilhões de francos ao câmbio do dia.*

*

* *

Qual é e qual será proximamente nossa situação financeira?

Ela não parece brilhante, mesmo que seja difícil dizer a que montante exato chega o total de nossas dívidas.

Para dissimular um pouco a sinistra grandeza de nosso orçamento de despesas, ele foi dividido em orçamento ordinário, orçamento extraordinário e orçamento dito recuperável.

O total desses números dá uma despesa anual ao redor de 44 bilhões, enquanto os impostos não cobrem nem a metade dessa soma. O déficit é, como se vê, formidável.

O déficit anual de nossas receitas aumenta rapidamente a cifra de nossa dívida.

Sobre os detalhes de nossas despesas, o ministro das finanças deu, em abril de 1923, os seguintes números: os créditos para as amortizações dos empréstimos decuplicaram desde 1913, passando de 1 bilhão e 355 milhões para 13 bilhões e 406 milhões e constitui assim, para o exercício de 1922, uma soma superior à metade do valor total das despesas. "É a esse elemento intangível que convém atribuir a causa principal do aumento do orçamento".

Os encargos militares chegavam em 1919 a 18 bilhões e 185 milhões, se reduziram em 1920 a 7 bilhões e 648 milhões, em 1921 a 6 bilhões e 312 milhões e em 1922 a 5 bilhões e 341 milhões.

As despesas administrativas civis, que atingiam em 1920 11 bilhões e 377 milhões, estão agora, em 1922, em 7 bilhões e 328 milhões.

Todas essas cifras mostram que mesmo se a Alemanha pagasse a totalidade das anuidades que lhe são reclamadas, o déficit anual de nosso orçamento continuaria terrivelmente elevado.

*

* *

Somos abrigados a reconhecer que a fórmula tantas vezes repetida "A Alemanha pagará", com a qual se pretende às vezes justificar as mais inúteis despesas, constitui uma ilusória esperança.

Estando provado agora que, mesmo com toda a dívida alemã paga, como eu acabei de mostrar, nosso orçamento ainda seria deficitário, é preciso procurar outra coisa.

Aumentar a exploração de nossas riquezas naturais e reduzir nossas despesas representa a única solução possível do problema.

Esperando que ela se imponha a todas as mentes, viver-se-á de expedientes. Graças à facilidade de imprimir papel-moeda sem garantia metálica, as despesas crescem sempre e os ministros opõem uma resistência muito pequena a uma corrida vertiginosa rumo à catástrofes financeiras que não se reparam.

O exemplo da Inglaterra, cujo orçamento de 1923 se equilibrou com um excedente de vários bilhões, graças sobretudo à compressão de despesas por um governo suficientemente forte para impor sua vontade ao Parlamento, ainda não encontrou imitadores na França.

*

* *

O império britânico, apesar de sua prosperidade, sofre, no entanto, da anarquia econômica que pesa sobre a Europa. Os produtos alimentícios que a Inglaterra consome e as matérias primas necessárias às suas indústrias lhe vêm exclusivamente de fora. Ela paga o que compra com a exportação de produtos manufaturados. Qualquer que seja, aliás, o modo de pagamento empregado, uma

mercadoria qualquer só é obtida, em última análise, com a troca por outras mercadorias.

Esses produtos manufaturados __ verdadeira moeda da Inglaterra __ só têm valor utilizável se encontram compradores e a Inglaterra perdeu um de seus melhores clientes, a Alemanha. Por isso ela se esforça por todos os meios, mesmo às custas da França, em restaurar a situação econômica de sua antiga cliente.

Aguardando, ela busca outros compradores, mas, como ela encontra nos mercados estrangeiros concorrentes que vendem mais barato, ela precisa reduzir seus preços de venda e, por consequência, seus salários; o dos mineiros, particularmente.

Essa necessidade provocou, durante três meses, uma custosa greve dos mineiros. Ceder aos grevistas teria como consequência a ruína comercial do império britânico.

Este único exemplo bastaria para mostrar a força de certas leis econômicas e a impossibilidade de se lutar contra elas.

*

* *

Jamais os povos se detestaram tanto quanto hoje em dia. Se a vontade bastasse para fazer perecer as pessoas, a Europa seria um deserto.

Esses ódios durarão até o momento preciso em que a opinião geral admitir que é mais interessante para as pessoas se ajudarem do que se degolarem.

Desde antes da guerra, a evolução das indústrias e do comércio, do qual elas são a base, fizeram do domínio econômico europeu um todo homogêneo, sem que os governantes se dessem conta desse fenômeno. Cada Estado europeu é para os outros Estados de uma importância vital, como produtor ou como mercado. Nenhum Estado europeu pode ser arruinado sem que os outros sejam também lesados.

Hoje em dia essas reflexões se generalizam até mesmo entre os alemães. Mas, durante a guerra, eles professavam ideias muito diferentes e se preocupavam muito pouco com a interdependência dos povos, quando sua principal preocupação, na Bélgica e na França, era destruir as fábricas e as minas cujos produtos lhes faziam frequentemente concorrência. O Sr. Beyens, ex-ministro dos negócios estrangeiros da Bélgica, relata que o Barão Bissing, governador alemão da Bélgica, fez todo possível para arruinar inteiramente a indústria belga. “Eles pilharam sem vergonha o material de nossas fábricas em prol de seus concorrentes alemães e destruíram de alto a baixo a indústria metalúrgica”, ele diz.

*

* *

Todos os procedimentos imaginados para levar a Alemanha a se liberar levam à consequência paradoxal de que serão os franceses e os estrangeiros que, afinal de contas, pagarão a dívida alemã.

Na falta de dinheiro, a Alemanha paga os víveres e as matérias primas que precisa por meio dos seus produtos manufaturados e criando, desta forma, recursos.

Com os excedentes de suas exportações ela poderia pagar suas dívidas. Mas ela teria sido então levada a uma superprodução cujas consequências foram muito bem destacadas num discurso pronunciado em Manchester por um ministro inglês. Ele disse:

> *Se a Alemanha, nos próximo quarenta ou cinquenta anos, pudesse pagar suas dívidas, ela se tornaria, por essa mesma razão, a senhora de todos os mercados do mundo. Ela se tornaria a maior nação exportadora que jamais se fez menção; quase a única nação exportadora do mundo. E se, nos próximos quarenta ou cinquenta anos os Estados Unidos da América recebessem tudo o que lhes é devido, eles assistiriam, ao mesmo tempo, um declínio pronunciado de seu comércio de exportação. Eles veriam sua população privada de uma grande parte de suas artes e de suas indústrias mais essenciais. Eles veriam se romper todo o conjunto de sua economia nacional. A Alemanha, a nação devedo-*

ra, manifestaria uma atividade insana; os Estados Unidos, a nação credora, uma estagnação igualmente insana.

Todas essas evidências emergem lentamente do caos dos erros econômicos em que o mundo está mergulhado.

*

* *

Se a Alemanha pagasse sua dívida enviando à França mercadorias em número forçosamente elevado por causa do valor dessa dívida, nosso país teria um excedente tal de produtos alemães que nossos industriais seriam obrigados a diminuir ou interromper sua fabricação. Daí, o empobrecimento e o desemprego geral. Um pagamento em mercadorias levaria então a França a perder por um lado o que recebesse do outro.

Para evitar essa visível consequência, decidiu-se estabelecer em prol dos Aliados um imposto de 12% sobre as exportações alemãs. Isso significaria, naturalmente, que o preço de venda das mercadorias exportadas estaria majorado em 12%. Todos os compradores de produtos alemães, qualquer que fosse sua nacionalidade, lhes pagariam então 12% mais caro do que antes. É bem visível que não seriam então os alemães, mas os compradores de todos os países, que pagariam uma parte das indenizações destinadas às reparações.

Propôs-se ainda e talvez nada foi proposto de melhor, obrigar os grandes industriais alemães a cederem um certo número de ações de suas empresas; um terço, por exemplo. Mas como essas ações já tinham dono, o governo alemão seria obrigado a indenizá-los. Então, novamente, o preço das mercadorias fabricadas seria aumentado e seriam sempre os consumidores estrangeiros que contribuiriam para saldar a dívida germânica.

Todos esses incidentes tinham, a princípio, escapado ao público, bem como, aliás, aos dirigentes. Eles agora são melhor compreendidos. A opinião estrangeira com relação a isso está claramente expressa pelo extrato seguinte de um grande jornal americano:

> *A adição da taxa de 12% estende uma tarifa protecionista sobre todas as nações que recebem mercadorias da Alemanha. É uma taxa erguida sobre o consumidor americano por todas as exportações alemãs que desembarcam aqui; mas ela vai para o tesouro dos Aliados, quando a Alemanha a recolher e não para o tesouro dos Estados Unidos, como seria uma taxa análoga imposta por nossa própria fiscalização. Essa taxa terá como efeito aumentar os preços e diminuir as exportações.*

*

* *

Todas as constatações precedentes, por mais desagradáveis que sejam, merecem ser meditadas. Elas fornecem à Sociedade das Nações argumentos contra a guerra de uma forma bem diferente do que as vagas dissertações humanitárias que ocupam suas sessões.

As repercussões que acabamos de examinar mostram, com efeito, sem contestação possível, que, em razão da interdependência crescente dos povos, quando uma nação é derrotada, são as outras que se veem forçadas a pagar a indenização devida ao vencedor.

Essa necessidade, criada pela evolução econômica do mundo, era desconhecida outrora. Os grandes povos se enriqueciam então através das conquistas. Na época romana, as somas arrecadadas dos vencidos constituíam uma porção notável do orçamento.

Após a segunda guerra púnica, Cartago, segundo Ferrero, enviou aos romanos 55 milhões de francos, cifra enorme para a época. Paul Émile, vencedor de Perseu, lhe fez pagar, segundo testemunho de Plínio, 57 milhões. Os derrotados eram, aliás, expropriados da totalidade do que possuíam. Marcelo, ao tomar Si-

racusa, se apoderou de todos os objetos preciosos que continha a grande cidade.

Não faz muito tempo que essa era heroica se encerrou; mas ela o está para sempre. Os povos ainda poderão lutar, seja para conquistar a hegemonia, como a Alemanha, seja para conservar seus lares, como os turcos, mas eles jamais poderão doravante se enriquecer às custas dos derrotados.

Se a Sociedade das Nações buscasse uma inscrição para ornamentar o frontão de seu palácio, eu lhe recomendaria, com boa vontade, esta: *"Todas as guerras modernas são tão ruinosas para o vencedor quanto para o vencido"*. Se a inscrição parecesse muito curta ela poderia ser completada ao se acrescentar: *"É sobre todos os povos que recairão doravante os custos de uma guerra empreendida por um deles. É então, do interesse direto, a união para impedir novos conflitos"*.

Repetir às pessoas que se amem uns aos outros é um conselho que os povos jamais praticaram. "Ajudem-se uns aos outros em vosso próprio interesse" é uma máxima que poderia transformar o mundo se ela descesse aos corações após ter convertido as mentes.

***

LIVRO II

O desequilíbrio social.

CAPÍTULO I

A disciplina social e o espírito revolucionário.

Sumário

Das eras distantes da pedra talhada, em que a humanidade vivia em tribos errantes, até as grandes civilizações modernas, a disciplina, ou seja, à obediência a certas regras, sempre constituiu um fundamento indispensável da existência das sociedades. Quanto mais a civilização se eleva, mais essas regras se complicam e sua observação se torna cada vez mais necessária.

Bastante protegido pelas leis para perceber seus benefícios, o homem moderno frequentemente só percebe delas seus incômodos. Em sua bela obra: **Les Constantes du Droit**, onde ele prova que a coerção é a base fundamental de toda vida social, o grande jurisconsulto belga, Edmond Picard, lembra a seguinte passagem de Schopenhauer, que mostra o que seria uma sociedade humana sem o respeito obrigatório pelas leis:

O Estado colocou os direitos de cada um nas mãos de um poder infinitamente superior ao poder do indivíduo e que o força a respeitar o direito dos outros. Desta forma são jogados nas sombras o egoísmo desmesurado de quase todos, a maldade de muitos, a ferocidade de alguns. A coerção os mantém acorrentados. Disso resulta uma aparência enganosa. Mas, se o poder protetor do Estado se encontrar, como às vezes acontece, iludido ou paralisado, vemos explodir a luz do dia os apetites insaciáveis, a falsidade, a maldade, a perfídia das pessoas.

*

* *

A disciplina cria um tipo de equilíbrio entre os impulsos instintivos da natureza humana e as necessidades sociais. Para estabelecê-la, rigorosas sanções são necessárias. Mas a lei inscrita nos Códigos só adquire sua força real após ser incrustada nas almas.

A disciplina externa imposta pela coerção é assim transformada em uma disciplina inconsciente, que a herança transforma num hábito. Então e somente então, as sanções se tornam inúteis. A alma está estabilizada. Ela ainda não o está em todos os povos.

Muito lenta para se formar e um pouco incerta, a disciplina social é facilmente abalada por grandes catástrofes. As nações li-

bertas das amarras das leis só têm então, como guias, seus impulsos e se parecem com um navio sem comandante, batido pelas ondas.

*

* *

A fundamental importância da disciplina aparece quando se constata que os povos só chegam até à civilização após tê-la adquirido e retornam à barbárie assim que a perdem.

Foi a indisciplina dos cidadãos de Atenas que, na antiguidade, os levou à servidão e Roma viu soar a hora da decadência quando todo o respeito pela disciplina foi destruído e não havia outras leis além da vontade de imperadores efêmeros, eleitos e derrubados por soldados. Foi então que as invasões bárbaras puderam triunfar.

Num trabalho que tem como título **Comment Meurent les Patries**, o Sr. Camille Jullian mostra que a Gália independente pereceu da mesma maneira. “Ninguém obedecia mais as leis. Justiça, finanças, tudo o que faz a regra social era a cada instante quebrado”. Por isso César realizou tão facilmente sua conquista.

*

* *

A Europa inteira atravessa atualmente uma fase crítica de indisciplina que não poderia se prolongar sem criar a anarquia e a decadência. Os antigos princípios, outrora fielmente observados, perderam sua força e aqueles que poderiam substituí-los ainda não estão formados.

Se o número dos revoltados ainda não é muito grande, o dos indisciplinados se tornou imenso. Na família, bem como na escola, na fábrica e na oficina, a autoridade do pai, do professor e do patrão se enfraquece a cada dia mais. A insubmissão cresce. Em toda parte se constata a incapacidade dos chefes de se fazerem obedecer.

A indisciplina é acompanhada hoje em dia por certos sintomas de desagregação moral cujos principais são: antipatia por toda espécie de restrição; declínio contínuo do prestígio das leis e dos governantes; ódio geral pelas superioridades, tanto as de fortuna quanto as de inteligência; ausência de solidariedade entre as diversas camadas sociais e luta das classes; desdém profundo pelos ideais de liberdade e de fraternidade; progresso das doutrinas extremistas que pregam a destruição da ordem social estabelecida, qualquer que seja, aliás, essa ordem; substituição por poderes coletivos autocráticos a todas as antigas formas de governo.

Tais sintomas, particularmente o horror pelas restrições sociais e a indisciplina que resulta do desprezo pelas leis, têm como

consequência fatal o desenvolvimento do espírito revolucionário, com seus inseparáveis companheiros: a violência e o ódio.

*

* *

É visível, de acordo com o que foi exposto, que o espírito revolucionário representa um estado mental, muito mais do que uma doutrina.

Uma das características do revoltado é sua incapacidade de adaptação à ordem de coisas estabelecida. Sua necessidade de destruir é resultante, em grande parte, dessa incapacidade.

Hostil a toda organização, ele se insurge até mesmo contra os membros dirigentes de seu partido, assim que o partido triunfa. Tal fenômeno se manifestou em cada uma das revoluções da história. Nela, os Montanheses combateram sempre os Girondinos.

A mentalidade revolucionária parece implicar sempre numa grande independência de espírito. Na realidade, é totalmente o oposto. A verdadeira independência de espírito exige um desenvolvimento da inteligência e da capacidade de discernimento que os revolucionários não possuem nenhuma. Refratários, em aparência, à obediência, eles experimentam uma necessidade tal de serem dirigidos que se submetem facilmente às vontades de seus líderes. Desta forma, os mais radicais de nossos extremistas aceitam com

uma respeitosa docilidade as ordens imperativas emanadas do grande pontífice bolchevista que reina em Moscou.

De fato, a maioria das mentes aspira muito mais à obediência do que à independência. O espírito revolucionário não suprime, de maneira alguma, essa necessidade. O revoltado é uma pessoa que obedece facilmente, mas demanda frequentemente mudar de senhor.

Quando um país se encontra em pleno período de equilíbrio, a disciplina geral impede o espírito revolucionário dos inadaptados de se propagar por contágio mental. É apenas em épocas conturbadas, quando a resistência moral se enfraquece, que o micróbio revolucionário exerce suas devastações.

Todas as considerações sobre os perigos e a inutilidade das revoluções são, aliás, inúteis, porque, eu repito, o espírito revolucionário constitui um estado mental e não uma doutrina. A doutrina é apenas um pretexto que serve de apoio ao estado mental. Este último subsiste, por consequência, mesmo quando a doutrina triunfou.

Ao mesmo tempo em que se propaga em muitos povos o espírito de revolta, a autoridade se enfraquece. Buscando seguir e contentar uma opinião pública inconstante os governantes, cada vez menos ouvidos, cedem cada vez mais.

Os líderes dos partidos revolucionários, sindicalistas e socialistas unificados, por exemplo, não são mais obedecidos. Vimos que as greves são, frequentemente __ como a dos ferroviários __ desencadeadas fora da vontade dos dirigentes. Não podendo conduzir o movimento, eles o seguem, para não parecerem abandonados por suas tropas.

*

* *

Se a propaganda revolucionária recruta hoje em dia tantos adeptos em diversos países, não é por causa das teorias que ela propõe, mas em razão da indisciplina geral dos espíritos.

Sozinhas, as elites poderão conseguir combater esse vento de indisciplina que ameaça derrubar as civilizações. Elas só o conseguirão se seu caráter se erguer ao nível de sua inteligência.

Como nossa universidade esquece sempre e como as universidades anglo-saxãs jamais esquecem, a disciplina e as qualidades que fazem a pessoa vencer na vida não são baseadas na inteligência, mas apenas no caráter.

CAPÍTULO II

Os elementos místicos das aspirações revolucionárias.

Sumário

Quando se procura as fontes das teorias revolucionárias que agitam o mundo, constata-se que, por detrás de suas formas diversas __ comunismo, socialismo, sindicalismo, ditadura do proletariado etc. __ encontra-se uma ilusão mística comum e sentimentos idênticos.

A ilusão mística, cuja gênese estudaremos logo, tem por consequência essa ilusão de que o trabalhador é mais capaz do que o burguês para dirigir o Estado e as empresas industriais, devendo, portanto, como na Rússia, tomar seu lugar.

Os sentimentos que servem de apoio às novas doutrinas são, entre os líderes, a ardente ambição de se apoderar de um frutuoso poder e, entre os simples fieis, o ódio invejoso a todas as superioridades.

Esse ódio pelas superioridades foi muito típico na Rússia e se manifestou nitidamente desde o início de sua revolução. Os intelectuais, cujo desaparecimento revela hoje sua importância social, foram tão perseguidos e massacrados quanto os capitalistas. Inumeráveis são os fatos análogos àqueles observados após a to-

mada de Bakou, quando os bolchevistas colocaram na direção da universidade um ex-porteiro, assistido por copeiros e trabalhadores braçais.

De uma maneira geral, pode-se dizer que todas as aspirações populares que se manifestam na Europa representam uma luta contra as desigualdades de inteligência e de fortuna que a natureza se obstina em criar.

As ideias condensadas na fórmula ditadura do proletariado tornaram-se o evangelho das massas trabalhadoras, cujo título lisonjeia a vaidade. O poder que elas adquiriram, graças aos sindicatos e às greves, lhes parece um poder soberano, diante do qual todos os outros devem se curvar. Na sociedade futura, apenas o trabalhador braçal seria rei.

*

* *

O insucesso das experiências das ditaduras populares e particularmente do comunismo em diversos países não convenceu, de maneira alguma, os adeptos dessas doutrinas.

O espanto causado por essa constatação prova que o mecanismo da credulidade popular é ainda bastante desconhecido. Não será inútil, portanto, lembrar sua gênese.

Numa primeira abordagem, as novas doutrinas parecem ter, como únicos apoios, apetites muito materiais, pois elas tratam, em aparência, apenas de expropriar uma classe em prol de outra.

Esses dogmas e o evangelho comunista que lhe serve de código se apoiam, com efeito, sobre interesses materiais, mas eles devem sua força principal a elementos místicos, idênticos aqueles que, desde as origens da história, dominaram a mentalidade dos povos.

Apesar de todos os progressos da filosofia, a independência do pensamento continua uma ilusória ficção. O ser humano não é conduzido apenas por necessidades, sentimentos e paixões. Uma crença é necessária para orientar suas esperanças e seus sonhos. Jamais ele passou sem isso.

O antigo misticismo conservou todo seu poder. Suas manifestações só mudaram de forma. A fé socialista tende a substituir as ilusões religiosas. Derivada das mesmas fontes psicológicas, ela se propaga da mesma maneira.

Eu já mostrei longamente, aliás, que o misticismo, ou seja, a atribuição de poderes sobrenaturais a forças superiores __ deuses, fórmulas ou doutrinas __ constitui um dos fatores predominantes da história.

Seria inútil repetir aqui demonstrações que já me serviram para interpretar alguns grandes acontecimentos, como a Revolu-

ção Francesa e as origens da última guerra. Eu me limitarei então a recordar que só o domínio da mente por forças místicas pode explicar a credulidade com a qual foram admitidas em todas as eras as mais quiméricas crenças.

Elas são aceitas em bloco, sem discussão. No círculo do misticismo onde se elabora a fé o absurdo não existe.

Assim que, sob a influência dos elementos de persuasão que resumirei adiante, a fé em uma doutrina nova invade o intelecto, ela domina inteiramente os pensamentos do crente e dirige sua conduta. Seus interesses pessoais desaparecem. Ele está pronto para se sacrificar para o triunfo de sua crença.

Certo de possuir uma verdade pura, o crente experimenta a necessidade de propagá-la e sente um ódio intenso por seus detratores.

A interpretação de uma crença varia, naturalmente, segundo a mentalidade de quem a aceita, por isso os cismas e as heresias logo se multiplicam, sem abalar, aliás, as convicções do crente. Elas são para ele apenas uma prova da má fé dos adversários.

Os defensores de cada seita nova, derivada de uma crença principal, experimentam logo uns pelos outros uma aversão tão forte quanto pelos negadores de suas doutrinas. Esses ódios entre crentes são de uma extrema violência e chegam logo até à necessidade de massacrar seus adversários.

Pode-se avaliar isso pelos sentimentos que professam entre si os defensores de doutrinas quase idênticas, separadas somente por algumas nuances, lendo a ata da sessão de abertura de um recente congresso sindicalista em Lille, relatado por um redator do **Matin**.

> *Eu tive ainda diante dos olhos o espetáculo indescritível de uma sala em fúria, semelhante a um mar revolto que leva tudo em sua passagem. Eu revejo as faces exasperadas de cólera, as bocas vomitando injúrias, os cassetetes girando. Meus ouvidos ficaram cheios com os urros, os gritos dos feridos, as injúrias trocadas e o ruído dos revólveres. Eu nunca em minha vida havia assistido tal transbordamento de ódios.*

Não são apenas os extremistas, de resto, de cada doutrina que chegam a essas fúrias. Eles são recrutados entre os degenerados, os fracos de espírito, os impulsivos. Suas violências são grandes, mas suas personalidades são tão vacilantes que eles experimentam uma imperiosa necessidade de serem guiados por um senhor.

Esses degenerados representam os mais perigosos dos extremistas. Destacou-se que, durante o domínio dos comunistas na Hungria, os principais agentes do ditador Bela Kuhn eram recru-

tados dentre os judeus possuidores de taras físicas repugnantes. A nova fé, que permitia fazer perecer nos mais pavorosos suplícios os mais eminentes cidadãos, lhes fornecia um excelente pretexto para se vingar das humilhações às quais a degenerescência condena suas vítimas.

*

* *

Assim que uma crença mística, por mais absurda que seja, está estabelecida, ela logo atrai uma massa de ambiciosos ávidos e de semi-intelectuais sem emprego. Com as doutrinas menos sustentáveis eles edificam facilmente instituições sociais teoricamente perfeitas.

Na época em que a civilização era pouco complicada, as ilusões místicas não tinham consequências muito graves. No antigo Egito, as instituições derivadas da adoração do crocodilo ou de divindades com cabeça de cachorro se adaptavam facilmente a uma civilização local muito simples, onde as dificuldades da vida eram mínimas e as relações exteriores quase nulas.

É completamente diferente hoje em dia. Com os progressos da indústria e as relações entre os povos, a civilização se tornou formidavelmente complicada. Neste edifício, cuja manutenção exige capacidades técnicas superiores, as quiméricas fantasias dos sonhadores só podem produzir ruínas e carnificinas.

*

* *

A necessidade de uma fé mística é o terreno no qual germinam as crenças. Mas como se estabelecem e se propagam essas crenças?

O erro, bem como, de resto, a verdade, não se fixam jamais na alma popular por meio de demonstrações racionais. Elas são aceitas em bloco sob a forma de afirmações que não se discutem.

Já tendo insistido longamente sobre o mecanismo de formação das crenças, eu me limitarei a recordar que elas se formam sob a influência de quatro elementos psicológicos fundamentais: a afirmação, a repetição, o prestígio e o contágio.

Nesta enumeração a razão não figura, por causa de sua pequena influência na gênese de uma crença.

A afirmação e a repetição são os mais poderosos fatores da persuasão. A afirmação cria a opinião, a repetição fixa essa opinião e faz dela uma crença, ou seja, uma opinião suficientemente estabilizada para ser inabalável.

O poder da repetição sobre as almas simples __ e frequentemente também sobre aquelas que não são simples __ é maravilhoso. Sob sua influência os erros mais manifestos se tornam verdades radiantes.

Felizmente para a existência das sociedades, os meios psicológicos capazes de transformar o erro em crença permitem também fazer a verdade ser aceita sob a forma de crença. Os defensores da velha estrutura social que ainda nos mantém se esquecem disso muito frequentemente.

Para transformar em crenças __ pois elas não podem ser impostas de outra forma __ as verdades econômicas e sociais sobre as quais a vida dos povos repousa, os apóstolos dessas verdades devem se conformar com a adoção dos únicos métodos de persuasão capazes de agir sobre a alma popular. Às afirmações violentas e repetidas do erro eles devem opor afirmações também violentas e também repetidas da verdade; opor sobretudo fórmulas à formulas.

Foi com fórmulas análogas que os fascistas italianos contribuíram para estancar a onda comunista que ameaçava submergir a vida industrial de seu país e contra a qual o governo se reconhecia impotente.

*

* *

Várias sociedades modernas fazem pensar naquela época de decadência em que, renegando seus deuses e abandonando as instituições que asseguraram sua grandeza, Roma deixou ser destruí-

da sua civilização por bárbaros sem cultura, que não tinham outra força além de seu número e a violência de seus apetites.

As grandes civilizações perecem assim que deixam de se defender. Aquelas, já numerosas, que desapareceram da cena do mundo foram sobretudo vítimas da indiferença e da fraqueza de seus defensores. A história nem sempre se repete, mas as leis que a regem são eternas.

***

CAPÍTULO III

A socialização das riquezas.

Sumário

Dentre os erros de ordem econômica que perturbam atualmente o mundo figuram as ilusões socialistas. Apresentadas sob formas diversas, todas concordam, no entanto, em um mesmo ponto: socialização das riquezas.

Ao longo da evolução do mundo o prestígio dos deuses algumas vezes enfraqueceu, mas as fórmulas mágicas jamais perderam seu império. Foi com elas que as pessoas sempre foram conduzidas.

Religiosas, políticas ou sociais, elas agem da mesma maneira e têm uma gênese comum. Sua influência não depende das par-

celas de verdade que elas contém, mas unicamente do poder místico que as massas lhes atribuem.

As sociedades estão, hoje em dia, ameaçadas de profundas convulsões por causa desta nova fórmula: *a socialização das riquezas*. No dizer de seus apóstolos, ela deve criar a igualdade perfeita entre as pessoas e uma felicidade universal.

A mágica promessa se difundiu através das classes trabalhadoras de todos os países. Após ter arruinado a vida econômica da Rússia, ela parece destinada a exercer suas devastações na Europa inteira. Apenas a América a repeliu com energia, pressentindo seu papel funesto sobre a prosperidade das nações.

Foi unicamente para obter a nacionalização sonhada que os ferroviários franceses realizaram, por ocasião do 1º de maio, uma tentativa de greve geral.

Essa greve, contrariamente a todas aquelas que a precederam, não tinha como objetivo o aumento de salários. A Confederação Geral do Trabalho provou isso ao declarar que o objetivo do movimento não era um aumento de salários, mas unicamente o desejo de impor a nacionalização das estradas de ferro.

Não existia, sem dúvida, mais do que um grevista em mil capaz de dizer em que consistia a nacionalização reclamada e de explicar seu futuro mecanismo. Pode-se mesmo considerar como provável que os raros grevistas suscetíveis de compreender qual-

quer coisa do que demandavam teriam dado, cada um, explicações totalmente diferentes sobre a nacionalização. Para a imensa maioria a nacionalização significava simplesmente que as estradas de ferro seriam exploradas em seu benefício.

De fato, os grevistas seguiram seus líderes simplesmente porque eles eram líderes e sem procurar saber o objetivo das ordens recebidas.

Não nos esqueçamos, aliás, que as mais furiosas lutas religiosas da história aconteceram entre pessoas incapazes de discernir qualquer coisa nas questões teológicas que dividiam seus líderes. As leis da psicologia das massas explicam facilmente este fenômeno.

As vagas explicações dadas pelos defensores oficiais da nacionalização tinham como única base uma série de afirmações sem provas. Seu melhor defensor as resumiu nas seguintes linhas:

> *Oposição do lucro capitalista ao interesse coletivo. As diversas empresas __ a das estradas de ferro, particularmente __ devem se tornar uma propriedade coletiva gerida por conta da coletividade, não pelo Estado, mas por uma organização autônoma dirigida por um conselho composto de representantes da coletividade. Um conselho central regulamentaria os salários, a nomeação e a promoção pessoal.*

É visível que essa pretensa socialização se reduziria simplesmente a uma substituição das empresas atuais por outras formadas por agentes das estradas de ferro.

Mas, para que os empregados possam ganhar qualquer coisa com essa substituição seria preciso que eles possuíssem capacidades superiores à dos engenheiros e especialistas que dirigem atualmente o serviço singularmente complicado das estradas de ferro.

Os administradores atuais __ pessoas muito competentes __ trabalham não para enriquecer alguns capitalistas, como afirmam os socialistas, mas para remunerar magramente a poeira de pequenos acionistas em que está dividida a posse das redes. Expropriar totalmente esses acionistas pela socialização das redes aumentaria muito pouco o salário atual dos empregados.

No fundo, os promotores de tais movimentos não se iludem com seus possíveis resultados. Eles esperam simplesmente que a socialização das companhias seja realizada em seu proveito. Se eles organizam ruinosas greves é unicamente para que se tornem os senhores, por sua vez.

*

* *

Existe um antagonismo real entre os interesses capitalistas e os interesses coletivos? Pode-se realmente dizer que, nas socieda-

des atuais, “o trabalho não se efetua em proveito de todos, mas unicamente para os interesses de alguns”?

Na realidade é, pelo contrário, a imensa maioria dos trabalhadores que se beneficia da capacidade das elites. Sempre foi assim desde o início da revolução industrial moderna. Jamais foram os simples trabalhadores que criaram os progressos dos quais eles se beneficiam.

O trabalho manual e a habilidade profissional não são, de maneira alguma, os principais elementos da produção e da riqueza. O espírito empreendedor, de invenção e de organização, a coragem de arriscar e de raciocinar constituem fatores muito mais importantes.

São tais faculdades que constituem o capital de um povo. Se a Rússia sempre tirou tão poucos proveitos de seu solo, apesar de suas imensas riquezas agrícolas e minerais e sua população igualmente imensa, foi porque nela sempre faltaram essas competências.

Acreditar que o capital de um país é composto sobretudo de minas, terras, habitações, ações e numerário é uma perigosa ilusão. Esse capital não tem valor por si só. Um país privado de suas competências seria condenado a uma ruína rápida.

Atualmente, em razão das greves que se multiplicam e da má vontade dos trabalhadores, nosso capital é muito mal explora-

do. Cada nova greve torna o país um pouco mais pobre, a vida um pouco mais cara e o futuro um pouco mais incerto. Apenas os socialistas se rejubilam com uma situação da qual eles serão, no entanto, como os extremistas de todas as eras, as primeiras vítimas.

*

* *

A todas as evidências que foram formuladas sobre as origens da riqueza, socialistas e sindicalistas, unidos por um ódio comum, só opõem suas afirmações. Nas últimas eleições, a Federação Socialista do Sena publicou o seguinte manifesto:

> *Em todos os países, duas forças se chocam, postas em movimento pela eclosão da jovem república socialista dos soviéticos:*
>
> *O proletariado de um lado;*
>
> *A burguesia do outro.*
>
> *Em toda parte o trabalho se volta contra o parasitismo.*
>
> *É preciso que o parasitismo seja vencido.*

É inútil insistir sobre o lado rudimentar de tais concepções. Foi, no entanto, com afirmações de tal ordem que o mundo foi tantas vezes convulsionado.

Os alemães que, sob a influência de seus extremistas, foram obrigados a tentar a socialização, voltaram atrás rapidamente.

Escreveu a **Deutsche Tageszeitung**:

> *Estamos ameaçados de uma anarquia econômica igual à anarquia política, com a diferença de que as consequências serão ainda mais desastrosas. A classe trabalhadora se dará conta muito tarde dos erros que ela comete. Não apenas ela está em vias de aniquilar o futuro da Alemanha e de suprimir as fontes de sua subsistência, mas ainda ela destrói o que foi considerado até aqui como o mais precioso de todos os bens: sua organização.*

*

* *

A tensão das relações entre as classes sociais, que no entanto teriam todo interesse em se entender, torna-se considerável. Elas são, aliás, muito mais divididas por invejas e ódios do que por interesses.

Suas divergências são provenientes sobretudo do esforço dos políticos socialistas que, para conquistar o poder, não cessam de excitar as paixões das esferas trabalhadoras e de provocar suas mais extravagantes reivindicações. Eles apoiam indistintamente todas as greves, acreditando estar a um passo da ditadura do prole-

tariado. A sociedade capitalista é representada como um tipo de monstro destinado a ser proximamente destruído em prol do proletariado.

Pouco importa, bem entendido, a esses políticos, as ruínas provocadas. É sua própria ditadura que eles sonham instalar sob o pretexto de estabelecer a do proletariado.

Se a experiência fosse capaz de instruir os povos, as tentativas de socialização feitas na Rússia seriam consideradas como categóricas.

As estradas de ferro e as minas lá foram socializadas e, em alguns meses, sua desorganização se tornou tal que, apesar de um trabalho de doze horas por dia imposto aos trabalhadores, seus ditadores foram obrigados a requerer a preço de ouro no estrangeiro as competências que eles não possuíam.

Mas, um dos maravilhosos privilégios da fé é impedir o crente de perceber os fatos contrários à sua fé. Citaremos apenas um único socialista, o Sr. Erlich, que, voltando da Rússia, solicitou sua demissão do partido socialista unificado, ao vê-lo se orientar cada vez mais rumo ao bolchevismo.

> *Eu não posso compreender que o Partido Socialista Unificado, longe de ter a coragem de repudiar e de condenar os excessos e os crimes do bolchevismo russo, o forne-*

ce, pelo contrário, como exemplo e admiração à classe trabalhadora francesa.

Certo, a burguesia russa está arruinada; mas com ela desapareceu igualmente toda a indústria nacional, em detrimento do proletariado russo e para grande proveito da indústria alemã, que está em vias de tomar seu lugar. O bolchevismo só soube produzir a fome e a escassez nessa Rússia que, ainda ontem, era a fornecedora de grande parte da Europa. Os decantados métodos da ditadura do proletariado deixam para trás os piores horrores da inquisição e do tsarismo. Todas as liberdades individuais estão abolidas e, a cada dia, centenas de trabalhadores e de intelectuais russos, cujo único crime é não pensar como os bolcheviques, são massacrados sem um mínimo julgamento por mercenários magiares e chineses.

*

* *

As últimas eleições mostraram, pelos 50.000 votos dados ao bolchevista Sadoul, que progresso o bolchevismo realizou na classe trabalhadora.

Se, na luta atual ou próxima que ameaça a civilização, o Estado ceder, ele só teria que abandonar o lugar aos líderes do proletariado.

Não é, infelizmente, com a energia dos governantes que se pode contar. A força da opinião pública será muito mais eficaz. Na grande greve dos ferroviários o público ficou tão exasperado com os perturbadores, que sacrificaram o interesse geral em prol de suas ambições particulares que, nas províncias, muitos fornecedores __ merceeiros, padeiros, até mesmo vinhateiros __ se recusaram a vender aos grevistas.

O resultado final desses conflitos ainda não é previsível. Estamos certos de que as nações sempre serão conduzidas por suas elites; mas o triunfo momentâneo de elementos inferiores poderia causar __ como na Rússia e na Hungria __ irreparáveis ruínas.

Aos líderes da classe trabalhadora, “a grande noite” parece próxima. É, na realidade, uma grande noite que se estabeleceria sobre o mundo a realização de seus sonhos.

***

CAPÍTULO IV

As experiências socialistas em diversos países.

Sumário

Em matéria de dogma religioso, a experiência é totalmente desprovida de ação sobre a alma dos crentes. Suas ilusões permanecem irredutíveis.

Em matéria de crenças políticas e sociais a experiência não tem uma ação maior sobre os convictos, mas ela pode agir sobre as mentes hesitantes, cujas convicções definitivas não estejam formadas.

Uma das características da hora presente é a dissociação dos antigos princípios sobre os quais as sociedades estavam fundadas. As perturbações de todo tipo criadas pela guerra continuaram essa dissociação e provocaram novas aspirações na alma popular.

As ideias diretoras atuais se dividem em duas tendências nitidamente opostas: as concepções nacionalistas, com sua necessidade de hegemonia e as concepções internacionalistas, que sonham em estabelecer uma fraternidade universal.

O nacionalismo __ que o patriotismo representa uma de suas formas __ é considerado por todos os governantes como uma necessidade da história. Ela mostra, com efeito, que o culto à pátria sempre fez a força das nações e que seu enfraquecimento marca sua decadência.

O internacionalismo, professado sobretudo pelas classes trabalhadoras, resume a tendência exatamente contrária. Rejeitando a ideia de pátria, ele pretende fundir as nações, sem se preocupar __

nem mesmo percebê-las __ com as diferenças de mentalidades e de interesses que separam os povos.

Na época, provavelmente muito distante, em que o mundo for regido pela razão pura, esta última concepção será perfeita, pois, mesmo sem levar em conta a sentimentalidade vaga que leva as classes trabalhadoras dos diversos países a se confraternizar, nós vimos que a evolução industrial do mundo leva as nações a uma interdependência crescente, donde resulta para elas uma necessidade de se ajudar em vez de se destruir.

Em nossos dias essa necessidade permanece uma verdade inativa, porque ela se choca com os sentimentos e as paixões, únicos guias atuais da conduta dos povos.

*

* *

Os governos modernos se encontram assim em presença dessa antinomia: favorecer o internacionalismo que representa o futuro, mas deixa um povo desarmado, ou desenvolver o nacionalismo, com todos os armamentos ruinosos necessários diante de ameaças de agressões.

Esse conflito entre ideias contraditórias condena os homens de Estado a uma política do dia a dia, não podendo levar em conta porvires desconhecidos. Tendo as massas perdido a confiança em seus líderes, elas obedecem a esses primitivos instintos que renas-

cem sempre assim que a antiga estrutura de uma sociedade é violentamente abalada.

O desmoronamento dos ídolos e o servilismo dos eleitos por votos populares fazem com que as massas acreditem que o mundo deve lhes pertencer. A força é hoje em dia a única lei que elas respeitam.

Por ocasião da greve dos mineiros __ que quase arruinou a Grã Bretanha __ um jornal inglês destacou que os contratos entre patrões e representantes dos trabalhadores eram constantemente violados por estes últimos, assim que achavam que isso era de seu interesse e em virtude do princípio fundamental de que a força de uma coletividade cria seu direito.

Esse direito cria, por sua vez, as competências que a evolução industrial exige? As experiências de governos populares recentemente tentados permitem responder a esta questão.

Como todas as afirmações dos socialistas já foram refutadas há muito tempo sem que essa refutação tenha entravado sua influência, era necessário que fosse realizada a experiência socialista. Ela o foi recentemente, de maneira decisiva, em diversos países. Seus resultados são tão conhecidos que podemos nos limitar a lembrá-los brevemente.

*

* *

Fora o socialismo integral tentado em diversos Estados, várias nações __ a França, particularmente __ foram submetidas há muito tempo pelas tendências socialistas dos parlamentos. Elas sempre se chocaram com obstáculos derivados, uns da estrutura psicológica do ser humano, outros das necessidades econômicas modernas. O choque entre as teorias utopistas e as inflexíveis leis naturais custou muito caro.

Os principais resultados das influências socialistas parlamentares em diversos países foram submeter muitas indústrias a uma gestão governamental coletiva, ou seja, a um estatismo geral. Experiências cem vezes repetidas mostraram os ruinosos efeitos.

Se essas consequências foram idênticas em todos os países e em todas as indústrias é simplesmente porque a gestão coletiva destrói os mais poderosos recursos psicológicos da atividade humana: o interesse pessoal, o senso de responsabilidade, a iniciativa, a vontade, enfim, os elementos geradores de todos os progressos que transformaram as civilizações.

*

* *

Os resultados das tendências socialistas permitem pressentir o que produziria seu definitivo triunfo.

Muitos observadores predisseram as catástrofes que produziria o triunfo completo do socialismo; mas o valor dessas previ-

sões podia ser contestado, pois nenhuma realização total as havia confirmado.

Agora, essa realização já foi tentada por vários povos. Os resultados obtidos foram idênticos em toda parte.

Se a experiência tivesse se limitado à Rússia, poder-se-ia sustentar que uma tentativa em um povo semicivilizado não era absolutamente comprobatória. Apenas uma experiência feita em uma nação de alta cultura poderia ser demonstrativa. Por isso as tentativas de socialismo que triunfaram momentaneamente na Alemanha, na Hungria e na Itália apresentam um interesse prático considerável.

No dia seguinte à sua derrota a Alemanha se viu num período de perturbações e de hesitações. A guerra havia lhe mostrado o perigo dos princípios sobre os quais ela havia edificado seu poderio e, por isso, ela foi levada a buscar outros.

O socialismo se ofereceu, ou melhor, se impôs, para reparar os males criados por uma monarquia militarista. Na falta de coisa melhor, a Alemanha aceitou fazer essa tentativa.

Ela conheceu então, em poucos meses, todas as formas de socialismo; desde o bolchevismo, com seus sovietes, suas pilhagens e seus massacres, até um socialismo anódino, que conservava da doutrina apenas algumas fórmulas.

No momento da derrocada aconteceu, a princípio, uma revolução violenta e a derrubada brusca das monarquias seculares que governavam os diversos Estados confederados do Império.

Nessa primeira fase, os partidos extremistas triunfaram. Os spartakistas bolchevistas reinaram por vários meses, pilhando, massacrando e dominando o país pelo terror; depois instauraram um período de ditadura do proletariado, ou seja, de alguns líderes do proletariado.

Conselhos de trabalhadores, à imagem dos sovietes russos, se estabeleceram em toda parte. Seguiu-se, naturalmente, uma completa anarquia.

Os resultados dessa fase socialista estão bem destacados no seguinte extrato de um grande jornal alemão:

> *A revolução comprometeu o patrimônio nacional alemão que quatro anos de guerra pouco havia tocado. Os impostos e os confiscos determinaram um êxodo dos capitais que nenhuma medida policialesca pôde impedir. Os imóveis, as fábricas, com suas máquinas, que não podem emigrar foram cedidos a baixo preço à estrangeiros. Os ingleses compraram minas na bacia do Ruhr. O "National City Bank", de Nova Iorque, se instalou em Berlim e em outras grandes cidades alemãs.*

*

* *

Esse período não durou, porque a ditadura comunista mostrou rapidamente, como na Rússia, sua incapacidade.

Uma outra razão, de ordem psicológica, a teria, aliás, impedido de se prolongar. Essa razão fundamental, inacessível aos socialistas, se resume na seguinte lei: quaisquer que sejam as instituições impostas a um povo, ou momentaneamente aceitas por ele, são logo transformadas segundo a mentalidade desse povo.

Uma transformação tal acontece em todos os elementos de civilização, inclusive a religião, a língua e as artes. Eu já dediquei, há tempos, um volume para a demonstração dessa lei primordial[4]. Ela domina a política e a história.

Sob sua ação o socialismo alemão evoluiu rapidamente.

Vemos isso ao constatar, por exemplo, no que se transformou a instituição dos sovietes, ou seja, os conselhos de trabalhadores, base essencial do bolchevismo.

Na nova constituição um artigo instituía conselhos de trabalhadores "para a defesa dos interesses econômicos dos trabalhadores. O governo é obrigado a submeter a eles, a título consultivo, todos os projetos de lei de natureza econômica".

[4] **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples** (15ª edição).

O soviete assim transformado não é mais, como se vê, uma engrenagem do governo, pois ele se tornou apenas consultivo.

A constituição dos sovietes russos era muito diferente. Milhares de pequenos conselhos deveriam __ teoricamente pelo menos __ dirigir os interesses locais.

Uma organização tal se mostrou, aliás, irrealizável. Como todos os sovietes se consideravam independentes, a vontade de um soviete local era logo entravada pela dos outros sovietes.

O soviete russo representava, na realidade, o estágio mais inferior das sociedades primitivas. Ele só é observado, com efeito, no seio de tribos de selvagens.

*

* *

Após ter se desembaraçado do bolchevismo e dos sovietes, a Alemanha teve ainda que lutar contra algumas tentativas socialistas, particularmente o confisco e a administração pelo Estado da propriedade privada e de todas as usinas de produção.

A luta do governo alemão contra os projetos de socialização se prolongou até o dia em que o público acabou por compreender que a ideia de socialização repousava em erros psicológicos e que sua realização determinaria a ruína econômica do país onde ela se generalizasse.

Na esperança de satisfazer os últimos militantes socialistas, os governantes alemães mantiveram ainda o princípio da socialização em seu discurso, mas só pensaram em socializar indústrias que poderiam __ como os tabacos na França, por exemplo __ se tornar monopólios estatais produtivos.

Para as outras indústrias, a opinião geral está muito bem representada na seguinte passagem de um jornal alemão:

> *... Se o socialismo mete a mão no carvão e no ferro, ele se apodera, ao mesmo tempo, de todas as outras indústrias, em detrimento da livre concorrência e das capacidades individuais. Porém, é preciso que não percamos de vista o fato de que as explorações do Estado não são estimuladas pela concorrência, elas têm custos consideráveis, elas excluem a exportação e que, pelo contrário, a atividade privada e o interesse individual representam forças poderosas e indestrutíveis que fazem jorrar das fontes as mais profundas os tesouros da natureza e dão a um povo a riqueza e a consideração.*

Até mesmo os mais socialistas dos dirigentes alemães reconhecem que as indústrias e o comércio de exportação devem ser deixados de fora de toda socialização e continuar completamente livres.

*

* *

O bolchevismo não foi experimentado somente na Rússia e na Alemanha, mas também na Hungria. Seus métodos neste último país foram os mesmos que em outros lugares: massacre dos intelectuais, pilhagem dos bancos e das fortunas privadas, obrigação para os antigos ricos de exercer uma ocupação manual. Os apartamentos particulares foram requisitados. Um único quarto era deixado ao antigo proprietário e os outros colocados a disposição dos trabalhadores.

A organização social do bolchevismo húngaro foi copiada do bolchevismo russo. Na cúpula, um ditador decretando requisições e suplícios.

Os resultados do regime foram naturalmente os mesmos que na Rússia. Todas as empresas se viram obrigadas, umas após as outras, a fechar suas portas e a miséria tornou-se geral.

Viveu-se então dos antigos estoques acumulados pelo regime precedente. Quando eles se esgotaram foi a derrocada. Se, por razões ainda desconhecidas, a Entente não tivesse se oposto por tanto tempo à intervenção dos romenos, que o povo húngaro clamava com todas as suas vozes, o regime comunista teria durado muito pouco. Ele se desmoronou assim que alguns regimentos se aproximaram da capital.

*

* *

A Inglaterra parecia ser o país da Europa em melhor condição de resistir à vaga revolucionária. No entanto, o bolchevismo, graças às somas enormes gastas em propaganda, lá fez alguns progressos.

Os mineiros parecem os mais contaminados. Suas ameaças são incessantes. Eles reclamam agora a socialização das minas, o que significa para eles que todos os lucros da venda do carvão lhes pertenceria, enquanto que os custos de produção ficariam a cargo do Estado!

Alguns extremistas ingleses foram mais longe ainda. Eles quiseram obrigar o primeiro-ministro inglês a reconhecer o governo russo dos sovietes e impedir a França de ajudar a Polônia, ameaçada por um exército russo. Apenas sua influência pode explicar a conduta do governo inglês nessa última circunstância.

As pretensões desses extremistas levantaram, aliás, na Inglaterra, violentos protestos.

Escreveu o **Times**: “O povo inglês sempre abominou a tirania, sob todas a suas formas. Ele não a tolerará por parte de um Comitê de Saúde Pública trabalhista, nem por parte de um soberano inconstitucional”.

É bom aguardar. Na realidade, nada se sabe ainda. As epidemias mentais podem ser controladas, mas, enquanto elas durarem, é preciso sofrer suas devastações.

O que parece bem claro hoje em dia é que alguns sindicatos ingleses querem submeter as massas trabalhadoras ao governo bolchevista de Moscou. Quem teria previsto, tempos atrás, que a tradicional e liberal Inglaterra chegaria a isso?

*

* *

A França é ainda o país que foi melhor defendido até aqui contra os excessos socialistas. No entanto, a doutrina continua a progredir nela.

O partido socialista, que tanto nos prejudicou antes da guerra, paralisando nosso armamento a ponto de a Alemanha acreditar poder nos atacar sem riscos, acabou por adotar “sem reserva” as concepções comunistas.

Para reconquistar seu prestígio ele semeia ilusões temíveis na alma das multidões.

Não são infelizmente apenas os representantes das forças inferiores que sabem se associar. Poderosas pelo pensamento, as elites parecem inaptas à ação e incapazes, por consequência, de se defender. Basta, no entanto, algumas pessoas enérgicas para salvar

um país do perigo socialista. A Itália forneceu disso um exemplo bem impressionante.

*

* *

O socialismo provocou por algum tempo na Itália as mesmas devastações que em diversas nações onde ele penetrou.

Durante vários meses, os socialistas italianos puderam acreditar em seu sucesso definitivo. Eles se apoderaram das prefeituras de algumas cidades, expulsaram os proprietários das fábricas e começaram, segundo o método universal do socialismo triunfante, a pilhar e assassinar. O governo tremia diante deles e cedia cada vez mais às suas exigências.

A violência dos excessos logo provocou uma reação. O fascismo, partido novo formado sobretudo de ex-combatentes, se voltou contra o socialismo e, após uma breve luta, acabou por reduzir os comunistas a uma total impotência.

O fascismo venceu unicamente porque teve a sua frente um desses homens resolutos, tão raros hoje em dia entre os governantes.

Esse líder, o Sr. Mussolini, possuía duas qualidades muito superiores àquelas conferidas pela instrução livresca: caráter e decisão.

Diante das coalizões de interesses, que ele esmagou simplificando as engrenagens administrativas, cuja complicação crescente ameaça a existência das sociedades modernas, o ditador acabará, talvez, por sucumbir, mas deixando para trás uma obra muito útil.

Seu grande mérito foi ter tentado quebrar esse estatismo econômico que pesa enormemente hoje em dia sobre tantos países e que os socialistas defendem tão arduamente.

Suas ideias foram claramente expostas num discurso pronunciado por ele em Roma diante dos representantes da Câmara de Comércio internacional. Eis alguns extratos:

> *Os princípios econômicos que inspiram o novo governo italiano são simples. Eu creio que o Estado deve renunciar às funções econômicas, sobretudo àquelas que tenham um caráter de monopólio, funções para as quais ele se mostra frequentemente ineficiente. Eu creio que um governo que se proponha aliviar rapidamente as populações da crise que sobreveio após a guerra, deve deixar à iniciativa privada o máximo de liberdade de ação e renunciar a toda legislação de intervenção e de entrave, que pode sem dúvida satisfazer à demagogia dos parlamentares de esquerda, mas que, como a experiência o demonstrou, só consegue ser absoluta-*

mente perniciosa aos interesses e ao desenvolvimento da economia.

Eu não creio que esse conjunto de forças que, na indústria, na agricultura, no comércio, nos bancos e nos transportes, pode ser chamado pelo nome global de capitalismo, esteja próximo do declínio, como alguns teóricos do extremismo social gostam de afirmar. Há muito tempo a experiência que se desenrola sob nossos olhos e que é uma das maiores da história, prova de uma maneira incontestável que todos os sistemas de economia que negligenciam a livre iniciativa e os recursos individuais, estão, em um breve intervalo, destinados a uma falência mais ou menos lamentável. Mas a livre iniciativa não exclui o acordo dos grupos, tão mais fácil quando a defesa dos interesses individuais é feita lealmente.

Eu reproduzi esta passagem porque não poderia exprimir de uma maneira mais concisa e mais precisa verdades tão claras, que eu defendo há tanto tempo.

É preciso se felicitar que Europa possua um homem suficientemente enérgico para tratar de aplicá-las. Se sua obra for vitoriosa, ele terá contribuído para salvar nossas civilizações do perigo da destruição final que o socialismo as ameaça.

LIVRO III

O desequilíbrio financeiro e as fontes da riqueza.

_____

CAPÍTULO I

A pobreza atual da Europa.

Sumário

Todos os governantes __ o do império britânico em particular __ não param de pedir a reconstrução econômica da Europa.

Para descobrir os segredos dessa reconstrução, uma dezena de conferências aconteceu. Seus resultados foram lamentavelmente nulos.

O instigador real dessas conferências, o ministro inglês Lloyd George, sempre se esqueceu, em seus inumeráveis discursos, de revelar sua fórmula de reconstrução. Ele se limitou a demandar, com uma tenaz insistência, que a França reduzisse e até mesmo suprimisse, por diversos adiamentos, a indenização devida pela Alemanha.

O sutil ministro teve, aliás, a prudência de não propor nenhuma fórmula de reconstrução.

Ele não podia ignorar, sem dúvida, que essa fórmula não existe.

A reconstrução buscada depende, com efeito, de uma adaptação ainda incerta à necessidades econômicas muito simples, mas geralmente desconhecidas.

O poder dessas necessidades aparecerá claramente ao pesquisarmos as causas da pobreza que vitima diversos países da Europa e da anarquia que ela provoca.

§1. As fontes reais da riqueza.

O que significa o programa reconstituição da Europa, incansavelmente repetido por todos os políticos da era atual? Ele não traduziria simplesmente o fato de que os povos não podem viver sem que uma certa relação se estabeleça entre sua produção e seu consumo?

No estado atual do mundo, a riqueza de um país depende sobretudo da quantidade dos produtos retirados de seu solo ou de suas fábricas. O excedente da produção sobre o consumo ele troca no exterior pelos materiais necessários às necessidades da vida que sua terra não fornece.

Produzir com preços que tornem a exportação possível não basta. É preciso também __ e isto é um fator essencial do problema __ encontrar compradores. Se um país manufatura mais arti-

gos do que ele pode vender, suas fábricas são obrigadas a limitar sua produção e o desemprego dos trabalhadores acontece. Tal é o caso, precisamente, da Inglaterra. Assim, ela procura clientes até na Rússia.

Essas necessidades de trocas comerciais mostram mais uma vez o quanto os povos dependem uns dos outros. Elas provam também o quanto se iludem os países que, no estado atual de empobrecimento do mundo, se fazem rodear por barreiras aduaneiras, sob o pretexto de proteger sua indústria nacional. Eles só fazem provocar represálias que paralisam as indústrias protegidas.

*

* *

As fontes da riqueza que eu vou recordar explicam facilmente porque algumas nações __ a Áustria, por exemplo __ caíram numa miséria profunda. Quando um quilograma de pão, que valia há pouco tempo cinquenta centavos em Viena, vale por volta de seis mil francos hoje, isso não significa apenas que a confiança no dinheiro austríaco é extremamente pequena, mas também e principalmente, que a capacidade produtiva do trabalhador austríaco está muito inferior às necessidades do consumo. É por isso ilusório supor, como faz a Sociedade das Nações, que uma tal situação possa melhorar com empréstimos de dinheiro.

Dar suficiente autoridade aos governantes austríacos para lhes permitir reduzir imensamente uma burocracia que devora a quase totalidade do orçamento do Estado, depois levar os trabalhadores, através de salários convenientes, a aumentar sua produção, tais eram as únicas soluções eficazes. Poder-se-ia facilmente prever que os empréstimos de dinheiro seriam inteiramente ineficazes. Foi em vão que eles foram repetidos.

Disso resulta, que um povo desprovido de moeda, mas que pode extrair de seu solo e de suas fábricas os elementos necessários à sua subsistência e à fabricação de mercadorias cambiáveis, pode se tornar muito mais rico do que um povo que possua uma certa reserva de ouro ou prata, mas que só produz um número insuficiente de mercadorias. As reservas metálicas se esgotam rapidamente se elas não se renovam. A pobreza dos espanhóis, que se acreditavam ricos porque tinham tomado todo o ouro da América, constitui um exemplo disso.

A Alemanha representa, pelo contrário, um povo que perdeu seu ouro, mas cuja situação econômica é, no entanto, próspera, graças à sua produção.

Essa criação de riquezas pelo mecanismo da produção e da troca se choca, hoje em dia, com obstáculos diversos, artificiais na maioria das vezes e temíveis sempre.

Em primeiro lugar o número de compradores diminuiu enormemente no mundo. Os da Áustria e da Rússia desapareceram, os outros reduziram suas compras.

A exportação de mercadorias com preços que permitam sua venda tornou-se, por outro lado, difícil, por causa da depreciação do poder de compra da moeda em vários países; a França e a Itália, por exemplo.

Assim, para obter na Inglaterra ou na América uma certa quantidade de matérias primas que valem cem francos na França, uma despesa ao redor de trezentos francos é necessária. O preço de revenda do produto estando, desta forma, bastante majorado, sua venda se torna difícil. O comprador está, aliás, prejudicado em seus aprovisionamentos, pelas variações incessantes do poder de compra de sua moeda, que o expõe a perdas consideráveis em caso de aprovisionamentos importantes ou de compromissos comerciais a prazos fixos.

Vê-se que os povos, por causa dessas perturbações que mostrei, estão em condições difíceis de existência. Outras circunstâncias complicam ainda mais essa situação.

Os povos agrícolas, que vivem dos produtos de seu solo e os povos industriais, que vivem da troca de suas mercadorias, estão, hoje em dia, em situações bem diferentes.

A França, um país predominantemente agrícola, sobreviveria, a rigor, de sua terra. A Inglaterra não poderia. Rodeada por um muro inexpugnável, ela viveria, com muito custo, um mês, de seu solo. Se este mesmo muro envolvesse a França, sua terra lhe forneceria do que viver durante, pelo menos, dez meses.

Essas condições tão diferentes de existência explicam um pouco a política da Inglaterra. Ela precisa, de maneira absoluta, buscar produtos no exterior. Como mercadorias só se pagam com mercadorias, ela é obrigada a procurar compradores em todo lugar.

§2. As fontes artificiais da riqueza.

Depois da guerra, os diversos países que produzem pouco e vendem mal foram obrigados, para sobreviver, a recorrer a diversos métodos. Em primeiro lugar figura a criação de moedas correntes.

Como esse processo tem a característica de funcionar no início, muitos Estados o adotaram.

O papel-moeda não tem evidentemente outro valor que não seja a confiança do público que o aceita nos governantes que o emitem.

A experiência ensina que essa confiança diminui com o aumento do número de notas emitidas e com a demora para seu reembolso.

Em princípio, o valor de uma moeda fiduciária, ou seja, seu poder de compra, deve diminuir progressivamente e chegar a zero. Se esse valor, com efeito, pudesse permanecer, por pouco que fosse, superior a zero, o emitente desse papel poderia trocá-lo indefinidamente contra uma boa moeda estrangeira. O que lhe importaria, com efeito, dar uma nota de mil francos para obter um franco em prata, se essa nota de mil francos só custa sua impressão?

Um Estado que possuísse a faculdade teórica de fabricar papel-moeda cujo valor, mesmo se aproximando de zero, jamais atingisse este número, poderia conseguir, com sua má moeda, todo o ouro do universo.

Uma hipótese tal é, evidentemente, irrealizável. A experiência mostra __ como mostrou na época dos *assignats*[5] __ que a inflação da moeda fiduciária acaba por destruir todo valor dessa moeda. Foi o que aconteceu na Rússia, na Polônia, na Áustria etc.

Na Alemanha, a depreciação do marco não se deveu, de maneira alguma, como em outros países, a um enorme excedente de consumo com relação à produção, mas unicamente ao desejo dos governantes de retirar do papel-moeda todo valor, a fim de tornar

[5] Papel-moeda emitido na Revolução Francesa. Nota do tradutor.

impossível o pagamento das indenizações de guerra. O valor de sua moeda artificial jamais caiu a zero, apesar de sua inflação.

Na realidade, a inflação fiduciária dá ao emissor a faculdade de trocar momentaneamente papel sem valor por uma boa moeda ou por mercadorias, mas essa operação não pode durar muito tempo. Se ela se prolonga, o país emissor logo fica sem moeda aceita e não tem __ como na Rússia __ outro meio de comércio que não seja a troca direta de seus produtos por outros produtos. Ele retorna ao sistema antigo de trocas.

Examinando um pouco o assunto, reconheceríamos afinal que não foi apenas na antiguidade que a troca constituiu o verdadeiro processo de comércio.

O papel-moeda é útil a um país que, atravessando uma crise momentânea, tem necessidade de substituir a moeda de ouro ou prata ausente. O papel substituto da verdadeira moeda só representa, então, um empréstimo sem data de reembolso. Ele perde seu valor, eu já disse acima, primeiro por sua multiplicação e em seguida pela demora em seu reembolso.

Os Estados não devem então jamais se esquecer de que o papel-moeda corrente constitui uma moeda que se usa com tempo definido e cujo valor tende sempre a zero.

***

CAPÍTULO II

Os fatores antigos e modernos da riqueza.

Sumário

Uma agricultura medíocre e um comércio lento e incerto constituíam no mundo antigo as fontes principais da riqueza. Era então admitido, para um povo, que o melhor meio de se enriquecer constituía em pilhar seus vizinhos.

Em nossos dias, a progressiva dependência das nações começou a abalar, pelo menos em alguns economistas, as velhas ideias sobre a utilidade das conquistas. Fatos numerosos provam que os povos ganham muito mais trocando seus produtos do que se destruindo. A experiência mostrou também que para abrir mercados comerciais com uma nação era inútil conquistá-la. Era, por exemplo, com países como os Estados Unidos que a Alemanha tinha os mais proveitosos comércios.

Essas constatações, mesmo que evidentes, pertencem à ordem de verdades que eu qualifiquei em outro lugar de inativas, porque sua evidência não as torna suficientemente fortes para dominar os impulsos sentimentais ou místicos como a inveja, o ódio, a necessidade de hegemonia etc. que são capazes de levar os povos à loucas aventuras.

Quatro anos de luta e de destruição conferiram, no entanto, um certo poder às verdades outrora inativas. Elas provaram sobretudo que as guerras de conquistas não podem enriquecer ninguém, pois esta da qual saímos arruinou os vencedores tanto quanto os vencidos.

*

* *

Os povos consagram agora todos os seus esforços para reparar suas perdas, pagar suas dívidas e reconstituir seus capitais perdidos.

De que fontes, no futuro, advirá para eles a riqueza?

Essas fontes, de naturezas diversas, serão todas dominadas por um princípio fundamental que eu resumo na seguinte fórmula: *A fortuna de um indivíduo ou de um povo depende em grande parte da rapidez de circulação do capital que ele dispõe.*

Esta fórmula é próxima daquela que rege, em mecânica, a grandeza do trabalho. Ele é igual, como se sabe, à metade do produto da massa pelo quadrado da velocidade.

Em economia política, a massa é representada pelo capital disponível, a velocidade pela rapidez de sua circulação.

Pouco importa que o capital inicial seja mínimo. Se sua circulação é rápida, um capital muito pequeno ultrapassará rapida-

mente em grandeza um capital considerável, mas com pequena velocidade de circulação.

Aqui, mais uma vez, a analogia mecânica permanece. Uma bala de pequena massa, mas que se move em grande velocidade, é mais mortífera do que uma massa metálica cem vezes mais pesada, mas com uma velocidade pequena. Toda a balística moderna foi transformada por este princípio. Ele tende igualmente a transformar a indústria.

*

* *

Estes princípios levam a uma concepção nova da riqueza.

No mundo antigo, o tesouro de um país era constituído pela acumulação de peças de ouro ou prata, trancadas no fundo de cofres hermeticamente fechados, de onde elas raramente saíam.

Com a evolução moderna, o tesouro saiu inteiramente de seu cofre. Ele constitui uma massa móvel cuja grandeza varia, como eu disse, com a rapidez de sua circulação.

Suponhamos, para fixar as ideias, que um comerciante possua um capital de 1.000 francos que ele emprega na compra de uma certa quantidade de mercadorias revendidas em seguida com 10% de lucro. Se esta operação é renovada dez vezes na mesma semana, o capital estará dobrado no fim da semana.

Continuando com estas operações o comerciante logo estará mais rico do que a pessoa que possuísse 50.000 francos de capital imobilizado ou que lhe retorne um pequeno juro.

Resulta igualmente destes elementares cálculos que a importância do lucro comercial ou industrial depende não do ganho obtido em cada operação, mas da frequência destas operações.

Resulta também que, quanto mais o ganho é repetido mais ele pode ser reduzido. A redução do ganho, por sua vez, facilita a aceleração da circulação do capital, pois ela coloca a mercadoria ao alcance de um número maior de compradores.

O comprador e o vendedor ganham então ambos com a rapidez de circulação do capital. São sobre este princípio que são criadas as grandes lojas de novidades que substituem as pequenas lojas, em que o comerciante, vendendo pouco, é obrigado a vender caro.

Os exemplos que mostrei permitem apresentar sob a seguinte forma a fórmula enunciada acima: *O acréscimo na velocidade de circulação de um capital equivale ao aumento desse capital*.

Esta fórmula regerá cada vez mais o mundo industrial moderno. Quais são os meios de aplicá-la?

Os fatores que podem acelerar a velocidade de circulação de um capital foram muito estudados pelos americanos e os alemães

antes da guerra. Foi justamente por essa razão que seu desenvolvimento econômico ultrapassou o nosso.

A necessidade de rapidez na produção e no escoamento dessa produção sendo admitida, viu-se imediatamente a importância do aperfeiçoamento dos métodos de produção, do maquinário e do desenvolvimento dos meios de transporte.

Eu não conseguiria examinar aqui a influência dos diversos fatores de intensificação industrial e comercial, ou seja, da rapidez de produção e de escoamento dos produtos. Há um, no entanto __ o aumento da produtividade agrícola __ que eu mencionarei rapidamente, pois sua importância se revelará preponderante na fase de escassez que ameaça o mundo.

A produtividade agrícola da França era, antes da guerra, tão medíocre quanto sua produção industrial. As plantações de trigo não rendiam mais do que 12 hectolitros por hectare, enquanto que as terras alemãs, embora inferiores em qualidade, forneciam o dobro, graças à utilização de fertilizantes.

Quer se trate da agricultura ou da indústria, a ineficiência de nosso ensino técnico constituiu uma causa de inferioridade. Este ensino tem que ser refeito inteiramente.

*

* *

Num interessante trabalho publicado pela revista **L'Expansion Économique**, o engenheiro Sr. Loiret deu impressionantes exemplos das diferenças de rendimentos que podem ser obtidas da mão-de-obra e das máquinas, de acordo com os conhecimentos técnicos daqueles que os utilizam.

O autor lembra, particularmente, o exemplo clássico de Taylor que, graças à eliminação metódica dos movimentos inúteis, conseguiu com que fossem carregadas 47 toneladas de ferro fundido em um vagão por um trabalhador, enquanto que seus camaradas, que operavam sem métodos, não carregavam mais do que 12 toneladas no mesmo tempo.

Ele cita em seguida fábricas de material elétrico cujas produtividades mais que dobraram com melhores métodos e outras que puderam diminuir seus preços de venda em 40%, o que permitiu aumentar notavelmente o salário do trabalhador. Pretender elevar esse salário sem aumentar ao mesmo tempo a produtividade só leva à alta dos preços de venda. O fabricante sofre então a concorrência de rivais melhor equipados e sua mercadoria se torna invendável.

O autor destaca igualmente que a utilização criteriosa do carvão pode reduzir seu consumo em 30%. Ele lembra que, com a ajuda de operadores treinados, em 1905, na exposição de Liège, com os mesmos aparelhos e os mesmos combustíveis, a diferença

de rendimento entre o primeiro e o último concorrente chegou a 50%.

A necessidade de aperfeiçoar a instrução técnica dos trabalhadores e de seus chefes parece capital. A mão-de-obra se torna cada vez mais rara e cara, enquanto se faz necessário reduzir o preço de venda.

Como uma grande parte de nossa dívida é externa ela só poderá ser paga com o excedente de nossa produção agrícola e industrial.

*

* *

Todas essas considerações mostram que um capital material __ constituído pelo dinheiro, fábricas ou colheitas __ pode crescer consideravelmente quando é multiplicado por um certo coeficiente individual que eu chamaria de *coeficiente de capacidade mental*. É dele que depende o fator velocidade de produção, cuja importância eu já demonstrei.

É, portanto, visível, contrariamente aos sonhos igualitários dos socialistas, que, no futuro, mais ainda do que no passado, a riqueza de um povo dependerá sobretudo de suas elites científicas, industriais e comerciais.

Os países em que, sob a influência socialista, o desenvolvimento do estatismo continua a paralisar as iniciativas individuais

estarão num estado de inferioridade esmagadora com relação a países em que, como a América, a ação do Estado é reduzida a seu mínimo e a iniciativa dos cidadãos levadas a seu máximo.

*

* *

Devemos nos limitar, neste capítulo, à demonstração do papel da velocidade na criação dos valores.

Estudando sua influência sobre a evolução do mundo atual, seria fácil provar que nossa civilização será cada vez mais dominada por este fator. É ele, sobretudo, que diferencia o último século de todos aqueles que o precederam em vários milhares de anos de história.

De Sesostris a César, a Luís XIV e a Napoleão, a fabricação dos produtos, a circulação das pessoas e até mesmo das ideias, se fazia com uma grande lentidão.

A descoberta da hulha, *criadora da velocidade*, tornou possíveis os transportes rápidos e as fábricas com produções gigantescas. A vida dos povos e também seus pensamentos foram então transformados.

A existência moderna é mantida pela produção da hulha e pararia instantaneamente se essa fonte viesse a desaparecer. Uma greve prolongada dos mineiros bastaria para colocar em perigo toda a evolução econômica e social da Inglaterra. A importância

da hulha na vida material e moral dos povos justifica o capítulo que lhe é dedicado nesta obra.

Qualquer que seja, hoje em dia, o elemento de civilização considerado, os esforços da ciência tendem a acelerar sua velocidade. Poder-se-ia mesmo dizer que o papel da velocidade é o de prolongar a existência, com a condição de que se admita este aforismo, que eu formulei em outro lugar: a *duração da vida não depende do número dos dias, mas da diversidade de sensações acumuladas nestes dias.*

***

CAPÍTULO III

Os mistérios aparentes do câmbio.

Sumário

Quando, em 1525, Jacques de Chabannes, senhor de La Palice e marechal da França, morreu diante de Pávia, deixou a reputação de ser um valente soldado, mas, de maneira alguma, a de ser um filósofo. Apenas a posteridade deveria __ sem que se saiba, aliás, porque __ fazer desse homem guerreiro o pai da única filosofia geradora de verdades que as pessoas não contestam e para a defesa das quais elas raramente experimentam a necessidade de se degolarem.

As verdades ditas de La Palice constituem, frequentemente aliás, as mais importantes conclusões de nossos conhecimentos. Não seria exagerar muito afirmar que os grandes progressos da ciência consistem em transformar em verdades de La Palice, ou seja, evidentes, as hipóteses de início incertas. Eu demonstrei outrora, que um dos princípios essenciais da termodinâmica, sobre o qual a sagacidade dos físicos se dedicou penosamente durante cinquenta anos, poderia se limitar a esta verdade de La Palice: um rio jamais retorna para sua fonte.

A mesma coisa acontece em muitas ciências. Bem recentemente, um de nossos mais ilustres marechais assegurou que as únicas verdades úteis à guerra eram verdades de La Palice.

Mesmas observações para algumas ciências de aspecto severo, desenvolvidas em pesados volumes, como a economia política. Ela contém um número respeitável de verdades de La Palice. Como, por exemplo, o princípio fundamental da oferta e da procura, que a mais humilde cozinheira compreende muito bem quando o preço dos ovos que ela compra no mercado aumenta com sua escassez.

A maior parte das outras teorias de economia política se torna muito simples, assim que são limpas da escória escura acumulada pelos comentadores.

*

* *

Este preâmbulo tem o objetivo de preparar o leitor para o exame de uma questão que perturba hoje em dia a vida financeira dos povos: a questão do câmbio. Progressivamente carregada de um amontoado de erros, ela se tornou, apesar de sua extrema simplicidade, um fenômeno misterioso, supostamente regido por incompreensíveis forças ocultas ou pelas tenebrosas vontades de sutis especuladores.

Admitamos que um filósofo nutrido por verdades de La Palice empreenda a explicação do problema do câmbio, apesar de suas obscuridades. Como ele conseguirá fazê-lo?

Para um rápido exame e sem recorrer às luzes de nenhum economista, eu destacaria facilmente que a perda do câmbio __ ou seja, a diminuição do poder de compra de uma moeda __ varia com o grau de confiança concedido ao país que possua essa moeda. Se para se obter na Suíça ou na Inglaterra um objeto que valha cem francos na França, devemos pagar trezentos francos, ou seja, se o franco perdeu dois terços de seu poder nominal de compra, isso significa simplesmente que a confiança em nossa solvência está notavelmente reduzida.

O câmbio representa então um termômetro psicológico da confiança em relação ao país ao qual o produtor vende sua mercadoria.

Desta definição resulta claramente que a fórmula "estabilizar o câmbio", repetida por tantos economistas e tentada por diversos países constitui um absurdo. Estabilizar o câmbio equivaleria a estabilizar um instrumento de medida qualquer; o barômetro, por exemplo.

Quais as causas que podem fazer variar essa confiança, cujas oscilações se traduzem pelas do câmbio? Enunciar-se-ia mais uma vez uma verdade de La Palice ao assegurar que, se as despesas de uma pessoa, um industrial ou um Estado, permanecem por muito tempo superiores a suas receitas, a confiança em seu crédito diminuirá rapidamente.

Ela se reduzirá mais ainda se, para pagar suas dívidas, o devedor é obrigado a multiplicar os empréstimos.

Quando é o Estado que realiza essa operação, os empréstimos tomam formas variadas que dissimulam um pouco sua natureza. A mais usada é o papel-moeda, nota de banco de curso forçado que não implica em nenhuma data para seu reembolso.

Tais notas constituem, evidentemente, empréstimos sem outra garantia além da confiança inspirada pelo Estado tomador do empréstimo. Se este Estado multiplica suas notas, (fenômeno qua-

lificado de inflação fiduciária), a confiança diminui cada vez mais e, finalmente, torna-se quase nula. É a esta última e inevitável fase da vida do papel-moeda que chegaram a Áustria, a Rússia, a Polônia etc. A desvalorização total do papel representa o desaparecimento igualmente total da confiança que ele inspirava no início.

*

* *

O termômetro da confiança constituído pelo câmbio é muito sensível. Foi assim que o vimos sofrer na França uma queda brusca após uma declaração muito solenemente pessimista feita na Câmara dos Deputados sobre o déficit de nossa situação orçamentária.

Que os especuladores se aproveitem de tais circunstâncias para acentuar o movimento no sentido de alguns interesses, não há dúvida; mas sua ação é sempre limitada e passageira. As oscilações provocadas na curva da confiança não mudam de aspecto.

Hoje em dia sofremos os resultados da desastrosa fórmula "A Alemanha pagará" que levou, nos países devastados, a tantas despesas inúteis. Ninguém suspeitaria então que, graças a uma inflação fiduciária suficientemente desenvolvida para retirar todo valor do marco alemão, a Alemanha conseguiria evitar todo pagamento. O Sr. de La Palice talvez o tivesse adivinhado, mas nossos diplomatas não o pressentiram.

*

* *

Dentre as causas de depreciação do câmbio __ causas que se reduzem sempre, mais ou menos, a uma diminuição da confiança __ pode-se citar ainda um desequilíbrio da balança comercial, ou seja, da relação entre a importação e a exportação.

O Brasil fornece um excelente exemplo disso. Durante a guerra, suas exportações para a Europa progrediam rapidamente, enquanto que suas importações diminuíam a cada dia. Como a Europa tinha necessidade de uma gama enorme de mercadorias, ao mesmo tempo em que não tinha nada para vender, o ouro fluiu para o Brasil e seu câmbio se valorizou rapidamente.

A guerra acabou e a Europa não tinha mais necessidade de comprar do Brasil que, pelo contrário, para refazer seus estoques esgotados, teve que fazer grandes compras no exterior. Suas importações ultrapassaram então, em muito, suas exportações e seu câmbio logo baixou. Ele continuará a abaixar até que o aumento de sua produção lhe permita compensar suas importações. Este país teve, aliás, a inteligência de não erguer barreiras aduaneiras contra a importação, como fizeram tantos outros povos.

*

* *

Quando toda confiança está perdida no valor de uma moeda artificial como o papel e quando o país emissor dessa moeda depreciada não tem nem ouro nem prata, pode-se dizer que ele não possui mais moeda?

De maneira alguma. O ouro, eu não me cansaria de repetir, contrariamente à opinião de diversos economistas, representa uma mercadoria análoga a qualquer outra mercadoria e pode ser substituída por muitas outras. As diversas mercadorias são de transporte menos fácil do que o ouro e a prata, sem dúvida, mas seu poder de compra é igualmente eficaz.

Uma mercadoria negociável qualquer __ um saco de trigo ou de hulha, por exemplo __ representa então uma moeda, tanto quanto o peso determinado de ouro constitui para uma moeda de vinte francos, simplesmente porque ela é cambiável contra quantidades determinadas de outras mercadorias.

Eu já mencionei que um povo rico é aquele que possui um excedente de mercadorias cambiáveis; um povo pobre é aquele que, não o possuindo, é obrigado a tomar empréstimo. Ele paga então seu fornecedor não com mercadorias, mas com papel, que representa, na realidade, uma promessa incerta de mercadoria.

Quanto mais uma nação é rica em mercadorias negociáveis menos ela precisa de ouro ou prata. Que, para facilitar as trocas de mercadorias, essa nação empregue ouro, notas promissórias, pa-

pel-moeda, cheques etc. não importa. Na troca de mercadorias contra outras mercadorias, a confiança não intervém, pois o comprador se limita a trocar diretamente ou indiretamente uma mercadoria contra outra mercadoria de mesmo valor. Ele paga, na realidade, contando que o ouro e a prata não intervirão na operação.

*

* *

Esperando que se equilibre a balança comercial dos diversos países, ou seja, que suas importações possam ser saldadas com exportações, as variações do poder de compra das moedas produzem complicações formidáveis.

Os países cujas moedas conservaram seu valor sofrem às vezes quase tanto, com esta superioridade, quanto os países que sofrem com a desvalorização de suas moedas. Quando, após a queda do câmbio, pagamos uma mercadoria três vezes seu valor na Inglaterra ou na América, é exatamente como se estes países tivessem triplicado seus preços de venda.

Essa elevação artificial dos preços tornam, naturalmente, as vendas difíceis e um grande número de fábricas estrangeiras foram obrigadas a fechar.

Mas, se os povos com moedas não depreciadas não podem exportar facilmente seus produtos, eles têm um grande interesse em importar, pois, graças ao câmbio, eles só pagam pelos objetos

comprados um terço ou a metade de seu valor. Foi assim que a Inglaterra pôde adquirir recentemente na França quantidades enormes de açúcar, bem abaixo dos preços ingleses. Assim, igualmente, estrangeiros puderam adquirir, por um terço de seu valor, na França e na Alemanha, imóveis e fábricas importantes.

As repercussões das variações do poder de compra de uma mesma moeda em diversos países não acontecem somente sobre o comércio, mas também nas relações entre os povos. Suponhamos que um francês viajando pela Itália e a Suíça se hospede em hotéis que custem vinte francos ao dia. Por causa do câmbio ele pagará a estes hotéis o equivalente a dez francos ao dia na Itália e sessenta francos na Suíça. Pelo mesmo motivo, um objeto pago por vinte francos na França custará dez francos na Itália e sessenta francos na Suíça, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

*

* *

Uma das conclusões do que foi dito é que todos os países com moeda depreciada têm vantagem em exportar e não em importar. O interesse dos países com moeda não depreciada é, pelo contrário, importar e não exportar.

Infelizmente, essas duas operações __ importar e exportar __ sendo complementares uma da outra, não podem se isolar. Um

povo que se limite a exportar ou a importar estaria rapidamente arruinado.

É precisamente porque na maior parte das nações o equilíbrio não existe entre as importações e as exportações que a desordem é geral. Uns não podem exportar o suficiente porque o valor de suas mercadorias está triplicado pela depreciação do câmbio; outros não podem importar, precisamente por causa dessa elevação dos preços.

Como acabará tal situação? Ela foi ainda mais complicada pelas divagações de alguns economistas sobre a estabilização do marco ou as vantagens da inflação fiduciária. Eu imagino, no entanto, que, refletindo um pouco, eles descobririam bem rápido que, como as mercadorias se trocam simplesmente por outras mercadorias, as questões de moeda perderão toda importância assim que as quantidades de mercadorias para trocar forem em quantidades suficientes para restabelecer o equilíbrio entre a produção e o consumo. A moeda não passará então de um sinal convencional análogo a um cheque ou a um recibo. É evidente, por exemplo, que se eu envio a um negociante estrangeiro uma certa quantidade de ferro pagável com uma quantidade correspondente de trigo, ao preço do mercado mundial, toda a operação de câmbio desapareceu.

*

* *

Não foi apenas na era moderna que o papel-moeda e as variações de câmbio fizeram sua aparição no mundo. A França da Revolução já tinha os *assignats*, cuja história se conhece.

O governo britânico fez uso igualmente de papel-moeda em suas guerras contra Napoleão. As notas do Banco da Inglaterra foram correntes de fevereiro de 1797 a maio de 1821, ou seja, durante vinte e quatro anos. Os ingleses puderam assim adquirir os recursos necessários para quebrar o poder de Napoleão. Sua moeda jamais perdeu mais do que 25% de seu valor metálico e somente 2% em 1817.

Em sua Guerra de Secessão, a América empregou também o papel-moeda. Seu curso durou de 1862 a 1879 e, nos primeiros anos, ele perdeu até 50% de seu valor metálico. A guerra acabou, essa depreciação se atenuou rapidamente e cessou mesmo, antes da supressão de seu curso forçado.

Como os ingleses e os americanos conseguiram restabelecer o valor integral do papel? Foi unicamente a prosperidade de seu comércio que fez renascer a confiança.

Esses exemplos provam que as diferenças de câmbio __ que pesam tanto hoje em dia sobre o custo de vida __ estão ligadas intimamente com a restauração econômica da Europa. Essa restau-

ração se resume, nunca é demais repetir, a dois pontos: 1º) produzir com custos que permitam a venda das mercadorias suscetíveis de exportação; 2º) aumentar, pelo menos na França, a produção de mercadorias agrícolas, que constituem uma moeda superior a todas as outras. Com os povos equilibrando então suas receitas e suas despesas, a anarquia financeira cessará logo.

As quatorze conferências sucessivamente reunidas em quatro anos para descobrir outras soluções forem ineficazes. Foram gastos muita eloquência, muito pouca ciência e menos ainda bom senso.

***

CAPÍTULO IV

Como uma dívida pode variar com o tempo.

Sumário

Dentre as ilusões de que são vítimas os povos atuais pode-se citar aquelas relativas à grandeza da dívida alemã.

A determinação do valor exato dessa dívida é difícil, porque ela pode variar em imensas proporções, de acordo com os meios de pagamentos, seu atraso etc. Alguns cálculos vão mostrar a enormidade dessas diferenças.

Admitamos, para ser mais claro, que a dívida da Alemanha __ fixada finalmente em 132 bilhões __ seja somente de 100 bilhões, com 5% de juros e pesquisemos no que ela pode se tornar, fazendo variar as datas de pagamento.

Suponhamos que a Alemanha pague somente um bilhão por ano e vejamos, em algarismos redondos, como cresce sua dívida.

Uma fórmula bem conhecida mostra que, em dez anos, a dívida de 100 bilhões chegará a 150 bilhões e 312 milhões; em vinte anos a 232 bilhões e 264 milhões; em trinta anos a 365 bilhões e 755 milhões; em quarenta anos a 583 bilhões e 200 milhões; em cinquenta anos a 937 bilhões e 392 milhões.

A dívida terá então decuplicado em cinquenta anos e terá se elevado a um valor que todos os tesouros reunidos do mundo não poderiam pagar.

Suponhamos agora que a Alemanha venha amortizar sua dívida de 100 bilhões, com juros de 5%. Ela precisará gastar anualmente 5 bilhões e 477 milhões.

Se supusermos que a dívida não tenha juros, um gasto anual de 2 bilhões durante cinquenta anos bastaria para anulá-la.

Todas as moratórias que solicita a Alemanha teriam como resultado __ destaque importante __ reduzir em muito o valor real da dívida, pela perda resultante dos juros compostos.

O valor *atual* de uma soma de 1 bilhão, com atraso de pagamento de onze anos, não passa, com efeito, de 584 milhões e 679.000 francos. Com um atraso de vinte anos, seu valor cai para 377 milhões; depois a 87 milhões apenas se o pagamento é atrasado em cinquenta anos. Se o atraso fosse de quatro séculos o valor atual do milhão cairia para três francos somente.

Essa redução a 3 francos de uma dívida de um bilhão é um dos exemplos que mostram melhor o papel do tempo em matéria financeira. Graças a sua intervenção é possível reduzir em imensas proporções o valor de uma soma qualquer, ou, pelo contrário, aumentá-la infinitamente. Calculou-se que 1 franco investido com juros compostos no tempo de Jesus Cristo teria agora um valor representado por um globo de ouro mais pesado do que a terra.

É graças a essa influência do tempo que se pode adquirir um imóvel que tenha um valor muito superior aos recursos atuais do adquirente. Com uma cifra de amortização anual pequena, mas prolongada, a dívida se extingue muito rapidamente. Nossa instituição do crédito hipotecário é baseada neste princípio.

Sendo a vida individual muito curta, o montante de uma amortização anual é relativamente elevado, se a dívida deve ser amortizada rapidamente. Mas, para uma coletividade, cuja vida é teoricamente eterna, a anuidade pode se tornar tão pequena quanto se desejar. É por essa razão que os Estados podem tomar empres-

tado grandes somas e pagá-las facilmente. Eles adiam simplesmente por um tempo muito longo o pagamento de somas cujo reembolso imediato seria impossível.

*

* *

Os números acima mostram a enormidade das dívidas que acumula, em teoria, a Alemanha, com o menor atraso em seus pagamentos. Seria preciso uma dose inacreditável de ilusões para não ver a impossibilidade de obter dela tais somas.

Em nossos cálculos nós resumimos, no entanto, a dívida a 100 bilhões, ao invés dos 132 bilhões atualmente admitidos.

No início, a cifra da dívida alemã era muito mais elevada. Foi preciso reduzi-la várias vezes sob pressão do governo inglês.

A irritação da França contra a Inglaterra deve-se justamente a essa redução da dívida germânica. Inicialmente fixada em 259 bilhões de marcos em Bolonha, ela foi reduzida na Conferência de Paris, em 1921, a 226 bilhões, pagáveis em quarenta anos; depois, após a Conferência de Londres, a 132 bilhões, sempre pagáveis em anuidades.

Os homens de Estado ingleses que provocaram essas reduções fizeram muito mal, na verdade, em irritar uma potência aliada por números cujo lado ilusório não teve ter lhes escapado. Eles supunham realmente que, em meio século, um povo de 60 milhões

de almas pagaria um enorme tributo anual a seus vencedores? As seguintes reflexões do ex-primeiro-ministro, o Sr. Asquith, são de uma indiscutível precisão:

> *Aqueles que pensam hoje em dia que um punhado de homens sentados em Paris ao redor de uma mesa, quaisquer que sejam suas sabedorias e suas capacidades políticas, possam adivinhar o que se passará daqui a vinte, trinta ou quarenta anos, com relação aos pagamentos, dão prova de uma dose de credulidade e de uma falta de imaginação que não honram os homens de Estado da época atual.*

Seria inútil procurar aqui quais foram, para as diversas nações da Europa, as consequências dos pagamentos da Alemanha, pois ela se livrou de qualquer possibilidade de tais pagamentos por uma inflação monetária suficientemente grande para reduzir o valor de sua moeda a um algarismo próximo de zero. Vimos, num outro capítulo, sobre quais povos recairão, na realidade, os custos da guerra.

***

CAPÍTULO V

As causas da vida cara.

Sumário

Para a imaginação popular, os acontecimentos são derivados sempre de uma mesma causa. Pouco importa que essa causa seja real, basta que ela seja simples. O encadeamento complicado dos fenômenos não é acessível às coletividades e não mais, aliás, aos legisladores guiados pelos sentimentos coletivos.

As ideias simples levam as multidões a exigir soluções rudimentares aos problemas mais difíceis. O preço das mercadorias ou dos alugueis aumentam? O que há de mais fácil, em aparência, do que consertar isso com um tabelamento? Experiências múltiplas mostraram que o objetivo atingido foi exatamente o contrário do buscado, mas a experiência raramente figura entre os elementos de persuasão dos povos.

Para que uma ideia simples seja ouvida basta que ela seja carregada de esperanças.

Nos países onde a opinião pública reina sem contrapesos, as ideias simples, qualquer que seja sua falsidade, adquirem rapidamente uma força tal que os governos são impotentes em dominá-las. Disso resulta para eles uma grande fraqueza e, por via de consequência, em mudanças incessantes de conduta.

*

* *

Um breve estudo do problema da vida cara permitirá ilustrar as proposições precedentes sobre os perigos das ideias simples.

Para a mente popular __ e mesmo para algumas mentes um pouco sofisticadas __ a vida cara tem causas simples, como por exemplo, a avidez dos intermediários. Essa certeza esteve tão enraizada em um certo momento que, para obrigar o governo a punir os comerciantes, a Confederação Geral do Trabalho decretou uma greve geral.

Porém, esse problema, tão fácil de resolver para as mentes que pensam pouco é, pelo contrário, de uma complicação excessiva. É possível avaliar isso pela enumeração seguinte de suas principais causas.

Influência das exigências do produtor __ A elevação dos salários e dos lucros comerciais durante a guerra aumentaram notavelmente o poder de compra de muitos consumidores, enquanto a produção diminuía. Em razão da indestrutível lei da oferta e da procura, os comerciantes se aproveitaram do aumento dos recursos de seus clientes para elevar o preço das mercadorias.

Suponhamos __ para fixar as ideias com um exemplo bem claro __ que para a feira semanal de uma ilha protegida de toda entrada estrangeira por barreiras aduaneiras proibitivas, chegam a cada semana cem coelhos e que se apresentem duzentos compradores.

A implacável lei da oferta e da procura, precedentemente lembrada, fará aumentar o preço dos coelhos ofertados até que

100 dos compradores sejam eliminados por insuficiência de recursos.

Irritados com este revés, os 100 eliminados se colocam em greve para obter de seus patrões um aumento de salário que lhes permita, a eles também, a compra de um coelho.

Tendo conquistado o aumento pedido, eles retornam à feira da semana seguinte com a esperança de obter o coelho desejado. Mas, como é preciso sempre que 100 compradores sejam eliminados, pois a cada feira só chegam cem coelhos, o preço sobe mais uma vez e atinge um nível suficientemente elevado para que cem compradores apenas possam obter o animal desejado. Este resultado continuará invariavelmente o mesmo, por mais elevado que seja o salário dos aspirantes à propriedade de um coelho.

Quando, por causa da concorrência que se fazem os compradores, o preço do coelho se torna extravagante, o público se indigna e solicita a intervenção do governo.

Pouco familiarizado com as leis da oferta e da procura, este taxa ao máximo o preço de venda do coelho.

O resultado é imediato e, aliás, exatamente contrário ao objetivo desejado. Assim que a taxa é promulgada os cem coelhos semanais desaparecem da banca e passam para os fundos da barraca, onde são vendidos mais caro ainda, em razão dos riscos de processos aos quais o comerciante se expõe.

Este apólogo não é totalmente imaginário como se poderia pensar. Ele sintetiza fatos repetidos milhares de vezes desde o início da guerra e que, no entanto, não ensinou a ninguém. As leis recentes sobre as especulações ilícitas, sobre os aluguéis etc. mostram a incompreensão total de nossos legisladores diante de fenômenos econômicos.

A lei das oito horas __ Quando a produção era insuficiente em toda parte e era preciso aumentá-la os socialistas fizeram votar a lei que proibia o emprego dos trabalhadores por mais de oito horas ao dia. Seus resultados mais diretos foram aumentar notavelmente o custo de vida e enriquecer os comerciantes de vinho.

Essa desastrosa lei teve outras consequências ainda. As estradas de ferro e os navios foram obrigados a dobrar seu pessoal e o preço dos transportes foi enormemente aumentado. O aumento foi tal que, sob pena de ver nosso comércio marítimo totalmente aniquilado pela concorrência estrangeira, a lei das oito horas teve que ser suprimida na navegação.

O progresso do estatismo e a desorganização administrativa __ Impulsionada pelos socialistas, a extensão do estatismo e as complicações burocráticas que ele produz obrigaram a colos-

sais despesas; dai a criação forçada de novos impostos e, por consequência, nova elevação do custo de vida.

A menor medida não pode ser tomada em nosso país, sem a intervenção de inumeráveis agentes que pertencem a diversos ministérios independentes e que nunca se entendem. Se, como já mencionamos, de acordo com um relatório apresentado na Câmara dos Deputados, barcos estatizados partiam vazios de Bizerte para a França, enquanto ao lado deles apodreciam montanhas de cereais, era simplesmente porque os agentes que davam aos barcos a ordem de partida não tinham nenhuma relação com aqueles que podiam dar a ordem de carregá-los.

Escreve o Sr. G. Bourdon:

> *Nem unidade de ação, nem coordenação dos órgãos; os ministérios, os serviços, se atropelam, se misturam, se entrechocam, se paralisam. A frente, homens bem intencionados, mas jogados numa organização sem coerência, tomados pelas rivalidades de serviços concorrentes, desservidos por agentes atirados em sentido contrário; instruções que se deformam na cascata das hierarquias; ordens retiradas por contraordens, expedidas por sua vez por autoridades divergentes; circulares que se superpõem se contradizendo e que os interessados não se dão nem ao trabalho de ler. Estamos ainda procurando os segredos da organização.*

Apesar das mais manifestas evidências, persistimos em nossos métodos. A gestão estatista levará fatalmente à ruína todos os países que não souberem se livrar dela.

Num trabalho bem documentado, o Sr. senador Gaston Japy deu a este respeito os seguintes números, bem demonstrativos.

Em 1922, o déficit das estradas de ferro do Estado era de 430 milhões. A exploração da frota comercial estatal custava 300 milhões. A exploração dos tabacos rende ao Tesouro ao redor de três vezes menos do que os impostos sobre o tabaco na Inglaterra, país no qual a administração não se ocupa com a fabricação.

A inflação fiduciária e a elevação dos salários __ A multiplicação excessiva do papel-moeda, cuja gênese estudamos acima, produz consequências diversas que eu várias vezes terei oportunidade de examinar nesta obra. Eu só falarei aqui de sua influência sobre o aumento do custo de vida.

Um dos primeiros efeitos dessa inflação foi permitir elevar enormemente os salários dos funcionários públicos, dos empregados de estrada de ferro[6] e de todos os trabalhadores.

[6] De 1800 francos antes da guerra um empregado passou para 6.000 francos com dois meses de férias por ano, 8 horas de trabalho por dia e uma aposentadoria aos 55 anos. Os gastos anuais das Companhias com o pessoal passou de 750 milhões para 3 bilhões. Como resultado disso, o déficit das Companhias atinge hoje quase 4 bilhões e, de acordo com as previsões, será brevemente aumentado em uns 2 bilhões. É uma verdadeira corrida para a ruína.

Disso resulta para eles na possibilidade de aumentar seus gastos, enquanto que era necessário restringi-los, pois a produção era insuficiente.

Os progressos da inflação fiduciária reduziram muito rapidamente a confiança em nosso papel-moeda no estrangeiro. Na Inglaterra, na América e na Suíça, o franco só é aceito por cerca de um terço de seu valor.

Consequências da vida cara __ As consequências da vida cara são muito numerosas para serem enumeradas aqui. Algumas são a longo prazo, como a redução da natalidade; outras, como a diminuição de qualidade de um grande número de objetos, são imediatas.

Estando os preços de venda dos produtos de boa qualidade muito elevados e os recursos de muitos compradores limitados __ pois os novos-ricos estão rodeados de uma legião de novos pobres formados com os cacos da antiga burguesia __ é preciso, para abaixar os preços de venda, reduzir notavelmente a qualidade dos objetos. Quer se trate de vestimentas ou de artigos para casa, essa diminuição da qualidade é tal que sua exportação logo tornar-se-á impossível.

Valor dos meios propostos para remediar a vida cara __ A total ineficácia dos meios tentados para remediar a vida cara

provam de maneira suficiente a que ponto são desconhecidas certas leis econômicas fundamentais. Nossos legisladores podem constatar a cada dia que as leis que regulam o desenrolar das coisas dominam todas as suas vontades.

Os remédios legislativos tentados contra a vida cara foram os seguintes: 1º) elevação dos salários; 2º) tabelamento das mercadorias; 3º) promulgação de penalidades severas contra os especuladores e os comerciantes.

Todos esses remédios para a vida cara só fizeram torná-la mais cara ainda. É fácil explicar o por quê.

No que diz respeito à elevação dos salários, eu já mostrei acima que essa elevação, *qualquer que possa ser a taxa*, não tem outro resultado que não seja aumentar ainda mais os preços das mercadorias. A experiência comprovou nitidamente essa afirmação para que seja necessário insistir nela.

As taxações, às quais os legisladores __ na verdade, bem pouco esclarecidos __ retornam incansavelmente, têm a mesma influência que o aumento dos salários sobre o custo de vida. Elas elevam os preços e nunca os reduzem.

Se a experiência e não as exigências de uma opinião pública cega, guiassem nossos legisladores eles se lembrariam que a Convenção, após ter tentado, ela também, taxar as mercadorias, acabou por desistir disso e proclamou publicamente seu erro.

O terceiro meio de remediar a vida cara, ou seja, as penalidades severas contra os comerciantes que vendem muito caro, foi mais ilusório ainda do que os precedentes. Elas se chocam, com efeito __ como eu já mostrei acima, com um exemplo preciso __ com a eterna lei da oferta e da procura, que sempre fixa os preços das coisas fora da intervenção dos legisladores.

De fato, todas as leis imaginadas contra "os mercenários" jamais fizeram abaixar um centavo no preço de uma mercadoria qualquer durante ou após a guerra. Para obedecer em aparência aos regulamentos, os comerciantes colocavam à venda uma pequena quantidade de produtos pelo preço tabelado. Ela era distribuída aos compradores em pequenas porções, após horas na fila diante das lojas. A maior parte da mercadoria era entregue clandestinamente em seguida aos clientes que consentiam em pagar um preço mais alto.

Quanto às leis novas, particularmente aquelas relativas às taxações dos aluguéis, suas consequências imediatas foram escassear ainda mais a construção dos imóveis, no momento em que a crise dos aluguéis se agravava todos os dias. Os promotores dessas medidas deram prova de uma cegueira realmente inconcebível. Será preciso revogá-las, após ruinosas tentativas, quando se constatar, por exemplo, que ninguém pensará mais em construir casas.

Tendo mostrado o quanto eram ilusórios os remédios propostos até aqui contra a vida cara, nos resta pesquisar se não existiriam outros mais eficazes.

Podemos citar pelo menos três: 1º) as associações cooperativas de consumidores; 2º) a supressão das taxas aduaneiras; 3º) o aumento da produção.

A eficácia dos dois primeiros é imediata, mas pequena. A terceira é a longo prazo, mas considerável. É mesmo a única com a qual se pode seriamente contar. É fácil demonstrar isso sem que seja preciso longos desenvolvimentos.

Das associações cooperativas é inútil falar muito, pois elas sempre tiveram um desempenho medíocre na França. Elas poderiam __ mas em teoria somente __ livrar o público da diferença enorme __ metade, geralmente, depois da guerra __ existente entre o preço pago ao produtor e aquele pago pelo consumidor. O espírito de solidariedade e de organização, necessário para a criação de cooperativas, falta na França, infelizmente.

A facilidade de importações, que resultaria de uma supressão de taxações aduaneiras proibitivas, seria um meio melhor do que o precedente para reduzir em uma notável medida o custo de vida, mas o poder dos grandes produtores sobre o Parlamento é tal que estamos condenados por muito tempo a um regime protecionista excessivo.

Nossos governantes, que parecem às vezes assombrados pelo medo da invasão dos produtos alemães, são aqui vítimas de uma ilusão econômica, da qual os ingleses, os americanos e os italianos souberam se livrar. Se refletissem um pouco sobre isso eles descobririam certamente que se os alemães conseguem fabricar boas mercadorias com preços vantajosos, elas invadirão nosso mercado, quaisquer que sejam as barreiras imaginadas. Inicialmente compradas a um preço bem abaixo de seu valor __ graças à cotação do câmbio __ pela Inglaterra, a Bélgica, a Suíça etc. elas nos são revendidas em seguida fortemente majoradas, pelos diversos países com os quais somos obrigados a comerciar, a menos que nos rodeemos de uma Muralha da China que produziria uma ruína definitiva.

As importações sem exportações compensadoras só constituem __ eu já mencionei isso __ uma operação transitória, pois mercadorias só se pagam, no fim das contas, com mercadorias. Sem dúvida que o crédito permite substituir estas últimas pelo papel, ou seja, por promessas, mas um mecanismo tal não pode se prolongar por muito tempo. A importação sem exportação não passa de uma forma de empréstimo e um povo não pode viver para sempre de empréstimo.

Para reparar nossas ruínas, pagar nossas dívidas e diminuir o custo de vida só resta um dos meios enumerados acima: intensifi-

car enormemente __ e a preços que tornem possível a exportação __ nossa produção; a produção agrícola, sobretudo.

A fórmula é de um enunciado fácil, mas seria preciso um volume para bem demonstrar, não apenas sua importância, mas também as dificuldades de sua realização.

Mesmo que a França seja um país sobretudo agrícola, sua agricultura continua tão mal explorada que ela é obrigada a importar, com somas enormes, trigo, açúcar, frutas, batatas etc.

Nossas colônias não são melhor exploradas. Antes da guerra elas estavam comercialmente em mãos estrangeiras. O **Journal de Genève** insistiu recentemente sobre a grandeza de nosso império colonial e sobre nossa prodigiosa incapacidade em explorá-lo. Disse ele: "É o estrangeiro que tira partido das colônias francesas. A França abandonou a seus rivais mais da metade do comércio, como na Tunísia; frequentemente mesmo, mais de três quartos. Na Indochina, ela não tira partido de mais do que um terço das entradas e um quinto das saídas".

Todas essas coisas e muitas outras de mesma ordem deverão ser ditas, reditas e repetidas sem trégua. De um trabalho obstinado, inteligentemente orientado, depende nosso futuro. O trabalho bem dirigido é a segurança de um destino próspero. A indolência, a incapacidade e as querelas dos partidos são a decadência onde

soçobraram todos os povos que não souberam se adaptar às novas necessidades que os acontecimentos fizeram surgir.

***

LIVRO IV

O desequilíbrio econômico do mundo.

CAPÍTULO I

As novas forças que guiam o mundo.

Sumário

Estando as razões primeiras inacessíveis, a natureza íntima das forças físicas permanece desconhecida. Para defini-las, estamos reduzidos a dizer que elas são “causas de movimento”.

Estando a natureza íntima dos motivadores que fazem agir as pessoas tão ignorada quanto a das forças físicas é preciso imitar a reserva dos cientistas e dar simplesmente o nome de forças às causas diversas de nossas ações.

Essas forças podem ser internas __ ou seja, com origens em nós mesmos __ como as forças biológicas, afetivas, místicas e intelectuais. Elas podem ser também independentes de nós, como o meio e as influências econômicas.

Durante toda a pré-história, as forças biológicas __ a fome, principalmente __ dominaram quase exclusivamente a existência.

A humanidade não tinha outro ideal possível além de se alimentar e se reproduzir.

Com o desenrolar das eras a vida tornou-se um pouco mais fácil e esboços de sociedades nasceram. À tribo nômade sucederam os vilarejos, cidades e, por fim, impérios.

Somente então puderam ser construídas as grandes civilizações. Elas foram de tipos diferentes, de acordo com as forças que as orientaram.

As necessidades biológicas e alguns elementos afetivos, como a ambição, produziram civilizações do tipo militar, como as de Roma e das grandes monarquias asiáticas.

Quando as forças intelectuais se tornaram preponderantes foi a civilização helênica, com suas maravilhas do pensamento e da arte. Quando as forças místicas levaram vantagem foi a Idade Média, com suas catedrais e sua vida religiosa intensa.

*

* *

As grandes civilizações que se desenvolveram na superfície do globo tiveram então motivadores variados. Mas encontra-se em todas o caráter comum de serem influenciadas por divindades diversas dotadas de um soberano poder.

Mesmo sendo a simples síntese dos sentimentos e das necessidades das pessoas, de seus sonhos, de seus medos e de suas

esperanças, os deuses foram considerados durante muito tempo como os únicos capazes de dirigir o mundo e de fornecer explicações aos "porquês" sem fim que se colocam os seres rodeados de coisas temíveis que eles não compreendem.

Dessa dominação das forças místicas, nenhuma coletividade, grande ou pequena, jamais pode se livrar. Seu papel foi tal que as mais importantes civilizações __ aquelas ditas budistas, cristãs e muçulmanas, particularmente __ são designadas pelos nomes de seus deuses.

A necessidade mística de crenças parece um elemento tão inevitável da natureza humana que nenhuma razão conseguiria abalá-la. Quando os deuses pessoais desaparecem eles são logo substituídos por divindades impessoais: dogmas e fórmulas aos quais seus adeptos atribuem os mesmos poderes que aos antigos deuses. O espírito religioso é, na realidade, tão intenso hoje quanto nos mais crédulos períodos, só mudando um pouco de forma.

As novas crenças __ socialismo, espiritismo, comunismo etc. __ têm os mesmos fundamentos psicológicos que a antiga fé. Eles possuem seus apóstolos e também seus mártires. Eu já insisti muito no papel capital do misticismo na história para que seja útil retornar a isso novamente.

*

* *

Às forças biológicas, afetivas e místicas, que guiaram quase exclusivamente os povos durante uma parte de sua evolução, se acrescentaram mais tarde as forças intelectuais, cujo papel tornou-se considerável. Elas transformaram todas as condições de existência da humanidade. Sua ação sobre os sentimentos, as paixões e as crenças continua, infelizmente, fraco. Longe de restringir os ódios que separam as nações e as classes de cada nação, a inteligência se coloca a seu serviço e só torna mais mortíferos os conflitos que sempre dividiram as pessoas.

Todas estas forças enumeradas possuem o caráter comum de se encontrarem em nós mesmos e de serem, mais ou menos, modificáveis pelas vontades surgidas de nossas necessidades e de nossas crenças.

Mas, como eu já mostrei no início desta obra, os tempos modernos viram nascer novas potências __ as forças econômicas __ sobre as quais, as vontades e as crenças continuam sem ação.

Desta forma, após ter sido governada por um panteão de ilusões ao longo de sua história __ ilusões religiosas, políticas e sociais __ a humanidade chegou a uma nova fase em que as forças econômicas dominam todas as quimeras.

Outrora pouco ativas, quando os povos eram separados por insuperáveis distâncias, essas forças se tornaram tão preponderantes que elas regem imperiosamente o destino das nações. Elas as

forçaram a renunciar a seu isolamento e criaram entre elas uma interdependência acentuada a cada dia e que acabará por dominar os ódios.

A ruína econômica da Europa, após a derrota alemã, é um exemplo impressionante dessa interdependência.

A Inglaterra, que viu suas exportações reduzidas pela metade depois que ela perdeu a clientela germânica, se pergunta como sair de uma situação que acua no desemprego e na miséria vários milhões de seus trabalhadores.

Se retornamos tão frequentemente ao longo desta obra ao papel das forças econômicas é porque sua influência cresce a cada dia. Elas hoje se encontram em luta contra aquelas que guiavam outrora o mundo. Sem dúvida, legisladores imprevidentes e adeptos de quimeras perturbarão ainda mais a existência dos povos, mas sua ação será efêmera. O mundo que virá terá como senhores forças econômicas novas derivadas das mesmas forças materiais, outrora insuspeitas, que transformaram a existência dos povos. Vamos mostrar seu papel.

***

CAPÍTULO II

O papel social das novas forças derivadas do carvão e do petróleo.

Sumário

Ignorado até uma época bem recente __ pois não remonta além de Napoleão __ o papel das novas forças motrizes tornou-se tão preponderante que a civilização não é mais concebível sem elas.

A potência dos Estados modernos é medida cada vez mais por sua riqueza em carvão ou em petróleo. Privados desses geradores de forças eles cairiam fatalmente sob a tutela __ econômica de início e política em seguida __ daqueles que os possuem.

O papel das grandes forças motrizes modernas aparece de uma impressionante maneira quando se traduz em números sua produção mecânica e quando se a compara com aquela que podiam antigamente desenvolver o ser humano e os animais.

Cálculos que seria muito longo explicar aqui, me permitiram demonstrar que as 190 milhões de toneladas de carvão extraídas anualmente pela Alemanha de suas minas antes da guerra podiam executar um trabalho mecânico igual ao que forneceriam 950 milhões de trabalhadores. O trabalhador-hulha possui, além dessa imensa superioridade, o fato de que ele executa por três francos

um trabalho pelo qual o trabalhador humano demandaria pelo menos 1.500 francos[7].

Acrescentemos ainda que 5.000 mineiros, trabalhando durante um ano, bastam para extrair um milhão de toneladas de hulha capazes de produzir o trabalho de cinco milhões de trabalhadores.

Aumentar a riqueza de um país em hulha significa, na realidade, multiplicar enormemente o número de seus habitantes. Muita hulha e poucos habitantes valem mais do que pouca hulha com muitos habitantes.

É preciso destacar, aliás, que a hulha é também uma verdadeira criadora de habitantes. O cientista professor de Launay demonstrou que as grandes cidades inglesas viram crescer enormemente sua população com a produção carbonífera em sua vizinhança. Glasgow, por exemplo, que possuía 80.000 habitantes em 1801, possui hoje 800.000. Sheffield, que não passava de um burgo feudal na mesma época, conta agora com 380.000 habitantes. De 5.000 habitantes em 1700, Liverpool chegou a 750.000. Essas novas populações representam a hulha transformada e seriam

[7] Eu demonstrei as bases de meus cálculos em meu livro **Enseignements Psychologiques de la Guerre**. Um ilustre membro da Academia de Ciências, o Sr. Lecornu, os adota em seu livro **La Mécanique**. Seus resultados diferem um pouco dos meus porque ele adotou uma cifra maior para o preço da hulha na Alemanha antes da guerra. Com os preços atuais da hulha, meus números deveriam ser naturalmente modificados de acordo com esses preços.

condenadas a morrer de fome se um cataclismo geológico viesse a destruir o carvão de onde elas nasceram e com o qual elas vivem.

*

* *

A mais rápida olhadela ao redor de si mostra a que ponto a civilização moderna repousa sobre o uso da hulha ou dos produtos similares como o petróleo. Qualquer um pode ver que se esses produtos desaparecessem as estradas de ferro parariam; mas é preciso estatística para mostrar que não são nossas locomotivas que absorvem a maior parte do carvão. As estradas de ferro são responsáveis por 18% do consumo total da hulha, enquanto que a indústria, nela incluída a metalurgia, exige 47%; os gastos domésticos, 19%; as usinas de gás, 7%.

Durante a guerra o papel da hulha e do petróleo foi preponderante. Sem eles não teríamos nem canhão, nem munição, nem víveres e os americanos não teriam podido atravessar o oceano para vir tomar parte na luta.

A hulha é, na era atual, tão indispensável a todos os povos, que aqueles que não a possuem em quantidade suficiente, como a Itália, parecem destinados a se tornar vassalos dos países que a possuem bastante, como a Inglaterra.

Sabe-se do formidável meio de pressão que a posse do carvão dá a esta última sobre as nações que estão reduzidas a comprá-lo dela para alimentar sua indústria.

Desta forma, no congresso de SPA, a Grã Bretanha forçou a França, graças a direitos de exportação exorbitantes, a lhe pagar 100 xelins por tonelada de carvão, fornecida por 40 xelins aos seus nacionais. Apenas a concorrência do carvão americano pôs fim a essa exploração, que mostrou particularmente o quanto pouco pesam as alianças diante dos interesses econômicos.

O papel dominador conferido a alguns povos por sua riqueza carbonífera é igualmente posto em evidência pela história industrial da Alemanha. Seu grande desenvolvimento, começado em 1880, foi o resultado principalmente de uma superprodução considerável de suas minas.

Produzindo mais hulha, ela fabricou mais. Fabricando mais, ela teve que aumentar suas exportações e criar para si, por consequência, mercados novos. Em 1913 sua exportação atingia a enorme cifra de 13 bilhões.

Fatalmente então, ela se deparou em toda parte com a concorrência inglesa. Na esperança de abatê-la, a Alemanha se transformou numa potência militar marítima e preparou a guerra que acabaria por explodir. A riqueza em hulha da Alemanha foi, por-

tanto, uma das causas indiretas do conflito que deveria convulsionar o mundo.

*

* *

Para prognosticar com credibilidade o futuro econômico dos povos, basta conhecer sua produção de carvão. Os Estados Unidos extraem anualmente quase 600 milhões de toneladas; a Grã Bretanha, 300 milhões (número que tinha conseguido a Alemanha antes da guerra); a França, 40 milhões, das 60 milhões que ela necessita. A Espanha, quase no nível mais baixo da escala industrial do mundo, produz 4,5 milhões apenas.

Todos os fatos que estou mencionando mostram que a riqueza em carvão, que determina a potência industrial dos povos, determinará também sua situação política. Um país obrigado a comprar no exterior e a transportar com preço alto a hulha que precisa não pode fabricar economicamente e, por consequência, exportar. Ele deve então concentrar seus esforços em produtos que não exijam muita força motriz __ relojoaria, objetos de arte, moda etc. __ e se dedicar sobretudo a aperfeiçoar a agricultura, base necessária de sua existência.

Os povos latinos, cujas capacidades industriais são medíocres, têm, por isso, todo interesse em voltar seus esforços para a agricultura e a fabricação de objetos de luxo. Essas necessidades

são consequências das leis econômicas, cuja força eu já demonstrei.

*

* *

Novas descobertas científicas permitirão, sem dúvida, um dia, substituir a hulha como fonte de força motriz. Pesquisas de laboratórios que me custaram uma dezena de anos de trabalho, me levaram a provar que uma matéria qualquer __ um mínimo fragmento de cobre, por exemplo __ é um reservatório colossal de uma energia outrora insuspeita, que eu chamei de *energia intra-atômica*[8]. Nós só podemos extrair dela atualmente ínfimas parcelas, mas se conseguirmos, no futuro, dissociá-la facilmente da matéria, a face do mundo será mudada. Uma fonte infinita de força motriz e, por consequência, de riqueza, estando a disposição da humanidade, os problemas políticos e sociais de hoje não se colocarão mais.

*

* *

[8] Essas pesquisas estão expostas em meu livro **L'Évolution de la Matière** (37ª edição), com 68 figuras desenhadas no laboratório do autor.

Esperando essas realizações, talvez distantes, é preciso viver na hora presente, tratar de empregar a pouca hulha que possuímos e procurar um meio de completar nossa produção.

No que diz respeito à utilização da hulha, resta efetuar muitos progressos, pois 90% do calor produzido por sua combustão é inteiramente perdido.

Atualmente os meios de substituir a hulha são pouco numerosos. Ainda só possuímos o petróleo e as quedas d'água como equivalentes.

O petróleo substitui muito vantajosamente a hulha, pois um quilograma de petróleo fornece 11.600 calorias, enquanto que um quilograma de hulha mal produz 10.000. Todos os novos encouraçados ingleses empregam exclusivamente o petróleo como combustível.

O emprego do petróleo __ tão superior à hulha, pela sua facilidade de transporte e pela comodidade de seu emprego __ se difunde cada vez mais. Durante a guerra ele foi capital. Vários generais afirmaram que foi somente graças ao petróleo que puderam ser rapidamente transportadas as munições e as tropas que salvaram Verdun.

Isto explica porque o petróleo desempenhou na política dos ingleses um papel tão importante. Foi para se apoderar de fontes

petrolíferas novas que foram empreendidas suas guerras no Oriente.

Atualmente a Inglaterra possui a maior parte das concessões de petróleo na Europa, na Ásia, na África e numa parte do México.

Mas as fontes de petróleo se esgotam rapidamente e prevê-se seu completo esgotamento em um curto intervalo de tempo. A América calculou que o petróleo de seu solo vai secar em 18 anos. Buscando petróleo em todo lugar e sempre encontrando a Inglaterra em seu caminho, ela concluiu que o império britânico gostaria de barrar o crescimento naval dos Estados Unidos. É uma ameaça de futuros conflitos.

*

* *

Como sucedâneo do carvão e do petróleo, pode-se citar a hulha branca, ou seja, a força motriz que pode fornecer a água dos lagos, dos grandes rios e dos glaciares, que caem de um nível superior para um nível inferior, sob a influência da gravidade.

Alguns estatísticos asseguram que a utilização de todas as nossas quedas d'água produziria o equivalente a 20 milhões de toneladas de hulha; cifra quase equivalente ao nosso déficit anual antes da guerra.

Nós não utilizamos hoje em dia mais do que 2 milhões e, para captar os 18 milhões restantes seria preciso um gasto tal, que o juro do capital investido representaria talvez uma soma superior àquela necessária para a compra do carvão no exterior.

Destaquemos, de passagem, que a hulha branca já desempenha, em alguns departamentos, um papel social importante. Não sendo transportável ela deve ser empregada sob a forma de eletricidade, num raio pouco distante de sua produção. Conduzida por minúsculos fios, essa eletricidade alimenta pequenos motores muito menos volumosos que as grandes máquinas alimentadas por carvão. Como resultado, nas regiões com hulha branca __ Alto Loire, Jura, Pirineus etc. __ o pequeno motor elétrico, tão fácil de empregar entre eles, determina um retorno ao trabalho domiciliar e o abandono da fábrica. É toda uma evolução social que se esboça aqui.

***

CAPÍTULO III

A situação econômica da Alemanha.

Sumário

Na idade feliz da infância, em que o maravilhoso não se distingue da realidade, nem o possível do impossível, os acasos de

uma leitura colocaram sob meus olhos a narração das desventuras de um jovem ambicioso que vendeu sua alma ao diabo em troca de uma série de vantagens, cuja lista se esvai na bruma de minhas lembranças.

Refletindo mais tarde nessa história, ela me pareceu possuir um sentido profundo, ignorado talvez por seu autor. Não é visível, com efeito, que os acontecimentos, os personagens, os códigos, os impérios são protegidos por almas onde reside sua verdadeira força?

Essas almas dominaram a história. Não foram os legionários, mas a alma temida de Roma que governou o mundo por séculos. Ela o governou até o dia em que essa alma soberana foi vencida por outras almas mais poderosas. Todas as grandes civilizações foram igualmente regidas por almas.

Em nossos dias, as almas se chocam com o muro de bronze das necessidades econômicas. No entanto, sua força continua muito grande. Pode-se dar conta disso com uma rápida olhada na situação econômica da Alemanha.

*

* *

Dentre as mais imprevistas consequências da guerra figura, para diversos povos europeus __ particularmente a Alemanha __ a perda de sua moeda.

Eu nunca li os enormes volumes dedicados à economia política por respeitáveis professores. No entanto, eu duvido que neles se fale de fenômenos monetários comparáveis aos observados atualmente.

No passado, as crises monetárias foram frequentes e as falências de Estados numerosas; mas esses fenômenos eram transitórios. Quando a moeda depreciada tinha perdido todo poder de compra, como os *assignats* no fim da Revolução Francesa, ela era retirada de circulação e substituída por outra. Sem dúvida os rentistas eram arruinados; mas as queixas dos rentistas empobrecidos jamais interessaram alguém e suas lamentações permaneciam sem eco. Camadas sociais novas tomavam seu lugar e o mundo continuava sua marcha.

*

* *

As coisas são muito mais complicadas hoje em dia. Povos privados de sua moeda habitual, como os alemães, continuam a viver sem problema e até mesmo a prosperar. Outros países __ os Estados Unidos, por exemplo __ apesar de um enorme excedente de moeda metálica, estão entravados em seu comércio, a ponto de classes inteiras de cidadãos lá se acotovelarem na miséria.

Esses fenômenos, tão singulares em aparência, são esclarecidos assim que se para de confundir a riqueza real com a sombra

da riqueza. Constata-se então, como eu já repeti várias vezes, que as moedas de ouro e de prata são mercadorias suscetíveis de serem substituídas por outras mercadorias.

O ouro, a prata, o ferro, a lã, o algodão, podendo se substituir uns aos outros __ como vimos ao estudar as fontes reais da riqueza __ pouco importa que um país tenha perdido sua moeda metálica se ele pode substituí-la por outra moeda de troca; o trigo ou a hulha, por exemplo.

A única vantagem das moedas de ouro ou de prata é de serem trocáveis em todos os países, enquanto que as mercadorias não metálicas são aceitas somente pelos povos que necessitam delas.

*

* *

Razões diversas e muito conhecidas para que seja necessário lembrá-las aqui, levaram, desde o fim da guerra, várias nações a criar uma moeda artificial constituída por papel-moeda que, não sendo reembolsável à vontade, representam simplesmente títulos de empréstimo sem data de reembolso. Essa sombra de moeda só oferece uma sombra de garantia: a confiança do credor no tomador do empréstimo. Tal confiança se reduz naturalmente com os anos e se aproxima progressivamente de zero, como vemos hoje na Alemanha. Se o zero ainda não foi atingido é porque o valor do

papel-moeda, por mais reduzido que ele possa ser, representa ainda uma sombra de esperança.

Toda esta dissertação sobre a natureza real da moeda só pode influenciar a mente com a condição de ser apoiada em fatos.

Porém, esses fatos são categóricos, pois eles mostram, como recordei acima, que países abarrotados de ouro podem ter problemas enquanto que outros que não possuem quase nada vivem uma situação próspera.

No que concerne ao primeiro caso __ riqueza em reservas de ouro __ o exemplo dos Estados Unidos prova bem que o ouro não é a verdadeira riqueza, ou, pelo menos, que não passa de uma riqueza que pode circular e se tornar assim uma mercadoria de trocas.

Mas, em razão do empobrecimento geral, uma gama enorme de mercadorias não têm mais compradores. Eles diminuíram na mesma razão da enorme elevação dos câmbios que triplicou o preço das mercadorias para os compradores de produtos provenientes da Inglaterra e da América, sem, aliás, que os vendedores tirassem qualquer proveito dessa majoração.

Sem dúvida que os americanos poderiam direcionar todo seu ouro para a compra no exterior de mercadorias, mas então sua provisão deste metal se esgotaria rapidamente. Não sendo renova-

da, pois se compra cada vez menos, eles também estariam logo desprovidos de moeda metálica.

*

* *

Com sua inflação ilimitada a Alemanha se privou evidentemente de um precioso meio de troca, mas como ela possui outros, seu estado geral continua próspero. Nunca, com efeito, ela construiu tantos navios e fábricas quanto hoje em dia. Jamais suas fábricas, que nenhuma foi atingida pela guerra, se mostraram mais florescentes. Seus produtos, fabricados a preços baixos, inundam o mundo. A marinha alemã se recupera rapidamente e em breve terá nos ultrapassado. Em 1922, o tráfego no porto de Hamburgo era superior ao seu tráfego de antes da guerra.

Essa indubitável prosperidade é, em parte, a consequência de teorias financeiras contrárias certamente aos velhos ensinamentos dos economistas, mas cujos resultados estão aqui: 1º) enriquecimento da indústria da Alemanha e 2º) permitir a ela evitar o pagamento da maior parte de suas dívidas.

Todos os economistas sabem há muito tempo que a inflação do papel-moeda produz rapidamente sua depreciação total; mas o que eles não tinham visto e os alemães perceberam, é que, se essa inflação leva à ruína, ela pode, num povo industrial e durante um tempo suficientemente longo, construir uma riqueza, certamente

fictícia, mas conversível em valores reais de maneira alguma fictícios.

Foi graças justamente a essa riqueza fictícia, criada pela impressão ilimitada de papel-moeda, que a Alemanha conseguiu, em quatro anos, construir estradas de ferro, fábricas, navios e comprar as matérias primas necessárias a sua indústria. Todas as mercadorias que ela exportava __ e cuja fabricação era paga aos trabalhadores com papel-moeda __ eram entregues no exterior contra dólares americanos e libras inglesas.

A operação se resumia então, na realidade, em trocar por ouro e prata um papel que não tinha outro valor real além do custo de sua impressão.

Operações tão artificiais não poderiam naturalmente se prolongar; mas, enquanto elas duraram, a Alemanha pôde dar a sua navegação, a suas fábricas, a seu comércio, um desenvolvimento considerável.

Seria inútil insistir aqui sobre uma situação econômica que deu lugar a tantas discussões. Eu me limitarei a fazer observar que as opiniões formuladas acima são iguais a de todas as pessoas que visitaram recentemente a Alemanha, particularmente o professor Blondel, que fez um estudo particular da questão. Ele mostrou como foi reconstruída uma Alemanha econômica ao lado de uma Alemanha arruinada.

Em seu trabalho o autor mostra que os grandes cartéis das indústrias químicas, açucareiras, elétricas etc. pagam dividendos que ultrapassam frequentemente 50% e acrescenta:

> *Como fazem então os alemães, com seu câmbio em aparência tão desfavorável, para conseguir as matérias primas que lhes fazem falta? Como o preço de venda dos produtos manufaturados estão baixos, eles vendem o que fabricam em condições que lhes permitem fazer uma concorrência vitoriosa aos países onde o câmbio está alto; mas eles têm o cuidado de não introduzir na Alemanha o dinheiro que eles ganharam; eles o deixam no exterior, investido em empresas estrangeiras na aparência e que, na realidade, são alemãs __ e de preferência naquelas empresas que podem ajudá-los a conseguir as matérias primas que precisam. Esse sistema lhes permite, sob o ponto de vista dos impostos, escapar das novas leis que a Alemanha votou. As fortunas sobre as quais elas poderiam incidir estão em grande parte no exterior. Há 14 milhões de alemães nos Estados Unidos e com sua ajuda os alemães da Alemanha colocaram uma parte de sua fortuna no Novo Mundo. Há milhares de alemães que estão em muito boas condições em todos os pontos importantes do globo. O próprio governo reconhece que é impossível controlar a fortuna de seus na-*

cionais postos assim em lugar seguro. Um dos principais erros que cometemos em 1918 foi de não compreender que era preciso imediatamente tomar garantias, que era preciso organizar imediatamente um controle sobre a fabricação das empresas e sobre a importação e a exportação. Os alemães nos mostram hoje os caixas vazios. Eles converteram seus marcos em dólares, em libras esterlinas, em florins holandeses.

Pode-se acrescentar a isso que uma das causas da situação econômica atual da Alemanha é resultante da destruição sistemática por seus exércitos da quase totalidade dos estabelecimentos industriais do norte da França. As usinas metalúrgicas, elétricas, mecânicas, as minas etc. foram aniquiladas após os alemães terem se apoderado de suas instalações. Pode-se apreciar a grandeza dessas devastações ao considerar que a França já gastou 80 bilhões para reconstruir uma parte do que foi destruído.

*

* *

O ilustre filósofo Boutroux, autor de um livro célebre publicado em minha Biblioteca de Filosofia Científica e ao qual eu reprovei suas hesitações em concluir, me respondeu:

__ A maior parte das coisas não implica em conclusões.

Ele queria dizer com isso, sem dúvida, que uma conclusão representa um fim e que, como o desenrolar dos fatos não param, concluir definitivamente é na maioria das vezes impossível.

O momento de dar uma conclusão às páginas precedentes ainda não chegou. Os povos continuam a serem guiados por sombras. Eles se livram lentamente da influência das forças novas que se tornaram as grandes reguladoras do mundo.

***

CAPÍTULO IV

Os elementos psicológicos da tributação.

Sumário

Não faz muito tempo ainda, a psicologia clássica era composta por dissertações teóricas desprovidas de interesse prático. Os homens de Estado tomavam por guias regras empíricas legadas pela tradição e cuja ineficiência se manifestava frequentemente.

A guerra __ e todos os acontecimentos que se seguiram __ colocou a psicologia no primeiro lugar entre as ciências úteis. Como governar um povo, dirigir exércitos ou mesmo uma modesta fábrica, se se ignora a arte de manejar os sentimentos e as paixões humanas?

Eu frequentemente mencionei que os alemães perderam a guerra por terem desconsiderado algumas regras fundamentais da psicologia. Foi por conhecê-las que um célebre marechal pôs fim, em 1917, na França, a um movimento revolucionário, estendido por vários corpos do exército e que ameaçava levar a guerra a um resultado desastroso.

Nem bem entrados na guerra os americanos reconheceram à psicologia aplicada uma utilidade tal que mandaram redigir, para uso dos oficiais, um grosso volume no qual são examinados todos os casos que podem se apresentar no treinamento das tropas: reprimir um motim, estimular a energia enfraquecida dos combatentes, provocar o entusiasmo etc.

Nossos professores não demonstram a mesma estima pela psicologia. Eu já mencionei que, na Escola de Ciência Política, nenhum dos numerosos cursos lá ministrados lhe é dedicado.

*

* *

Em razão de sua extrema raridade, aos livros de psicologia aplicada não faltam, nem tradutores, nem compradores. Por essa razão, sem dúvida, meu pequeno livro **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples**, publicado há vinte e cinco anos, foi tra-

duzido em muitas línguas e conta, dentre seus tradutores, com eminentes homens de Estado[9].

Se eu cito esta obra, apesar de sua antiguidade, é porque ela contém a demonstração de alguns princípios psicológicos sempre aplicáveis, não apenas ao governo das pessoas e à interpretação da história mas, como logo vamos mostrar, à questões técnicas cotidianas; o estabelecimento de um imposto, por exemplo.

Não podendo reproduzir todos os princípios expostos nesse livro eu me limitarei a relembrar aqui alguns deles.

*

* *

Os povos que possuem um longo passado histórico possuem características psicológicas quase tão estáveis quanto suas características anatômicas.

Dessas características derivam suas instituições, suas ideias, sua literatura e suas artes.

As características psicológicas __ cujo conjunto constitui a alma de um povo __ diferem muito de um país a outro e, por isso,

[9] A tradução em árabe foi feita por Fathy Pacha, então Ministro da Justiça no Cairo; a tradução em japonês, pelo Barão Motono, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão; a tradução para o turco, pelo Dr. Ab. Djevdet Bey, diretor dos serviços sanitários da Turquia. O ex-presidente dos Estados Unidos, o Sr. Roosevelt, frequentemente repetiu que esse pequeno volume jamais o deixava.

os povos sentem, pensam e reagem de maneiras diferentes em circunstâncias idênticas.

As instituições, as crenças, as línguas e as artes não podem, apesar de tantas aparências contrárias, serem transmitidas a um outro povo sem sofrer transformações profundas.

Todos os indivíduos de um povo inferior apresentam entre si uma semelhança muito grande. Nos povos superiores, pelo contrário, eles se diferenciam cada vez mais com os progressos da civilização. Não é, portanto, rumo à igualdade que marcham as pessoas civilizadas mas rumo a uma desigualdade crescente. A igualdade é o comunismo das primeiras eras; a diferenciação é o progresso.

O nível de um povo na escala da civilização se revela sobretudo pelo número de cérebros superiores que ele possui.

*

* *

Essas leis fundamentais se aplicam __ eu repito __ a todos os elementos da vida política e social. Para dar um exemplo concreto, examinemos um caso bem determinado: o estabelecimento de um imposto aceitável sobre a renda.

Um imposto qualquer é sempre desagradável evidentemente, mas ele se torna impraticável quando ele se choca com a mentalidade do povo ao qual se pretende impô-lo.

Nos povos disciplinados e muito respeitosos dos regulamentos __ ingleses e alemães, por exemplo __ pode-se exigir de cada cidadão uma declaração cuja verificação pelos agentes do fisco será docilmente admitida.

Isso será bem diferente nos povos individualistas, que não querem suportar nenhuma inquisição na existência privada. O imposto só será tolerado por eles se for estabelecido sobre sinais exteriores (casa, número de empregados domésticos etc.) que não implicam em nenhuma investigação na vida pessoal.

Esses princípios fundamentais são __ veremos __ inteiramente desconhecidos hoje em dia.

*

* *

As dívidas da França, que eram de 28 bilhões em 1914, se elevaram para 328 bilhões em 1922, enquanto que as receitas anuais da totalidade dos impostos atingem, com muito custo, 23 bilhões; soma que logo será apenas suficiente para pagar os juros de nossas dívidas. Como sair de uma situação tal?

Todos os nossos ministros das finanças procuraram resolver esse insolúvel problema. Não podendo aumentar ainda mais os impostos, eles tratam de aumentar sua eficiência.

Foi com este objetivo que nosso ministro das finanças, o Sr. de Lusteyrie, propôs ao parlamento, a conselho de seus chefes

de serviços, uma série de medidas vexatórias que logo produziram uma evasão geral dos capitais.

Com o objetivo de expor verbalmente a este eminente ministro as objeções de ordem psicológica que tornam perigosas e ineficazes as medidas projetadas, eu o convidei para o almoço semanal que eu criei há algum tempo com o professor Dastre, aonde pessoas as mais ilustres de cada profissão vem discutir suas ideias.

O ministro teve a amabilidade de aceitar este convite. Tendo uma indisposição me impedido de assistir ao almoço, eu lhe expus minhas objeções numa carta de onde tirei a seguinte passagem:

> *Vós desejais, naturalmente, elevar o montante do imposto sobre a renda. Mas, para um aumento problemático muito pequeno, vós propondes uma inquisição fiscal tão vexatória e tão complicada que ela exasperará forçosamente os contribuintes e criará muitos inimigos ao regime.*
>
> *Mesmo mais elevado do que hoje em dia, um imposto sobre a renda, estabelecido segundo os sinais exteriores, será sempre muito melhor aceito do que um imposto baseado sobre declarações que implicam em verificações dos agentes administrativos.*
>
> *É fácil __ pelo menos em muitos casos __ saber o coeficiente que deveria ser aplicado aos sinais exteriores de ri-*

queza __ casa, empregados domésticos etc. __ para que o imposto sobre a renda se torne, sem vexações, igual ou mesmo superior ao que ele é atualmente.

Eu vos proponho então a seguinte pesquisa:

Tomar ao acaso, em diversas localidades, as cotas de cem contribuintes, constatar o que eles pagam atualmente e pesquisar o quanto seria preciso taxá-los, de acordo com sua residência e outros sinais exteriores, para chegar a uma cifra de imposto exatamente igual ou mesmo superior aquele pago por eles neste momento.

Estes elementos sendo determinados, nada seria mais fácil do que estabelecer um imposto sobre a renda, sem a inquisição fiscal, que todo mundo aceitaria sem recriminações.

O ministro me respondeu que "mandaria examinar com a mais séria atenção minhas sugestões", mas, diante da oposição dos socialistas da Câmara, ele só pôde finalmente adotar uma parte delas.

*

* *

Sendo nosso almoço sobretudo um lugar de discussão, eu submeti à crítica as ideias precedentes. Sua precisão psicológica

não foi contestada. Mas, mostrou-se facilmente que nosso projeto não tinha nenhuma chance de ser inteiramente adotado, por duas razões, psicologicamente detestáveis, mas politicamente muito fortes.

A primeira era a intensa hostilidade que ele encontraria entre os socialistas.

A segunda, mais forte, se bem que pior ainda, era que um imposto estabelecido automaticamente de acordo com os sinais exteriores indiscutíveis, privaria os comitês e os chefes de departamentos __ que, fazendo as eleições, governam de fato, a França __ de um meio de ação extremamente eficaz. A inquisição fiscal, como os socialistas gostariam de fazer, é comparável a um instrumento de pressão irresistível. Para os amigos, o instrumento seria largamente aliviado e vigorosamente exercido para os inimigos.

O valor político destes argumentos é incontestável. Não esqueçamos, no entanto, que foi pela aplicação de medidas muito contrárias à mentalidade de um povo que regimes políticos pereceram. Essa mentalidade faz parte das forças que guiam o mundo e que as instituições e as leis não conseguiriam mudar.

***

CAPÍTULO V

Princípios fundamentais de economia política.

Sumário

O destino dos povos é determinado pelas influências psicológicas e necessidades econômicas. As primeiras geram os pensamentos e as crenças de onde derivam a conduta. As segundas fixam as condições materiais da existência.

Sendo estas grandes leis econômicas e psicológicas inflexíveis, sua violação sempre produz consequências.

A economia política abrange uma gama enorme de questões __ capital, trabalho, propriedade, poupança etc. __ cuja exposição forma geralmente grandes volumes.

Seus autores são, aliás, dominados por teorias sobre as quais o acordo parece impossível. Livrecomercialistas, protecionistas, intervencionistas etc. discutem há muito tempo sem jamais terem conseguido convencer um ao outro.

No estado atual de nossos conhecimentos e levando em conta os ensinamentos da guerra, os princípios fundamentais de economia política podem, eu creio, se resumir nas seguintes proposições.

01º) A riqueza de um povo depende sobretudo da intensidade de sua produção e da rapidez de escoamento dessa produção.

02º) Um produto só pode ser exportado significativamente se seu preço de venda não ultrapassa o dos concorrentes estrangeiros. Disso resulta que os métodos de fabricação, a divisão do trabalho e a abundância dos capitais de exploração desempenham um papel preponderante em matéria de exportação.

03º) A atividade na circulação terrestre e marítima pode se tornar por si só uma fonte de riqueza. Países pequenos e sem produção, como a Holanda, se enriqueceram simplesmente com o transporte de mercadorias que eles não fabricam.

04º) Como as mercadorias só podem ser pagas com outras mercadorias, um país que importa muito mais do que exporta está obrigado a recorrer ao crédito. Continuar a importar muito mais do que se exporta leva à ruína; a menos que se possua, como a França antes da guerra, uma grande reserva em valores mobiliários, investida há muito tempo no exterior e rendendo juros.

05º) A produção estatal __ ou seja, a socialização e a monopolização que substituiu a iniciativa privada __ tem como resultado invariável uma diminuição da produção e o aumento enorme dos preços de venda. A psicologia bastaria para prever esse fenômeno superabundantemente demonstrado pela experiência.

06º) Além de seu papel de referência, a moeda metálica representa simplesmente uma mercadoria com um peso determinado, trocável por outras mercadorias que, caso necessário, também

podem servir de moeda. Disso resulta que um povo pode estar em uma situação próspera sem possuir nenhuma moeda metálica.

07º) A moeda fiduciária, constituída por papel-moeda, só conserva seu valor se ela é cambiável num intervalo bem curto contra a moeda metálica ou mercadorias. O prolongamento da circulação do papel reduz rapidamente seu poder de compra.

08º) Sendo o preço de venda de uma mercadoria automaticamente determinado pela relação entre a oferta e a demanda, nenhuma lei conseguiria fixar seu valor. Os únicos resultados possíveis do tabelamento são: primeiro, escassear a mercadoria tabelada; depois, provocar sua venda clandestina a preços que ultrapassam àqueles que motivaram o tabelamento.

09º) Protecionismo e livre comércio correspondem a fases diferentes da vitalidade industrial de um país. A uma vitalidade fraca o protecionismo é útil, mesmo que oneroso e diminuindo o progresso das indústrias protegidas contra a concorrência estrangeira.

10º) O bem estar de um trabalhador não depende da elevação de seu salário, mas do poder de compra desse salário. Nos países onde a produção é inferior ao consumo, cada elevação de salário provoca a elevação do preço dos produtos de consumo numa proporção superior ao aumento dos salários. Nos povos com pro-

dução insuficiente, o bem-estar do trabalhador diminui a medida que seu salário aumenta.

11º) Reduzir o número de horas de trabalho num país empobrecido, onde a produção é inferior às necessidades, é aumentar a pobreza desse país e tornar a vida mais cara.

12º) Quando, sob a influência de grandes catástrofes, as crenças políticas, religiosas e sociais que formam a estrutura mental de um povo se enfraquecem, elas são logo substituídas por aspirações novas que ultrapassam toda possibilidade de realização.

13º) Os povos, desconhecendo o papel das necessidades econômicas, se deixam dominar por ilusões místicas ou sentimentais, estranhas às realidades e geradoras de perturbações profundas.

Estas breves verdades não ensinaram provavelmente ninguém. No entanto, não foi inútil formulá-las. Os pensamentos são comparáveis àqueles grãos que, levados pelo vento, acabam por germinar sobre os mais duros rochedos.

***

LIVRO V

Os novos poderes coletivos.

CAPÍTULO I

As ilusões místicas sobre o poder das coletividades.

Sumário

Escreve Descartes no início de seu célebre **Discurso do Método**: "O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada um pensa estar tão bem provido dele que até mesmo aqueles que são os mais difíceis de contentar em todas as outras coisas, não têm o hábito de desejá-lo mais do que têm".

Acrescenta o filósofo: "Isso prova que o poder de bem avaliar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se chama de bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todas as pessoas".

A menos que a opinião emitida por Descartes seja simplesmente irônica, dificilmente se explica tal otimismo. Parece bem evidente, com efeito, que, longe de ser "a coisa do mundo melhor partilhada", o bom senso é, pelo contrário, a mais rara.

Cada um possui, certamente, esse bom senso necessário ao exercício de uma profissão, que se poderia chamar de bom senso profissional. Não é, de maneira alguma, a mesma coisa para o bom senso geral que, em diversas circunstâncias da vida, mostra o encadeamento das causas e determina a conduta.

O bom senso coletivo é mais certeiro do que o bom senso individual? Apesar de um universal preconceito ele é ainda mais raro. Milhares de exemplos __ dentre os quais poderiam figurar as conferências que precederam e seguiram a guerra __ mostram a que ponto o bom senso coletivo é raro, mesmo nas coletividades de elites.

Apesar das provas experimentais desta última verdade, a crença mística na inteligência das coletividades é tal que __ na guerra, como na paz __ sempre foram às coletividades que os homens de Estado demandaram a solução dos mais difíceis problemas.

Elas não resolveram nenhum. As quatorze conferências reunidas desde o fim das hostilidades só serviram para mostrar o pequeno valor das coletividades.

Vagos discursos sobre a fraternidade dos povos e os benefícios da paz, ali foram pronunciados e calorosamente aplaudidos. Nenhuma solução eficaz resultou disso.

Dentre às vãs conferências, às quais eu fiz alusão, não se deve contar aquelas que levaram ao tratado de paz. Mesmo que devido à colaboração de numerosos autores, esse tratado não constitui, na realidade, uma obra coletiva. A coletividade só interveio para formular, em termos obscuros, uma redação derivada de princípios quiméricos e de interesses, cuja origem exata não foi, inicialmente, compreendida.

Eles foram, aliás, às vezes contraditórios, esses princípios. Como os do presidente Wilson, decorrentes de sonhos humanitários destinados a criar a felicidade do gênero humano.

Os do ministro Lloyd George, verdadeiro inspirador do tratado, eram bem diferentes. Seus objetivos essenciais foram o crescimento territorial da Inglaterra, a criação da hegemonia britânica e a busca de meios para impedir a França de se tornar mais forte diante de uma Alemanha mais fraca. Esta última preocupação a impediu de favorecer a desagregação __ naquela época, espontânea __ da unidade alemã, de onde teria resultado uma paz prolongada.

Um exemplo tal marca bem o único papel real dos congressos. Eles servem bem sobretudo para conferir a autoridade do número às decisões de individualidades suficientemente fortes para impor sua vontade. O coletivo só serve então para fortificar o individual.

*

* *

Eu não poderia desenvolver aqui este assunto que já tratei longamente em outro lugar. Os cientistas desejosos de escrever livros de psicologia menos vazios do que aqueles com que se contenta nosso ensino clássico, só terão que estudar os eventos acontecidos desde o início da guerra. Jamais uma mina mais fecunda foi oferecida aos observadores.

Um importante capítulo desses futuros livros seria utilmente dedicado à persistência das ilusões sobre a superioridade atribuída aos julgamentos coletivos.

Todos os políticos __ na Inglaterra, sobretudo __ continuam, com efeito, convencidos da eficácia das discussões coletivas __ mesmo que elas tenham quase nos feito perder a guerra __ para resolver os problemas cuja solução escapa aos indivíduos isolados. Nos quatro anos de guerra, conferências e conselhos de guerra se multiplicaram ao infinito, sem outros resultados além de inúteis batalhas. Foi somente quando os conferencistas se viram a beira do abismo que eles desistiram momentaneamente de suas ilusões sobre o poder intelectual das coletividades. O comando individual substituiu então o comando coletivo e a vitória mudou de lado.

Experiências análogas acontecem na Rússia há vários anos. Os teóricos que a levaram à ruína estavam convencidos, eles também, de que as coletividades chamadas sovietes transformariam seu país num paraíso Elas o transformaram num inferno.

*

* *

Uma das características interessantes das discussões coletivas é que as questões importantes são geralmente descartadas por seus oradores. Este fato, constatado na maior parte das conferências de paz, foi sobretudo impressionante nas conferências de Washington e de Lausanne.

Na conferência de Washington o problema que obcecava todas as mentes __ o direito reivindicado pelo Japão de estabelecer seus cidadãos nos Estados Unidos __ não foi nem mesmo mencionado. Na conferência de Lausanne, nenhum dos oradores presentes __ os da Turquia e da Inglaterra, sobretudo __ disse uma só palavra sobre as preocupações reais que tomavam suas mentes.

Apesar dessas evidências, a era atual se vê cada vez mais dirigida pelas vontades coletivas. Assim que uma questão difícil se apresenta, os governantes nomeiam, para resolvê-la, comissões, logo divididas em subcomissões, que dividem os problemas em minúsculos fragmentos, depois elaboram soluções medianas suscetíveis das mais contraditórias interpretações.

Abandonando-se assim às decisões coletivas, os homens de Estado modernos só fazem obedecer a uma das grandes tendências que guiam o mundo hoje em dia.

A direção coletiva e a direção individualista representam dois princípios em conflito, em que nenhum poderia triunfar, pela simples razão de que um não poderia sobreviver sem o outro.

A evolução moderna tem levado, evidentemente, cada vê mais ao trabalho coletivo. A fábrica, a mina, a estrada de ferro, o exército, até mesmo a diplomacia, são obras coletivas, mas que só podem prosperar com a condição de serem dirigidas por individualidades suficientemente hábeis.

Essa necessidade de uma direção única resulta de princípios psicológicos inevitáveis que já expus em outro local e que seria muito longo relembrar aqui. Eles explicam muito bem o insucesso dos congressos e das empresas estatais, bem como de nossos exércitos, quando eles ficam sob influências coletivas.

Dessas noções fundamentais de psicologia, nem o socialismo, nem o coletivismo, nem o radicalismo, nem a maior parte dos partidos políticos querem se dar conta. Apenas o futuro lhes ensinará que a natureza humana é a herdeira de um longo passado e não muda segundo nossos desejos.

***

CAPÍTULO II

O congresso de Gênova como exemplo dos resultados que uma coletividade pode obter.

Sumário

Acabamos de mostrar que os congressos ou qualquer outra coletividade de mesma ordem são ineficazes para resolver os problemas que lhes são colocados. Vamos ver que eles chegam às vezes a resultados que diferem completamente daqueles esperados.

Esse fenômeno foi observado frequentemente ao longo das numerosas conferências reunidas em diversas capitais da Europa desde o fim da guerra. Elas tiveram em sua maior parte, como inspirador __ a de Gênova, particularmente __ o sutil ministro Sr. Lloyd George, que presidia então os destinos da Inglaterra.

O objetivo declarado da Conferência de Gênova era a restauração econômica da Europa e o estabelecimento de uma paz durável.

Ela foi, aliás, acolhida com pouco entusiasmo pelos Estados convocados. Todos compreendiam o interesse da Inglaterra __ que vive apenas de exportações __ em criar mercados para si, com o objetivo de alavancar seu comércio; mas nenhum deles compreendia em que uma coletividade tão heterogênea quanto a dos

construtores da Torre de Babel estaria apta para descobrir métodos de restauração que haviam escapado aos especialistas mais qualificados.

De fato, as causas da anarquia econômica europeia, que os delegados reunidos em Gênova deveriam explicar, eram tão visíveis, que não havia realmente necessidade de novas luzes para colocá-las em evidência. Pode-se resumi-las da seguinte forma:

Antes da guerra, os progressos da técnica industrial e a facilidade dos meios de transporte tinham levado cada povo a se especializar na fabricação de alguns produtos e eles viviam da troca desses produtos. As nações formavam um bloco econômico muito bem equilibrado.

E não apenas este equilíbrio está rompido hoje em dia, mas o clima de ódio e de desconfiança que pesa sobre o mundo leva os povos a se rodearem de barreiras aduaneiras, sob o pretexto de proteger suas indústrias nacionais. Elas estão tão bem protegidas, aliás, que se pode observar em muitos países uma superprodução de artigos quase invendáveis. Como o aço, para a França, por exemplo.

Com todas essas coisas já conhecidas, as diversas delegações só puderam repetir o que cada uma já sabia há muito tempo. Estava em poder de um congresso encontrar um remédio ou mes-

mo fazer variar em um centavo a cotação do câmbio em algum país?

*

* *

A Conferência de Gênova não podia solucionar as grandes questões gerais. Ela mostrou a mesma ineficácia em questões específicas, particularmente a dos campos russos de petróleo apoderados pelos bolchevistas.

Assegura-se que foi a questão do petróleo, capital para a Inglaterra, que a levou a provocar a Conferência de Gênova. Ela, no entanto, exagerou um pouco a potência petrolífera da Rússia. Enquanto que, antes da guerra, a produção dos Estados Unidos atingia trinta e nove milhões de toneladas, a da Rússia era um pouco mais do que nove milhões. A produção dos outros países limítrofes __ Polônia, Romênia etc. __ é relativamente insignificante.

A extração anual de petróleo no mundo está em torno de 100 milhões de toneladas, enquanto que a do carvão chega a 1,3 bilhão.

Esse líquido é tão precioso em uma gama enorme de usos que se compreende os esforços da Inglaterra para pôr a mão nas principais fontes do mundo. Em vinte anos ela conseguiu se tornar a senhora de todas as jazidas petrolíferas importantes do mundo, exceto as dos Estados Unidos. Hoje a Inglaterra pode fazer con-

corrência com a colossal companhia americana Standard Oil, cujo orçamento ultrapassa o de muitos Estados. As outras companhias são anglo-holandesas e estão reunidas em um grande truste que compreende a Royal Dutch, a Mexican Eagle, a Shell etc. Este consórcio cai, cada vez mais, sob o domínio britânico.

Estes fatos, que parecem nos afastar do objetivo deste capítulo, deviam no entanto ser lembrados para mostrar o quanto os objetivos escondidos de um congresso podem diferir dos objetivos declarados.

Em alguns dias __ muito poucos, aliás __ o primeiro-ministro inglês foi o senhor do congresso. Mas os ódios e os conflitos de interesses logo tornaram seus esforços impotentes. Finalmente, a direção do congresso passou das mãos inglesas para as mãos dos extremistas russos, conforme uma lei constante das coletividades políticas.

Escreveu o **Journal de Genève**:

> *Certo, os delegados bolchevistas não esperavam tanto quando eles deslizaram através da Europa, preocupados em encontrar alguma de suas vítimas, inquietos com a acolhida que os esperava.*

Se a Conferência de Gênova falhou mais ainda do que suas antecessoras, foi porque à impotência habitual dessas coletivida-

des se juntou a influência de forças místicas muito poderosas sobre as coletividades, mas cujo papel o seu instigador __ o Sr. Lloyd George __ nunca compreendeu. Eu já recordei como, por ter atacado o Islã __ potência mística temível __ o império britânico perdeu, em alguns meses, o Egito, a Pérsia, a Mesopotâmia e vê atualmente seu império na Índia bastante abalado.

Em Gênova, o mesmo ministro se defrontou ainda com uma outra força mística: o comunismo, religião nova, todo-poderosa sobre a alma dos crentes.

Para obter os capitais que eles tinham uma necessidade imperiosa, os delegados russos abandonaram voluntariamente a exploração dos campos de petróleo, dos quais eles não tiram nenhum proveito e assinaram todos os acordos, pois as promessas feitas a infiéis não comprometem os crentes. Mas, renunciar publicamente aos princípios fundamentais de sua fé, admitindo propriedades privadas, era impossível.

Tal abandono foi logo desautorizado por seus correligionários.

Os ingleses puderam se consolar facilmente com a recusa dos bolchevistas, pensando que suas concessões mais completas não poderiam modificar a crise econômica que os afeta “pois, nos anos precedentes à guerra, menos de 3% do comércio exterior da Inglaterra era feito com a Rússia”.

*

* *

Sempre confiando no ilusório poder das coletividades, o Sr. Lloyd George se propôs fazer com que fosse assinado em Gênova, pelos delegados das potências, um “pacto de não agressão” que ele considerava, sem dúvida, como um tipo de moeda de troca capaz de seduzir os aliados. Eu me pergunto ainda no que poderia estar pensando o autor de um projeto tal? Ele poderia realmente supor a existência no mundo de um homem de Estado tão ingênuo para acreditar na eficácia de um pacto tal? Um compromisso assim jamais impediria uma agressão brusca, pois o agressor poderia sempre se justificar afirmando que seu território foi bombardeado por aviões iguais aos de Nuremberg, que serviram de pretexto para a Alemanha nos declarar a guerra em 1914.

Parece evidente, aliás, que os Russos jamais teriam assinado o pacto proposto. O sombrio judeu que, com o sabre numa mão e o evangelho judaico-comunista na outra, dirige os massacres e as pilhagens do exército vermelho, anunciava bem alto em Gênova a invasão da Europa por suas tropas, com a esperança de intimidar os membros do congresso. Confiante nas influências que podem exercer o medo e as ameaças sobre a alma das coletividades, os delegados russos reduziram seus discursos __ sob formas pouco disfarçadas __ a este dilema: dinheiro ou invasão.

As arrogâncias e as inabilidades do bando bolchevista evitaram aos homens de Estado ingleses a vergonha de parecerem influenciados por tais propostas. O próprio Sr. Lloyd George recuou e a conferência terminou como todas as anteriores: como uma nova demonstração da total incompetência das coletividades para resolver um problema, principalmente quando os membros dessa coletividade representam interesses diferentes.

***

CAPÍTULO III

As grandes coletividades parlamentares.

Sumário

Todos os governos modernos possuem a sua frente coletividades designadas pelo nome de parlamentos. Eles não constituem certamente a melhor forma de governo possível, mas é quase a única aceitável hoje em dia. As democracias triunfantes sempre oscilaram entre a ditadura e a dominação pelas massas.

Os parlamentos possuem as características das coletividades. Eles têm delas a mobilidade, as indecisões, as violências e obedecem também às fórmulas místicas, cuja influência sobre a massa sempre foi muito grande.

Uma das características dos parlamentos atuais é a extensão dos partidos extremistas: socialismo, comunismo etc. Nosso Parlamento não difere sensivelmente, sob este ponto de vista, das outras assembleias europeias. Ele também conta com um certo número de conservadores e uma minoria de extremistas: socialistas revolucionários, internacionalistas etc.

Como sempre acontece, esses partidos extremistas reuniram os antigos partidos considerados como avançados; o radicalismo particularmente.

Seus projetos são, a cada dia, mais revolucionários. Um dos membros desse grupo os formulou brevemente nos seguintes termos: "Expropriar o indivíduo e tomar dele, para socializá-lo, os meios de produção que ele possua".

Quanto ao imposto sobre a renda, o mesmo deputado se exprimiu assim: "Quanto mais o imposto seja vexatório e inquisitorial, mais ele servirá para os fins do coletivismo".

Essas confissões emitem uma radiante clareza. Os socialistas sabem muito bem que arruinar as classes industriais e comerciais seria fatalmente arruinar, por consequência, as outras classes. Mas é este, justamente, o objetivo perseguido, para chegar a uma revolução que eles pensam que deve acontecer em seu proveito.

Revolucionários em suas propostas, esses apóstolos de uma nova fé o são menos em seus pensamentos. Eles nem sempre sa-

bem governar suas palavras, mas, senhores temidos os obrigam a governar suas ações. Solidamente hierarquizados, eles aceitam, com um temor respeitoso, os programas impostos pelos líderes de comitês, franceses ou moscovitas, que conhecem muito bem a arte de se fazer obedecer.

As origens desses novos apóstolos são diversas. Alguns vieram para o socialismo porque lhes parecia uma carreira de futuro. No entanto, há nele alguns convictos do valor da nova fé. São geralmente espíritos místicos, cujas concepções políticas sempre assumem a forma de uma crença religiosa. As palavras e as fórmulas têm para eles um poder mágico. Eles sabem de fonte certa que, com alguns imperiosos decretos pode-se fazer reinar a felicidade aqui embaixo.

Tomados em bloco eles constituem uma massa revoltada em aparência, mas dócil na realidade. Sua alma gregária é facilmente manipulada pelos líderes. Sua personalidade fraca é envolvida por influências coletivas muito fortes.

Os socialistas revolucionários são perigosos sobretudo pelo medo que eles inspiram. Os tímidos sempre se apagam diante dos violentos. A história de nossas grandes assembleias revolucionárias constantemente comprovou esta lei. A Montanha, de nossa grande revolução, aterrorizou por muito tempo a Planície, três vezes mais numerosa no entanto. Na véspera mesma do dia em que

Robespierre caiu, ele foi calorosamente aclamado pelos colegas que algumas horas mais tarde o enviariam ao cadafalso.

É por essas razões psicológicas muito simples que os socialistas absorvem cada vez mais o antigo partido radical. A fraqueza deste último é grande, porque suas convicções são incertas. Ele segue os socialistas como a Planície seguia Robespierre: por medo do machado, que ela, aliás, não evitou.

É impressionante constatar o quanto progrediu, de uns anos para cá, o papel do medo nas assembleias parlamentares. Não é mais com suas vontades que os ministros agem, mas com os erros que lhes são impostos. Opiniões pessoais, eles desistiram há muito tempo de possuir e sobretudo de defender.

O que falta na maioria das vezes aos governantes modernos não é inteligência, mas caráter.

Em vez de tratar de esclarecer a opinião pública, eles se colocam a seu reboque. A opinião pública para eles é aquela de alguns sectários ou de obscuros comitês que possuem sua força aparente na violência.

Certo, os socialistas não possuem mais caráter do que seus adversários, mas o hábito de obedecer a líderes despóticos lhes confere o poder que uma tropa disciplinada sempre possui.

*

* *

Uma assembleia não é, em geral, nem muito boa, nem muito má. Ela é o que a fazem seus líderes. Por isso, uma vontade forte e contínua permite se tornar facilmente senhor das coletividades.

O problema de cada assembleia nova é saber se, da massa flutuante de seus membros, surgirá algumas pessoas de vontade tenaz, capazes de continuidade no esforço e que possuam suficiente capacidade de discernimento para distinguir as possibilidades das quimeras.

Ao redor de tais líderes, as opiniões hesitantes logo se agrupam. Desde a aurora da humanidade e ao longo de toda a história, as pessoas jamais ficam revoltadas por muito tempo. Seu desejo secreto sempre foi o de serem governadas.

Os governantes que dizem claramente o que querem adquirem rapidamente autoridade e prestígio, bases necessárias de um poder durável. Eles reúnem então facilmente uma maioria que obedece a algumas ideias diretrizes fundamentais, em vez de seguir todas as correntes momentâneas que agitam as pessoas cuja mentalidade não está orientada. As assembleias têm a alma incerta das massas e se enfileiram instintivamente atrás do líder que lhes mostra claramente o caminho.

As grandes questões a resolver no seio dos parlamentos só podem ser resolvidas com uma maioria fortemente agrupada ao

redor de um homem de Estado capaz de dirigi-la e não com essas maiorias casuais que nascem e desaparecem numa mesma semana.

Todos os outros meios propostos __ inclusive a redação de uma nova Constituição __ representam palavras inúteis. Os ingleses não mudaram sua Constituição desde a rainha Ana e, a bem dizer, eles nunca possuíram uma definitivamente formulada.

É a inalterável fé mística dos povos latinos no poder sobrenatural das fórmulas que lhes fazem tão frequentemente mudar de constituições. Essas mudanças sempre permanecem, aliás, sem efeitos.

As instituições não possuem nenhuma virtude. Não é com elas que se refazem as almas. Um povo não poderia obter um governo melhor do que ele mesmo. Às almas incertas corresponderão sempre governos incertos.

O mais perigoso e infelizmente o mais indestrutível dos erros latinos é justamente acreditar que as sociedades podem ser reconstruídas com leis. É a generalidade deste erro que dá aos socialistas sua principal força.

Quaisquer que sejam as ambições e os sonhos dos políticos, o mundo marcha fora deles e, cada vez mais, sem eles. Cientistas, artistas, industriais, agricultores, ou seja, as pessoas que fazem a força e a riqueza de uma nação, só pedem aos políticos que não as atrapalhem. Os teóricos revolucionários são incapazes de criar

qualquer coisa, mas eles podem destruir. O mundo foi frequentemente vítima de suas aberrações. Sob sua nefasta influência muitos países, desde a Grécia antiga, soçobraram na ruína e na servidão.

***

CAPÍTULO IV

A evolução das coletividades rumo a formas diversas de despotismo.

Sumário

A última greve das estradas de ferro belgas e os movimentos análogos na França, na Inglaterra e em diversos países são indicadores das novas aspirações populares.

Várias dessas greves, com efeito, resultaram não de uma discussão de salários, mas das pretensões políticas da classe trabalhadora. As novas fórmulas __ a mina para os mineiros, as estradas de ferro para os ferroviários, a ditadura do proletariado etc. __ traduzem nitidamente as novas concepções do proletariado.

É evidente hoje em dia que os povos e seus governos evoluem em rumo a formas novas de ditaduras. Coletivas em aparência, elas são sempre individuais na realidade. Mesmo entre os socialistas mais radicais, como os comunistas russos, um governo coleti-

vo representa simplesmente __ é preciso lembrar __ a ditadura de alguns líderes.

Esses despotismos, as multidões os aceitam facilmente porque jamais compreenderam, na realidade, outras formas de governo. Seus líderes sindicais, por exemplo, são pequenos potentados, tão facilmente obedecidos quanto os antigos déspotas asiáticos. Os servidores desses déspotas modernos têm a ilusão de serem senhores e uma ilusão tal lhes basta.

*

* *

Por isso, hoje em dia, o trabalhador aspira não apenas a uma elevação constante dos salários, mas sobretudo à derrubada da sociedade dita capitalista, que seria substituída por uma ditadura em seu proveito.

As classes trabalhadoras acreditam também poder estabelecer uma paz universal aproximando os trabalhadores de todos os países. Mas, em seu sonho, elas esquecem que, segundo os constantes ensinamentos da história, os governos populares sempre foram mais belicosos do que os governos monárquicos.

O internacionalismo superficial das classes trabalhadoras se defronta, aliás, com um desenvolvimento novo do nacionalismo em todos os países. Separados por seus ódios e seus interesses, os povos se erguem barreiras aduaneiras ou militares cada dia mais

altas. Na divisa republicana sempre inscrita em nossos muros, a fraternidade ainda figura. Ela há muito tempo desapareceu dos corações!

*

* *

As causas das novas aspirações populares são variadas. Não podendo estudá-las todas aqui, eu me limitarei a destacar que elas foram fortalecidas pela total incompetência dos governantes; primeiro em impedir uma guerra desastrosa, depois em obter uma paz capaz de evitar novos conflitos.

Um governo, qualquer que seja ele, só se mantém pelo prestígio gerado pelo sucesso. Ele se enfraquece e depois desaparece quando se apagou seu prestígio.

O prestígio desaparece sob diversas influências, particularmente uma derrota militar. Sua queda pode ser então instantânea. Foi justamente o caso do império na França, após Sedan; do tsarismo na Rússia, após suas derrotas; de todas as monarquias alemãs, após o desastre germânico.

Tal fenômeno é muito natural. Compreende-se que as catástrofes que vitimam um povo o levam a se revoltar contra os governantes que não souberam impedi-las.

O governo vencedor vê, pelo contrário, seu prestígio crescer, desde que sua vitória seja bem real.

Porém, se nossa vitória foi bem real, suas consequências não se mostraram brilhantes. A França vitoriosa está mais empobrecida do que a Alemanha, que não foi jamais devastada. Ela não obteve nenhuma indenização e está obrigada a executar ela mesma as reparações, cujo valor já chega a 80 bilhões.

Até mesmo os alemães esclarecidos reconhecem que sua situação é financeiramente melhor do que a da França.

Escreve o alemão Parvus:

> *Sob o ponto de vista financeiro nossa situação não está ruim; ela está mesmo melhor do que a dos Estados vitoriosos. Estes, nos impuseram contribuições enormes, mas eles também impuseram a si próprios um armamentismo enorme. As contribuições que nos impuseram são mesmo limitadas, enquanto que o armamentismo não conhece limites e tem a tendência a crescer cada vez mais. Por outro lado, nós economizamos pelo menos 500.000 homens por ano, que, em vez de estarem nas casernas, estão empregados na indústria, onde podem criar anualmente pelo menos 2 bilhões de marcos-ouro de novos valores.*

Abandonada inicialmente pela América e pela Inglaterra em seguida, a França sente cada dia mais seu isolamento e os perigos resultantes dele, particularmente o de uma nova invasão.

Sua situação em relação a seus antigos aliados não é mais satisfatória. Um escritor inglês, que no entanto não conta como nosso amigo, o Sr. Keynes, constata isso nos seguintes termos:

> *A França, mesmo vitoriosa, deve pagar a seus aliados mais de quatro vezes a indenização que, derrotada em 1870, pagou à Alemanha. A mão de Bismarck foi leve com ela, diante da mão dos aliados.*

O descontentamento geral é então bem justificado e contribui para as aspirações ditatoriais da classe trabalhadora. Destaca-se, no entanto, que essa classe, cujas reclamações são tão ruidosas, de maneira alguma sofreu financeiramente com a guerra.

Ela viu, pelo contrário, sua situação melhorar muito enquanto que a antiga burguesia, pelo contrário, sofreu muito. Alguns números bastarão para demonstrar isso.

O trabalhador e o empregado ganham hoje quatro ou cinco vezes mais do que antes da guerra, enquanto que as carreiras liberais viram sua renda aumentar, com muito custo, em um terço. Alguns trabalhadores especializados, como os revisores de imprensa, por exemplo, chegam a ganhar mais de quarenta francos por dia.

Para os rentistas do Estado, do comércio ou da indústria, a situação tornou-se completamente precária. Suponhamos um des-

ses rentistas que, após uma vida ativa de trabalho manual ou intelectual, se veja, próximo dos seus sessenta anos, aposentado com seis mil francos de renda, para não falar dos mais afortunados. Com a esperança de estar seguro no amanhã, ele colocou seu capital em títulos do Estado ou em obrigações das estradas de ferro etc.

Desses valores, ditos "ociosos", ele continua a receber os mesmos rendimentos; mas, como a moeda fiduciária com a qual ele é pago perdeu dois terços de seu poder de compra, é exatamente como se lhe tivessem retirado dois terços de sua renda. Seus seis mil francos de rendas caíram então, na realidade, para dois mil.

O trabalhador ignora tais reduções. Seu salário sobe quase automaticamente assim que abaixa o poder de compra da moeda com a qual ele é pago.

*

* *

Estas considerações nos distanciaram do assunto fundamental deste capítulo: a evolução dos poderes políticos rumo a formas diversas de ditadura.

Após ter mostrado essa evolução nas classes populares, nos resta constatá-la na classe política encarregada do governo das nações.

Essa evolução foi precedida de uma desagregação completa dos antigos partidos políticos. Eles todos adquiriram o aspecto de senilidade que anuncia o fim das coisas.

Radicais, socialistas unificados, monarquistas, comunistas e muitos outros, falam uma língua gasta, que não ecoa mais nas almas.

As questões que apaixonavam ontem e que eles gostariam de reviver só provocam a indiferença diante das realidades da hora presente. Quem se interessa agora por assuntos como a luta contra o clericalismo, a laicização dos hospitais e das escolas, a expulsão das congregações, a separação entre a Igreja e o Estado etc.?

Os velhos partidos políticos dos outros povos sofrem a mesma decadência. A antiga política inglesa, por exemplo, se mostra cada vez mais impossível hoje em dia. O que aconteceu com as doutrinas "sobre o esplêndido isolamento", a pretensão de reinar nos mares, dominar o Oriente etc.?

Mas, as ideias e os deuses não perecem em um dia. Antes de descer ao sepulcro eles lutam por muito tempo.

É por isso que vemos, em todos os países, os velhos partidos tentarem reconquistar prestígio, superpondo a suas antigas doutrinas ideias novas, as mais radicais sobretudo.

*

* *

Enquanto os partidos políticos discutem, os governos são obrigados a agir. Diante da lentidão e da ineficiência das coletividades todos os primeiros-ministros dos diversos países se tornaram progressivamente verdadeiros potentados. Os outros ministros, outrora seus iguais, não passam de subordinados que executam simplesmente as ordens do mestre.

Esse poder absoluto, nascido durante a guerra, não difere essencialmente das antigas autocracias, a não ser por um único ponto. O autocrata de outrora só podia ser derrubado por uma revolução, enquanto que o autocrata moderno pode sê-lo por um voto. Desta forma, o Sr. Lloyd George, após ter governado ditatorialmente a Inglaterra __ e um pouco também a Europa __ durante vários anos, foi derrubado por um simples voto, após sua desastrosa política no Oriente.

Até aqui os primeiros-ministros se curvaram diante dos votos dos parlamentos que os derrubaram. Mas uma nova evolução, já iniciada na Itália, agora se desenha. O desdém do primeiro-ministro pelos votos parlamentares, surgido do triunfo do fascismo, parece indicar que a derrubada dos ministros não será sempre tão fácil quanto atualmente.

*

* *

Os interesses dos povos estão tão entrelaçados que o absolutismo, que cresce no interior dos países, diminui cada vez mais, pelo contrário, no exterior. Para as questões de interesses comuns, foi preciso recorrer a esboços de governos coletivos: congressos, conferências, delegações, Sociedade das Nações etc. Eles se multiplicam a cada dia, sem, aliás, que os resultados obtidos se tornem mais eficazes.

O mais célebre desses poderes coletivos é a Sociedade das Nações, da qual logo falaremos em detalhes. Sua influência atual é quase nula, mas é bem visível que no dia em que ela possuir uma autoridade real, ou seja, o meio de fazer respeitar suas decisões, o mundo será regido por um supergoverno absoluto.

Foi por terem percebido essa evidência __ que escapou aos homens de Estado europeus __ que os Estados Unidos recusaram energicamente fazer parte da Sociedade das Nações, como eu já destaquei. Parecia a eles inadmissível que um grande povo pudesse ser forçado a obedecer às decisões de uma coletividade estrangeira.

*

* *

De todas as formas de despotismo que ameaçam o mundo, a mais intolerável seria certamente a do socialismo triunfante. Ele

faria pesar sobre os países que caíssem sob suas leis uma miséria sem esperança.

Após ter arruinado a Rússia e devastado durante alguns meses a Alemanha e a Hungria, ele ameaçou a vida social da Itália, que se desembaraçou dele através de um violento movimento de reação do fascismo.

A França é, felizmente, um dos países menos expostos à realização das doutrinas socialistas, graças à classe agrícola, que forma a parte estável de sua população.

O agricultor francês tornou-se o verdadeiro detentor da verdadeira riqueza. Pouco lhe importa que o franco perca dois terços ou mais de seu poder de compra. Seus produtos agrícolas __ trigo, açúcar, gado etc. __ constituem uma moeda de troca cujo valor não cai e que o aviltamento do papel-moeda não conseguiria tocar.

A classe rural se enriqueceu muito durante a guerra e só quer conservar a terra adquirida. Ela não precisa de ninguém e todo mundo precisa dela.

Essa classe continuou na paz __ como foi ao longo da guerra __ a verdadeira estrutura de sociedades agitadas por ambiciosos ávidos e alucinados quiméricos. Ela constitui um dos núcleos de resistência às ditaduras populares que já causaram tantas devastações na Europa.

***

CAPÍTULO V

As ilusões sobre a Sociedade das Nações.

Sumário

A história das ilusões que vitimaram os povos desaparecidos encheria um pesado volume. Aquelas que dominam os tempos modernos formaria um volume mais pesado ainda.

Em nenhuma época, com efeito, mesmo nas eras de fé ingênua das cruzadas, o mundo foi mais influenciado do que hoje em dia por ilusões místicas e as fórmulas que derivam delas.

Seria difícil, por exemplo, desconhecer que dentre as inúmeras causas essenciais da grande guerra, figuram em primeiro lugar, as ilusões místicas de um povo convencido de que a vontade do céu e sua superioridade étnica o destinavam a reger o mundo.

A paz que acabou com essa mística epopeia viu nascerem outras ilusões igualmente funestas. Elas convulsionam agora a Europa e a ameaçam com guerras muito mais destrutivas do que os conflitos recém-terminados no mundo.

A ciência moderna separa os continentes e transmite ao longe o pensamento com a rapidez do relâmpago; mas ela não é suficientemente poderosa para dissipar as ilusões que cegam as pessoas.

Dentre essas ilusões figuram aquelas que servem de base para a Sociedade das Nações.

Se bastasse, para estabelecer instituições duráveis, da vontade de um homem e do assentimento dos povos, a Sociedade das Nações teria sido imposta de uma maneira definitiva.

Ela teve, com efeito, como seu criador, um chefe de Estado que as circunstâncias haviam dotado de um poder absoluto. Seu projeto, renovando antigos projetos semelhantes, foi acolhido com entusiasmo pelas nações às quais ele fazia esperar uma paz eterna. De todos os países do globo, a América foi a única a recusar o presente oferecido ao mundo por um de seus filhos. O espanto na Europa foi grande, mas a fé persistiu inabalada até o dia em que ela se deparou com o muro da experiência.

*

* *

Muito poucos anos nos separam da época em que, sobre bases de aspecto indestrutível, se ergueu a Sociedade das Nações. Hoje, as desilusões em relação a ela são tão profundas quanto foram as esperanças. Sua ineficácia se mostrou completa, com efeito, em todas as questões.

Nenhuma de suas opiniões foi ouvida, salvo a decisão sobre a partilha da Alta Silésia.

Fora este caso, bastante excepcional __ pois os interessados aceitaram antecipadamente e sem discussão a solução proposta __ todas as outras decisões da Sociedade das Nações foram rejeitadas pelas partes em presença.

A primeira disputa com a qual ela teve que lidar foi aquela levada perante seu tribunal pela Bolívia contra o Chile.

O representante do Chile recusou reconhecer a competência da Sociedade das Nações, acrescentando, com ironia, que se ela tivesse a pretensão de refazer o mapa do mundo, "esse organismo, criado para consolidar a paz, acabaria por deslanchar a guerra universal". O mesmo representante negou, aliás, à Sociedade das Nações, o direito de intervir nos assuntos da América.

A assembleia aceitou humildemente a lição e depois, para salvar um pouco as aparências, nomeou uma comissão com o objetivo de definir seus poderes.

Os poloneses não foram menos categóricos. Com uma desdenhosa sem cerimônia, a Dieta da Polônia declarou, com relação à atribuição do território de Vilna, "que a Polônia jamais dará seu assentimento à solução adotada pela Sociedade das Nações".

*

* *

Para dar alguma força às suas decisões __ que ninguém respeitava __ a Sociedade das Nações propôs se atribuir o direito de

estabelecer um bloqueio econômico contra os Estados que se recusam a lhe obedecer.

Ameaça bem inútil. Um bloqueio tal, com efeito, exigiria, para ser constituído, o improvável assentimento dos quarenta Estados representados. Sabe-se, aliás, que, apesar de sua onipotência, Napoleão não conseguiu manter um bloqueio deste contra a Inglaterra.

O representante da Itália observou justamente que esse método de bloqueio era inaplicável em razão da necessidade de "respeitar a autonomia dos diversos Estados". É evidente que, a menos que renuncie à sua independência, nenhum Estado se curvaria diante das decisões de um tipo de supergoverno estrangeiro.

Se a ineficácia da Sociedade das Nações é completa, é porque ela não tem nenhum meio de fazer respeitar suas decisões. Todos os códigos religiosos ou sociais, sem uma única exceção, se apoiam sobre esses elementos fundamentais: castigos e recompensas, paraíso e inferno.

Como as decisões da Sociedade das Nações representam um código desprovido de sanções ele permanece sem força. Poder-se-ia pensar em dotá-la de um exército capaz de fazer respeitar suas sentenças? Um exército tal só seria eficaz com a condição de ser numeroso e, por consequência, oneroso. Composto, aliás, por sol-

dados tomados de empréstimo a todos os países, ele não teria nenhuma coesão e seria pouco temido.

Afirmar que um código desprovido de sanções, ou seja, de coerção, jamais seria respeitado, equivale a sustentar que __ como a força constitui a estrutura necessária do direito __ não existe direito sem a força.

Essa verdade, que a pueril fraseologia dos moralistas tenta inutilmente obscurecer, é reconhecida por todos os juristas que tenham se aprofundado minimamente em sua ciência.

Em seu recente livro, **Les Constantes du Droit**, o grande jurista belga, Edmond Picard, insiste longamente sobre o fato de que "o elemento coerção é fundamental no direito" e acrescenta: "A afirmação de que a força não pode criar o direito não passa de um grito ingênuo de generosa ignorância jurídica".

Que uma força seja moral ou material, o resultado é o mesmo, desde que essa força consiga se impor. Se o papa Gregório VII pôde obrigar outrora um poderoso imperador da Alemanha a vir se submeter a ele, de joelhos, diante da porta de sua catedral em Canossa, é porque este papa dispunha, aos olhos do imperador, de todas as forças do céu e do inferno. Dotado de um poder tal, o pontífice parecia invencível.

O prestígio pode então se tornar uma força moral superior às forças materiais. Se a Sociedade das Nações conseguisse __ num

tempo ainda imprevisível __ adquirir um prestígio suficiente, sua influência seria real. No momento, ela é totalmente nula.

*

* *

É inútil dissertar sobre o papel futuro da Sociedade das Nações. Os ódios atuais entre os povos estão muito vivos e os interesses que os separam muito contraditórios, para que um tribunal internacional possa interromper qualquer conflito.

Não serão, certamente, suas decisões que impedirão o Egito, a Turquia, a Índia etc. de reclamarem a mão-armada sua independência, quando eles tiverem se tornado suficientemente fortes para se fazerem ouvir. Muito menos será um tribunal tal que impedirá o Japão, muito povoado, de exigir a livre entrada de seus cidadãos no território dos Estados Unidos.

Alguém pode realmente acreditar hoje que uma Sociedade das Nações possa liquidar as dificuldades que vemos crescer entre os Estados e suprimir todas as causas de conflito?

*

* *

Os antigos defensores da Sociedade das Nações também perderam rapidamente confiança nela. Como prova disso eu cita-

rei as seguintes passagens do jornal **Le Temps**, que foi, num certo momento, seu mais ardente prosélito.

> *A sociedade das Nações está em condições de impedir ou interromper uma guerra? A experiência responde.*
>
> *Em 1920, os bolchevistas quase tomaram Varsóvia. A Sociedade das Nações teve o cuidado de não intervir.*
>
> *Em 1921, os gregos fizeram guerra aos turcos. A Sociedade das Nações se abstiveram cuidadosamente de se ocupar com isso.*
>
> *A bem dizer, ela tentou intermediar o caso de Vilna, Mas o governo lituano recusou friamente a transação aprovada pelo Conselho da Sociedade das Nações.*
>
> *Este é o gênero de autoridade que possui a Sociedade das Nações, quando se trata de impedir ou interromper o derramamento de sangue.*

Os membros da Sociedade das Nações, desejosos de aumentar um pouco seu magro prestígio e convencidos, aliás, da grande utilidade de suas funções, se atribuem __ bem como à massa de seus protegidos __ emolumentos totalmente principescos. No relatório do Sr. Noblemaire, vê-se que os secretários recebem um vencimento anual de 250.000 francos. Os chefes de seção, dentre os quais figura um socialista muito conhecido, recebem 300.000

francos. Modestos funcionários têm o soldo de um marechal da França.

Esse pessoal principescamente remunerado foi recrutado um pouco por toda parte, segundo o peso das recomendações. Nele vê-se figurar um professorzinho de liceu, um modesto correspondente de jornal etc.

Os membros da Sociedade das Nações não foram, aliás, os únicos a se atribuir extravagantes salários. A França e a Europa estão submersas hoje em dia por inumeráveis delegações parasitas que, desde os agentes encarregados de liquidar os estoques até aqueles que supervisionam as reparações, estão, graças a seus vencimentos principescos, em vias de realizar fortunas. Em Viena, por exemplo, os membros da comissão das reparações estão alojados em palácios suntuosos e rodeados por um luxo asiático.

A mesma coisa na Alemanha. Segundo as informações publicadas pelo **Le Matin**, o vencimento dos funcionários da comissão das reparações varia entre 30.000 e 400.000 francos.

Reproduzimos estes números porque eles contribuem para mostrar o quanto, nos conflitos modernos, é dura a sorte dos derrotados. Isto é um ensinamento filosófico que meditaria com proveito os teóricos que contam unicamente com sociedades pacifistas para assegurar a paz e impedir as invasões.

Por detrás do véu perigoso de suas ilusões, fermenta o ódio de um povo de sessenta milhões de pessoas que não pensa em dissimular seu intenso desejo de revanche, assim que ele acreditar que a França está enfraquecida por suas dissensões. Mais ainda do que outrora, as futuras lutas ignorarão a piedade e justificarão a sentença pronunciada há dois mil anos por Gaulois Brennus: "Infeliz dos derrotados!" Ele formulou assim uma das verdades eternas que governarão os seres até o resfriamento total de nosso planeta.

Apesar de sua total ineficácia atual, a Sociedade das Nações merece, no entanto, ser conservada, para tentar apaziguar logo no início as pequenas querelas sem importância que, envenenadas pelo amor-próprio, se tornam a origem de grandes conflitos. Na atmosfera de instabilidade e de ameaças que envolve a Europa, não é inútil ter um tribunal que possua, por menos que seja, vestígios da autoridade e do prestígio que perdem a cada dia os deuses, as instituições e os reis.

***

CAPÍTULO VI

O papel político do prestígio.

Sumário

Eu já insisti no papel do prestígio na vida dos povos. Não será inútil retornar mais uma vez a ele.

Os economistas asseguram que as guerras tornaram-se inúteis, pois elas arruínam o vencedor tanto quanto o vencido. Não se pode esquecer no entanto que a vitória continua a ser a grande geradora do prestígio necessário à prosperidade dos povos.

Hoje em dia, como em todas as eras da história, as pessoas são governadas pelo prestígio. Foi a guerra com a Rússia que elevou o Japão ao clube das grandes potências e foi a guerra igualmente que transferiu para a Inglaterra a hegemonia europeia que pertencia antes à Alemanha.

A conferência de Lausanne e a ocupação do Ruhr constituem provas cabais da influência que o prestígio dá a um povo. Esses dois eventos representam talvez, sob o duplo ponto de vista político e psicológico, os mais importantes observados desde o tratado de paz.

No que concerne à França, sua entrada no Ruhr, apesar da enérgica oposição britânica, marcou uma liberação do jugo crescente da Inglaterra e o início do crescimento de nosso prestígio.

Quanto à Turquia, na véspera da fulgurante vitória de Kemal sobre os gregos, as chancelarias estudavam os meios de expulsar definitivamente os turcos da Europa e não se dignavam nem mesmo em receber seus enviados.

No dia seguinte à vitória turca, mudança radical e instantânea. O altivo ministro dos assuntos estrangeiros britânico foi pessoalmente discutir durante três meses em Lausanne com delegados turcos __ que o prestígio adquirido pela vitória os havia tornado tão exigentes quanto irônicos __ as condições de uma paz que forçava a Inglaterra a renunciar a todas as suas pretensões.

A França, associada a essas discussões, teve que sofrer as consequências das muito visíveis divergências que separam os Aliados. Os turcos se aproveitaram disso para apresentar reclamações que eles jamais ousaram formular diante de adversários tão unidos.

*

* *

A ocupação do Ruhr perturbou todas as ideias do governo inglês, que estava convencido de que a França continuaria a reboque das vontades britânicas.

Quando ela apoiava a Alemanha contra nós, a Inglaterra obedecia a interesses políticos cuja força não se pode desconhecer.

A conduta de um adversário só é compreensível após se ter feito um esforço para raciocinar com suas ideias.

Tentemos então substituir nossa mentalidade pela dos diplomatas ingleses desde o fim da guerra e nos perguntemos quais foram os motivos diretores de sua política.

Após ter se apoderado de tudo o que ela pode tomar da Alemanha __ colônias, navios de guerra, marinha mercante etc. __ a Inglaterra tinha um evidente interesse em favorecer seu crescimento econômico a fim de lhe vender, como antigamente, suas mercadorias. Era preciso então impedir que o dinheiro alemão, em vez de ser dirigido rumo aos bolsos dos comerciantes britânicos, fosse dirigido rumo à França para reparar seus departamentos devastados.

Fora as vantagens comerciais que a Grã Bretanha retirava de sua assistência aos alemães, ela seguia esta regra tradicional de sua política: impedir a França de se tornar muito forte diante de uma Alemanha muito fraca.

Este resumo da política inglesa __ mais desenvolvido em outras partes desta obra __ permite compreender sua oposição e porque o prestígio da França teria se enfraquecido completamente na Europa se ela não o tivesse reconquistado através de um ato de independência. A hegemonia inglesa teria então substituído definitivamente na Europa a hegemonia germânica.

Muitos ingleses esclarecidos confessam agora a imprudência de sua política. O Duque de Northumberland reconheceu numa conferência que todos os esforços do governo inglês tinham por objetivo “permitir à Alemanha escapar das consequências de sua

derrota... o Sr. Lloyd George chegou até a ameaçar romper com a França e concluir uma aliança com a Alemanha".

O mesmo orador terminou dizendo que, com a continuação de uma política tal, "tão certo quanto o sol se levantará amanhã, nós teremos, não demora muito, uma nova guerra na Europa".

*

* *

O papel capital do prestígio é frequentemente esquecido por nossos governantes. Eles o esqueceram totalmente ao penetrar timidamente no Ruhr, enquanto que era preciso entrar, pelo contrário, batendo solenemente tambores, sacudindo bandeiras e escoltado por metralhadoras.

Infelizmente, os comandantes dessa expedição se esqueceram inteiramente de alguns elementos fundamentais da gênese do prestígio; dentre os quais, este: o prestígio que não se impõe no início de uma operação só é obtido muito dificilmente mais tarde.

Foi justamente por negligenciarem este princípio, que, em vez de penetrar militarmente no Ruhr, as tropas francesas entraram lá timidamente, de maneira a não perturbar ninguém.

Jamais os alemães teriam cometido tal erro de psicologia. Seguindo seus métodos, aplicados tantas vezes nos departamentos invadidos, os autores das primeiras sabotagens ou descarrilamen-

tos foram fuzilados sumariamente. Um número ínfimo de exemplos bastou.

Nossa ignorância psicológica teve por consequência uma insurreição geral. Como observou o ex-chanceler alemão Hermann Müller, "o estado de espírito reinante no Ruhr só poderia ser mantido se as massas tivessem tido a impressão de que a resistência era *materialmente impossível*".

Como nossos dirigentes puderam negligenciar tão elementares princípios da psicologia das massas e esquecer de que um pouco de vigor teria facilmente mostrado à população a impossibilidade de toda resistência?

*

* *

Não foi, na realidade, com a força, mas com o prestígio que os mestres dos povos sempre governaram. Seu poder desapareceu quando se apagou seu prestígio. Esta regra fundamental da arte de governar não possui exceção.

O prestígio será sempre o grande elemento dominador das multidões, tão incapazes de pressentir os acontecimentos próximos quanto de compreender as realidades presentes. O homem de Estado dotado de prestígio sabe inspirar as opiniões coletivas e dá às suas decisões pessoais a força do número. É sobretudo nesta operação que reside hoje em dia a arte de governar.

De fato, desde o início da guerra, a Europa foi dominada por um pequeno número de líderes absolutos dotados de prestígio e que só se utilizavam das coletividades para conferir a força necessária às suas resoluções pessoais.

Este foi, particularmente, o papel do presidente Wilson, considerado como o representante de um povo que ajudou a acabar com a guerra. Seu imenso prestígio lhe permitiu perturbar todas as criações da história e transformar a mais antiga monarquia da Europa em pequenos Estados sem existência econômica possível.

Foi igualmente sobre o prestígio que se apoiou, para exercer durante vários anos uma verdadeira ditadura europeia, o primeiro-ministro britânico, o Sr. Lloyd George. Graças a esse prestígio, ele pôde, durante a redação do tratado de paz, impedir à França de retomar a velha fronteira do Reno, tão necessária para sua segurança, no entanto. Sempre apoiado sobre o mesmo prestígio ele ajudou mais tarde a Alemanha a recusar o pagamento das reparações devidas à França.

Esse poder sem controle __ pois um parlamento subjugado não é um controle __ pode se tornar, aliás, gerador de catástrofes. Como veremos mais tarde na ação do presidente Wilson. Nós já vimos isso pela ação do primeiro-ministro inglês, quando seu desconhecimento de certas forças psicológicas fez com que seu país

perdesse a Irlanda, a Pérsia, o Egito, a Mesopotâmia e o domínio do Oriente.

Sem dúvida que o teclado dos motivos que determinam as ações contém muitas regiões inexploradas. Mas nossos conhecimentos são, no entanto, suficientemente extensos para serem utilizáveis. Os homens de Estado não devem se esquecer que, se as leis econômicas condicionam a vida material dos povos, as leis psicológicas regem suas opiniões e sua conduta.

***

LIVRO VI

Como se reforma a mentalidade de um povo.

CAPÍTULO I

As ideias americanas sobre a educação.

Sumário

Quando, em 27 de maio de 1905, a grande frota do império russo foi aniquilada, em algumas horas, em Toushima, pelos encouraçados japoneses, o estupor foi grande no mundo. Tornou-se bruscamente evidente, com efeito, que, contrariamente a todas as ideias dominantes, o ínfimo Japão, mal conhecido há meio século, havia se tornado uma grande potência. Viu-se isso de maneira melhor quando se soube que em todas as batalhas no Japão, os russos, mesmo que sempre bem superiores em número, tinham sido invariavelmente derrotados.

A uma questão sobre as causas dessa superioridade que eu coloquei então ao embaixador do Japão em Paris, o Sr. Motono, o eminente homem de Estado me respondeu:

"O desenvolvimento atual do Japão deve-se sobretudo à educação que ele soube escolher, quando uma revolução o fez re-

centemente sair do regime feudal. Essa educação inteligentemente escolhida foi orientada de maneira a desenvolver muito as qualidades de caráter legadas por nossos ancestrais".

Neste mesmo período __ de meio século, se muito __ a Alemanha conseguiu se colocar, sob o ponto de vista científico e industrial, a frente das nações. Essa superioridade ela obteve igualmente graças a métodos de ensino muito diferentes dos nossos e graças também __ segundo a declaração de um dos seus ministros __ às qualidades de ordem e de disciplina inculcados pelo seu regime militar.

*

* *

Os capítulos precedentes mostraram a que ponto a guerra desequilibrou a vida dos povos.

Esse desequilíbrio nós encontramos em toda parte: desequilíbrio político, desequilíbrio econômico, desequilíbrio financeiro, desequilíbrio dos pensamentos.

O mundo destruído está por ser reconstruído, mas não são numerosos os meios de reconstruí-lo.

Contar com as instituições políticas seria completamente quimérico. Sendo efeitos e não causas, elas seguem o estado mental de um povo, mas não o precedem.

As influências capazes de modificar a alma de uma nação __ particularmente aquelas com gerações bem jovens para que suas ideias já estejam fixadas em um molde definitivo __ limitam-se (fora as religiões, cuja influência só é possível nos séculos de fé) a estes dois meios: a educação e o regime militar.

Muitos anos se passaram desde que eu escrevi como epígrafe de uma das minhas obras: *a escolha de um sistema de educação é muito mais importante para um povo do que a escolha de seu governo*.

Os erros em matéria de educação tornam-se muito perigosos.

Na época em que a indústria não havia ainda nascido, em que as forças da economia política não tinham surgido, em que as pessoas encontravam desde seu nascimento uma linha de existência completamente traçada e em que a educação não passava de um luxo sem grande importância, sua ação era um pouco secundária.

Atualmente, o valor de um indivíduo depende em grande parte da educação que ele recebeu. Não é de se espantar então que, já tendo tratado deste assunto várias vezes, eu o retomo mais uma vez.

*

* *

Eu lamentei muito a morte de Theodore Roosevelt, que foi um dos mais memoráveis presidentes dos Estados Unidos.

Eu não o lamentei somente porque ele sempre foi um grande amigo da França, mas também porque eu contava com sua ajuda para prestar a meu país um importante favor.

Eu era, já há muito tempo, conhecido do célebre homem de Estado, através de meus livros. Eu só tive oportunidade de encontrá-lo dois meses antes da guerra, em um almoço que lhe era oferecido pelo meu eminente amigo, Hanotaux, ex-ministro dos negócios estrangeiros. O Sr. Roosevelt tinha designado ele próprio os convivas que ele desejava ver a seu lado.

Durante o almoço, o ex-presidente foi ao mesmo tempo brilhante e profundo. Sua lógica firme e precisa chegava rapidamente ao núcleo de cada questão.

Após ter falado do papel das ideias na orientação dos grandes condutores de povos, Roosevelt, fixando em mim seu penetrante olhar, me disse com uma voz grave:

__ Há um pequeno livro que jamais larguei em todas as minhas viagens e que ficava sempre sobre minha mesa durante minha presidência. Esse livro é o vosso volume: **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples**.

O presidente explicou longamente, em seguida, os ensinamentos que, segundo ele, esta obra continha.

Eu me inclinei, muito encantado, certamente, mas um pouco espantado que as visões de um modesto filósofo pudessem irradiar a tão grande distância. Sem dúvida que os homens de pensamento são os inspiradores dos homens de ação, mas os segundos raramente reconhecem a influência dos primeiros.

Desde esse momento nasceu em minha mente um projeto ao qual o ilustre presidente desejou se associar, mas que sua morte interrompeu. Se eu falo disso neste capítulo é com a esperança de que ele cairá sob os olhos de um de seus compatriotas suficientemente influente para provocar sua realização.

*

* *

Sabe-se, por inumeráveis escritos publicados há muito tempo, o quanto é lamentavelmente inferior nosso sistema de educação clássica.

Todos os esforços tentados para modificá-lo falharam completamente. Esse ensino continua a ser o que sempre foi: puramente livresco e que só exercita a memória. Disso resulta, como já havia observado Taine, que os conhecimentos assim adquiridos são esquecidos seis meses após o exame.

Nosso antigo sistema podia ser suficiente nas épocas em que se precisava sobretudo de juristas e de oradores. A evolução atual

do mundo o tornou funesto. Somos, aliás, com os espanhóis e os russos, quase os únicos povos do mundo que o conservaram.

Mudar nós mesmos nossos métodos parece impossível, pois todas as tentativas de reforma falharam invariavelmente.

A razão disso está em que nenhum dos reformadores compreendeu que eram os métodos de ensino e não os programas que era preciso transformar. Todos os programas são bons. A maneira com que eles são aplicados é que determina seu valor.

Percebe-se nitidamente as causas da incompreensão dos mestres de nossa universidade, percorrendo suas declarações. A inferioridade de nosso ensino nelas é unanimemente assinalada, mas as explicações que dão esses cientistas professores provam que eles jamais perceberam suas verdadeiras causas.

De alto a baixo na escala universitária, a incompreensão é a mesma.

Os professores estão solenemente de acordo em reconhecer que nossos métodos de ensino são detestáveis. Uma parte de meu livro **Psychologie de l'Éducation** __ já na sua vigésima sétima edição e que o presidente da Academia de Ciências da Rússia mandou traduzir para servir de guia ao ensino naquele país __ é dedicada à enumeração das críticas que formularam os universitários convocados por uma grande comissão de inquérito. Nossa

educação clássica não encontrou quase nenhum defensor dentre eles.

Uma nova prova de nossa inaptidão em mudar nós mesmos nossos métodos me foi dada por ocasião de uma circunstância relatada em meu livro citado acima, mas que não será inútil repetir aqui.

Após a publicação deste livro eu recebi a visita de um ilustre cientista, o Sr. Léon Labbé, que me disse o seguinte:

__ Sendo senador, membro da Academia de Ciências, membro da Academia de Medicina e professor universitário, eu possuo várias tribunas de onde posso me fazer ouvir. A reforma de nossa educação me parece absolutamente urgente. Quereis vós me preparar notas para um discurso que pronunciarei inicialmente no Senado?

Eu reuni imediatamente as notas pedidas. O eminente cientista retornou várias vezes; mas, tendo consultado ao mesmo tempo professores que lhe mostraram a impossibilidade de qualquer reforma, ele reconheceu com tristeza, em uma de suas últimas visitas, que, para modificar nosso sistema de educação, seria preciso primeiro mudar a alma dos professores, depois a dos pais e, por fim, a dos alunos.

Até mesmo Hércules teria recuado diante de uma tarefa tal.

*

* *

A guerra militar terminou há pouco, mas uma guerra econômica vai necessariamente segui-la.

Os sucessos dos povos que haviam nos ultrapassado antes do grande conflito foram por causa sobretudo de um sistema de educação completamente diferente do nosso.

Essa diferença parece particularmente impressionante com relação aos Estados Unidos. É à sua educação que os americanos devem o desdém pelas complicações administrativas, a rapidez de decisão e de execução, a iniciativa, o método, enfim, a todas as qualidades manifestadas nos trabalhos que eles executaram na França durante a guerra e que perceberia facilmente o observador menos treinado.

A educação americana se preocupa sobretudo em criar hábitos mentais. Pouco importa o que o aluno aprenda, se sua reflexão, seu espírito de observação, sua capacidade de discernimento e sua vontade foram desenvolvidos.

Enquanto que o nosso ensino clássico busca unicamente __ sem aliás conseguir, na maioria das vezes __ instruir, o ensino americano busca sobretudo educar. Educação do espírito, educação do caráter.

Enquanto que o manual decorado constitui a base fundamental de nosso ensino, os universitários americanos descobriram há muito tempo que uma aquisição feita somente pela memória só permanece o justo tempo necessário para prestar os exames.

Os livros são, por esta razão, quase inteiramente eliminados das classes americanas e substituídos pelo estudo experimental dos fenômenos.

Encontra-se uma longa exposição desses métodos no memorável livro do professor Buyse, escrito após uma missão na América, encarregado pelo governo belga antes da guerra.

Um ilustre cientista francês escreveu, a esse respeito, que "povos educados com tais métodos são chamados a formar uma humanidade superior à nossa". Eis aqui um curto extrato do volume de Buyse:

> *Tudo é experimental na educação americana. Os ramos do ensino mais abstratos são apresentados sob formas materiais e concretas e necessitam, para serem assimilados, tanto habilidade com as mãos quanto vivacidade no pensar.*
>
> *Aos nossos métodos passivos, baseados na memorização das palavras, os americanos opõem seu método ativo e educativo, que coloca em ação o esforço, a vontade, a habilidade.*

Para eles, as escolas europeias apresentam o mais grosseiro desconhecimento da natureza infantil e humana.

Sendo bem demonstrado por fatos repetidos que não se pode demandar uma reforma real a professores cujo molde universitário há muito tempo petrificou o espírito, é preciso buscar outros meios de transformações. Encontrá-los torna-se indispensável para não ser vencido na luta econômica que vai começar.

*

* *

Após ter refletido longamente sobre isso, pareceu-me que a única possibilidade de modificar todo nosso sistema de ensino seria fundar na França uma universidade americana, com professores exclusivamente americanos.

Os resultados obtidos demonstrariam rapidamente o valor de seus métodos e o contágio do exemplo obrigaria pouco a pouco nossa universidade a se transformar.

Tal era o projeto que eu esperava realizar graças à ajuda do Sr. Roosevelt, mostrando-lhe que haveria provavelmente, após a guerra, um número suficiente de jovens americanos na França para alimentar uma universidade americana e esperando que jovens franceses se decidissem a frequentá-la.

O ilustre homem de Estado havia aceitado minha proposta e me solicitou que lhe indicasse exatamente o ritmo que eu poderia adotar. Sua morte infelizmente impediu a execução desse projeto.

Nossos jornais abriram uma subscrição para laboratórios, em que os mais bem dotados eram na maioria das vezes os mais vazios. Uma subscrição feita para construir na França uma escola do tipo americano teria sido infinitamente mais útil.

***

CAPÍTULO II

As reformas do ensino na França e as universidades germânicas.

Sumário

Já faz vinte anos que o Sr. Ribot, o eminente presidente da comissão parlamentar reunida para examinar o valor de nosso ensino universitário, formulou como conclusão dessa pesquisa esta dura sentença: *"Nosso sistema de educação é, em certa medida, o responsável pelos males da sociedade francesa"*.

Apesar desta solene declaração, nada, absolutamente nada, foi mudado em nossos métodos universitários. Os manuais que, do bacharelado à pós-graduação, os candidatos devem decorar, são cada vez mais pesados e os grandes laboratórios mantidos pelo

Estado cada vez mais vazios. Os raros cientistas independentes que sobrevivem ainda, desaparecem a cada dia. Os professores oficiais são os únicos mestres e nem mesmo suspeitam do quão funesta é a influência que eles exercem sobre o futuro de seu país.

Devíamos naturalmente esperar ver a universidade deduzir das virtudes manifestadas pelo exército durante a guerra que a honra retornaria para seu ensino. Ela se esqueceu de que a imensa maioria dos homens que manifestaram essas qualidades __ oficiais ou soldados __ foi formada fora de toda influência universitária.

*

* *

Os ministros da Instrução Pública que, nos últimos cinquenta anos, tentaram inutilmente reformar nosso ensino universitário lembraram a lenda de Sísifo, condenado pelos deuses a retornar eternamente, ao cume de uma montanha, um rochedo que sempre voltava a cair.

Reconhecendo, como seus predecessores, a triste mediocridade de nosso ensino, um novo ministro da instrução pública se propôs recentemente a modificá-lo mais uma vez.

Seu ideal era reforçar o ensino do grego e do latim, ao qual, com uma fé religiosa partilhada por muita gente boa, ele atribuía uma virtude mística.

O autor dessas novas reformas teve razão ao repetir __ como a totalidade de seus predecessores __ que o objetivo do ensino deve ser a formação do espírito. Pouco importaria, evidentemente, o que seria ensinado __ fosse o sânscrito __ se uma tal floração fosse obtida.

*

* *

A posição que ocupa um país na escala da civilização depende do nível de sua elite. O valor dessa elite é medido sobretudo pela qualidade dos cientistas independentes que o ensino soube formar.

Seu papel é bem nítido. Se os professores têm por missão ensinar a ciência já realizada, é aos cientistas independentes que cabe aperfeiçoá-la.

A imensa influência dessa categoria de cientistas não pode ser contestada. Todas as grandes leis fundamentais da física __ Leis de Ohm, Princípio de Carnot, conservação da energia etc. __ são devidas a eles. A eles igualmente deve-se a quase totalidade das invenções que renovaram a face da civilização: máquina a vapor, estradas de ferro, fotografia, telegrafia elétrica, telefonia, indústria do frio etc.

A grande força da educação na Alemanha e nos Estados Unidos foi ter sabido criar uma legião desses cientistas independen-

tes. A evolução industrial e econômica desses países representa sua obra.

A superioridade __ tão mal compreendida na França __ das universidades alemãs, não resulta de diferenças nos programas. Eles são os mesmos em toda parte. Ela se deve a causas de ordem psicológica, particularmente ao recrutamento dos professores.

Na França, só de torna professor após uma série de concursos que exigem muita memória, mas nenhuma pesquisa pessoal.

Os longos anos passados entre nós a abrigar na memória o conteúdo de grossos manuais e a "contemplar equações em vez de olhar os fenômenos" são dedicados, na Alemanha, pelo candidato a professor, a executar trabalhos pessoais em numerosos laboratórios liberalmente abertos a todos os pesquisadores. Depois, sendo o ensino livre, o futuro professor abre um curso, pago __ como todos os cursos __ pelos alunos. Se estes últimos tiverem bom aproveitamento, a reputação do mestre cresce e ele acaba por ser chamado para uma das cadeiras oficiais das 25 universidades alemãs. Ele receberá então um salário regular, mas a maior parte de seus vencimentos continuará sendo paga pelos alunos. Acontece o mesmo na Bélgica. Eu soube, através do ex-professor de física da universidade de Liège, o Sr. de Heen, que suas aulas lhe rendiam mais de 60.000 francos por ano.

É então, como se vê, o aluno que, indiretamente, escolhe os professores, na Alemanha. “Privat-docent” ou titular de uma cadeira oficial, o mestre tem o maior interesse em se ocupar de seus alunos, pois a maior parte de seu salário provirá de seus pagamentos. Assim que o ensino se mostra insuficiente os alunos desaparecem.

Um dos resultados finais dos métodos universitários alemães é inculcar o gosto pelo estudo e pelas pesquisas. Os nossos acabam por inspirar, pelo contrário, o horror a toda essa ciência livresca tão penosamente adquirida. Assim que eles conseguem os diplomas necessários para obter um emprego, os professores não produzem mais nada. Nossos grandes laboratórios permanecem, em sua maioria, vazios. Por isso, é inútil pedir novos laboratórios.

*

* *

Enquanto os cientistas independentes são bastante encorajados na Inglaterra, na América e na Alemanha, eles se veem muito mal acolhidos na França, em que seu número diminui todos os dias. Os raros sobreviventes logo desaparecerão inteiramente.

Os cientistas que contribuíram para criar a potência econômica da Alemanha a reconstruirão rapidamente. Aproveitando-se das lições do passado, essa Alemanha nova será terrivelmente perigosa.

Eu entrego essas reflexões para meditação dos universitários, que não param de manifestar sua hostilidade aos cientistas independentes, tão indispensáveis no entanto para a grandeza de seu país.

Sendo impossível dissolver a grossa carapaça de ilusões que envolve alguns professores universitários, tudo o que se pode esperar é fazer com que reflitam as mentes que a pesada marca universitária ainda não congelou. Da educação das gerações que crescem __ educação do caráter, tanto quanto a da inteligência __ depende nosso futuro. É preciso repetir isso sempre.

*

* *

Nossos métodos universitários não são apenas ineficazes para desenvolver a inteligência. Eles o são mais ainda para formar o caráter. Porém, as pessoas são muito mais guiadas por seu caráter do que por sua inteligência.

Se nossa universidade não se preocupa com a formação do caráter é porque essa formação não poderia ser constatada pelos exames, objetivo essencial de seu ensino. Pouco lhe importa então que muitos de seus alunos, que não adquiriram nenhuma qualidade de caráter, sejam condenados a atravessar o mundo sem compreender nada dele e, por consequência, sem poder desempenhar nele um papel útil.

As aptidões psicológicas características dos diversos povos representam uma herança ancestral e não se pode agir, evidentemente, muito profundamente sobre elas. Existem, no entanto, alguns métodos capazes de influenciar __ ou pelo menos orientar __ esses elementos fundamentais da personalidade.

A possibilidade de tais modificações é provada ao se constatar as transformações sofridas nos últimos cinquenta anos pela Alemanha e o Japão. Foi graças a elas, eu repito, que a Alemanha, apesar da diversidade de etnias que a compõe, tornou-se a primeira potência industrial do mundo e que o Japão, ilha pequena, que não possuía outrora nem poder nem prestígio, tornou-se um poderoso império.

Nosso futuro não depende apenas das aptidões técnicas de nossos trabalhadores, mas sobretudo das capacidades das elites que os dirigem. Porém, essas elites, por ocasião da guerra, se deixaram mais e mais serem ultrapassadas pelos concorrentes estrangeiros.

As razões de sua ineficiência eram idênticas nos ramos mais diversos de nossa atividade.

Constata-se isso facilmente ao percorrer os sessenta volumes publicados durante a guerra pela Sociedade de Expansão Econômica sobre nossas principais indústrias. Eu os resumi em um

livro anterior[10]. Todos os autores dessas pesquisas dão as mesmas explicações psicológicas da decadência profunda, revelada pela estatística, de nossas diversas empresas. Em nenhuma parte se falou da insuficiência intelectual dos líderes mas, em cada página, se falou das insuficiências psicológicas resultantes de falhas de caráter observadas em todas as profissões.

Seria para suprimir essas falhas que deveria tender nosso regime universitário. Na realidade, ele não tende a isso, de maneira alguma.

Atualmente, nossa universidade fabrica __ a golpes de manuais inumeráveis __ diplomados, mas continua impotente em formar elites. O pessoal dirigente, saído quase exclusivamente de concursos, constitui frequentemente uma elite muito medíocre.

Eu terei que retornar em breve sobre a educação do caráter e mostrar como a disciplina, a ordem e o método, que fizeram a força da Alemanha, lhe foram inculcados pelo regime militar. Na Inglaterra e na América, onde esse regime não existiu, ele foi substituído pelos esportes, qualificados justamente de educadores, pois eles implicam nas mesmas qualidades resultantes do serviço militar.

[10] **Psychologie des Temps Nouveaux**.

Insistir seria inútil. Nosso ensino universitário chegou naquela fase de decrepitude sem remédio onde soçobram as instituições que não sabem evoluir.

***

CAPÍTULO III

O ensino da moral na escola.

Sumário

Os leitores dessa obra talvez não estejam muito familiarizados com a história do imperador Akbar. Ele foi, no entanto, o mais poderoso soberano de sua época. Num reinado de cinquenta anos ele criou na Índia cidades maravilhosas e palácios de sonhos.

Akbar não foi somente um grande construtor, ele foi também um filósofo perspicaz. Como as religiões lhe pareciam encarnações dos diversos mistérios que nos rodeiam, ele projetou fundi-las numa só e reuniu, com este objetivo, vários teólogos.

A tentativa não foi feliz. Os membros da douta assembleia só trocaram ofensas e vigorosas pancadas.

Suspeitando desde então __ e bem antes dos filósofos modernos __ de que as crenças são independentes da razão, Akbar abandonou seu projeto e se contentou em fazer reinar uma tolerância absoluta em seu imenso império. Seus súditos foram livres

para adorar os deuses que preferissem ou para não adorar nenhum deles. Os bens religiosos foram respeitados. Os pais de família tiveram o direito de mandar seus filhos serem educados por budistas, brâmanes, muçulmanos ou cristãos.

*

* *

Os povos da Europa levaram muito tempo para imitar o exemplo do grande imperador. Após serem massacrados e perseguidos durante intermináveis querelas religiosas eles também acabaram por descobrir que a força nada pode contra a fé. Hoje em dia, a quase totalidade das nações civilizadas pratica uma grande tolerância religiosa. Apenas a França e a Turquia foram exceção a isso durante muito tempo.

Durante muito tempo o anticlericalismo constituiu o fundo da política radical. Seu principal objetivo era substituir as escolas livres __ que custam muito pouco __ por escolas governamentais, que exigem uma despesa de várias centenas de milhões.

Mesmo que essa substituição não tenha sido imitada por nenhum dos povos do mundo civilizado, nossos governantes se mostraram muito orgulhosos dela. Pode-se pensar em mais nobre tarefa, com efeito, do que proteger a alma das crianças contra as superstições das eras de barbárie? Um empreendimento tal não é derivado de princípios científicos muito corretos?

Acreditou-se nisso por muito tempo e por isso tantas mentalidades incertas aceitaram perseguições consideradas como necessárias. Os políticos continuavam sem prestígio, mas, porque falavam em nome da ciência, resignou-se em sofrer suas violências.

E eis que, após pesquisas aprofundadas, a filosofia, a psicologia e outras ciências mais, vieram revelar os erros da ruinosa concepção que convulsionou a França durante trinta anos.

*

* *

Mesmo que a evolução das ideias novas sobre as religiões não possa ser resumida em algumas linhas, pode-se destacar seus pontos principais.

Primeiramente, a psicologia mostrou que as crenças não eram, de maneira alguma, criadas pelo medo, mas correspondiam a necessidades imperiosas da mente.

Sejam elas religiosas, políticas ou sociais, as crenças são regidas por uma mesma lógica __ a lógica mística __ independente da lógica racional.

Muitos espíritos revolucionários não passam, na realidade, de crentes que mudaram os nomes de seus deuses. Socialistas, franco-maçons, comunistas, adoradores de fetiches ou de fórmulas destinadas a regenerar o gênero humano, devem a intensidade de

seu fanatismo apenas ao desenvolvimento exagerado desse espírito místico que anima todos os apóstolos de uma nova fé.

Estes destaques constituem o lado teórico da questão. O ponto de vista prático é fornecido por uma filosofia nova __ o pragmatismo __ muito em voga atualmente nas universidades da América.

Essa filosofia proclama que a noção de utilidade, sempre visível, deve vir antes da noção de verdade, dificilmente acessível. Se, como demonstra a observação, as crenças aumentam o poder do indivíduo e o erguem acima de si mesmo, seria absurdo retirar da educação um meio de ação tal.

Os psicólogos __ mesmo os livres-pensadores __ reconhecem todos, igualmente, a força que dá ao ser humano a posse de uma crença. Para os que duvidarem disso eu me limitarei a citar as seguintes linhas, escritas por um professor da Sorbonne, tão pouco suspeito de clericalismo quanto eu mesmo:

Diz ele:

> *A vida religiosa supõe a colocação em obra de forças que elevam o indivíduo acima dele mesmo... O crente pode mais que o descrente. Este poder não é ilusório. Foi ele que permitiu à humanidade viver.*

*

* *

Por uma via diferente pode-se ainda demonstrar a utilidade do ensino religioso na escola. No livro célebre **La Science et l'Hypothèse** __ que escreveu há um tempo atrás, a meu pedido, para a coleção que dirijo __ o ilustre matemático Henri Poincaré prova que nenhuma ciência __ inclusive as matemáticas __ conseguiria sobreviver sem hipóteses. Desta forma, por exemplo, a propagação da luz e das ondas elétricas, que acionam o receptor do telégrafo sem fio, seria inexplicável sem a hipótese do éter. A natureza desse éter é inteiramente ignorada. Não se sabe se sua densidade é infinitamente grande ou infinitamente pequena. Nem mesmo se tem certeza se ele existe e, no entanto, a ciência não pode passar sem ele. Quando se recusa em aceitar a hipótese como guia, é preciso se resignar em tomar o acaso como mestre.

As hipóteses religiosas são comparáveis às hipóteses científicas e é tão difícil passar sem as primeiras quanto sem as segundas. Sobre as hipóteses científicas repousa todo o edifício de nossos conhecimentos. Sobre as hipóteses religiosas todas as civilizações foram construídas.

Não existe então, hoje em dia, nenhuma razão, nem científica, nem filosófica, nem prática, que permita justificar as persegui-

ções que o ensino religioso sofreu e que a Alsácia, após seu retorno à França, quase foi vítima.

Longe de constituir um perigo, esse ensino é, pelo contrário, muito útil. Graças a ele se criam facilmente nas crianças hábitos que sobreviverão mais tarde, quando elas perderem suas crenças.

*

* *

Isso significa que é preciso obrigar o professor a ensinar como verdades hipóteses que ele não acredita? De maneira alguma.

O livre-pensador mais cético não trairia nenhuma de suas convicções ao dizer a seus alunos que todos os povos tiveram religiões relacionadas com seus sentimentos e suas necessidades e que, sobre essas religiões, foram criados leis, costumes e civilizações. Ele ensinaria que todos os dogmas prescrevem regras morais necessárias à vida em sociedade. Finalmente, ele exporia brevemente aos alunos a religião de seus pais, destacando que não é na infância que seu valor poderia ser discutido.

Eu não creio que algum cientista moderno conteste o valor das afirmações precedentes. Ele só poderia ser colocado em dúvida por legisladores aos quais o fanatismo místico e o terror da opinião coletiva impedem toda liberdade de julgamento.

Não se pode, no entanto, considerá-los como desprovidos de toda filosofia, esses apóstolos modernos. Mas sua rudimentar filosofia é aquela que um eminente romancista tornou célebre no personagem do Sr. Homais. O espírito que encarnou nessa alma simples reinou por muito tempo no Parlamento. Ele mandou expulsar dos hospitais as freiras que cuidavam admiravelmente dos doentes e enchiam de esperanças seus últimos momentos. Ele mandou expulsar da França os milhares de professores do Instituto das Freiras, que forneciam instrução gratuita a centenas de milhares de crianças e tinham criado um ensino agrícola e profissional sem igual, que desapareceram com eles.

Quando as noções psicológicas esboçadas neste capítulo forem melhor conhecidas considerar-se-á a intolerância como uma calamidade tão ruinosa quanto perigosa e a opinião pública se voltará vigorosamente contra seus perniciosos apóstolos. Conhecendo os fanatismos da hora presente, os historiadores do futuro não terão dificuldade em mostrar o que a intolerância religiosa custou e de que preciosos elementos de educação ela nos privou.

***

CAPÍTULO IV

A criação de hábitos morais pelo exército.

Sumário

Em seus discursos, todos os chefes de Estado falam de desarmamento, mas eles aumentam ao mesmo tempo seus orçamentos de guerra, sabendo bem que as únicas chances de paz residem no poderio dos exércitos. Hoje em dia, mais ainda do que no passado, para sobreviver é preciso ser forte.

Esses armamentos são financeiramente desastrosos, pois obrigam povos semiarruinados a se empobrecer ainda mais. Mas o exemplo da Alemanha basta para mostrar o que custa, em nossos dias, uma derrota.

A necessidade de manter dispendiosas tropas parece ainda mais pesada porque um exército representa uma ferramenta raramente utilizada.

Somos levados a colocar então a seguinte questão: essa ferramenta, tão custosa, não teria uma outra utilidade além da guerra? Porém, é fácil demonstrar que, além de seu objetivo guerreiro, a educação militar poderia prestar a um povo os mais relevantes serviços.

Não se pode esquecer as declarações do célebre químico Ostwald, que afirmou que a supremacia industrial dos germânicos devia-se apenas ao fato de que eles possuíam o segredo da organização.

Essa superioridade __ que nem mesmo Ostwald compreendia muito bem a origem __ é resultante muito menos das qualida-

des intelectuais adquiridas na universidade do que de certas qualidades de caráter __ ordem, disciplina, pontualidade, solidariedade, sentimento do dever etc. __ que a universidade não ensina.

O ministro Helfferich tinha uma visão muito mais precisa das causas da superioridade de seus compatriotas quando ele declarou que ela vinha da passagem forçada de todos os jovens alemães pela caserna, onde adquiriam as qualidades de caráter indispensáveis à nova evolução científica e industrial do mundo.

É inútil objetar que os americanos __ antes, sem exército __ atingiram, no entanto, uma grande prosperidade industrial. Suas qualidades de ordem, solidariedade, pontualidade, disciplina, eram devidas __ como nos ingleses __ à prática de esportes, onde a disciplina se impõe tão rigorosamente quanto na caserna.

*

* *

Como o regime militar pode inculcar tais qualidades? Aqui nos encontramos em presença do formidável problema da moral, que se pode chamar de pedra de tropeço de todos os filósofos[11].

[11] Pode-se avaliar __ através da seguinte passagem do eminente filósofo Boutroux __ a que ponto são confusas as ideias sobre a moral de nossos ilustres universitários.

Através de sua extrema variedade, todos os sistemas de moral consistiram em tomar por princípio uma certa noção de bem como objeto definitivo proposto

Este problema é, no fundo, muito simples, mesmo que homens como Kant desconhecessem completamente seus elementos.

Para o ilustre filósofo, não existiria uma moral possível sem sanções, ou seja, sem recompensa e sem castigo. O crime, permanecendo frequentemente impune aqui em baixo e a virtude privada de recompensa, Kant deduz disso a necessidade de uma vida futura e de um Deus remunerador.

Uma moral desprovida de sanção seria então, segundo Kant, impossível.

Essas concepções permaneceram clássicas em nosso ensino e eu acredito que o eminente filósofo Bergson foi, durante muito tempo, quase o único __ com o autor deste livro __ a rejeitá-las completamente.

Se ele as repelia era, aliás, por razões um pouco diferentes daquelas que expus em um outro livro, cuja essência é esta:

Kant, como todos os filósofos racionalistas, acreditava que o ser humano é guiado na vida por sua inteligência, enquanto que ele é, na realidade, conduzido sobretudo pelos seus sentimentos, de onde deriva seu caráter.

De fato, não é o medo do castigo e a esperança de uma recompensa que fazem com que o dever moral seja respeitado. Este

à nossa atividade e em buscar a seguir, num livre consentimento da inteligência, do coração e do sentimento, o meio de ação dirigido para esse fim.

respeito só está constituído após ter se tornado um hábito. O ser humano obedece então a certas regras sem discuti-las. É neste preciso momento que sua moral está formada.

A moral puramente racional dos professores, sem a qual cada ato exigiria uma deliberação intelectual, formaria uma pobre moral. O ser humano que não tivesse outra regra de conduta inspiraria pouca confiança.

O erro de Kant surgiu do fato de que, ignorando a força de um inconsciente convenientemente educado, ele não poderia supô-lo suficientemente forte para substituir as sanções presentes ou futuras. Essas sanções lhe pareciam então indispensáveis.

*

* *

Como criar essa moral inconsciente, único guia da conduta? Como, em outros termos, transformar em hábitos a observação das leis morais, sem as quais uma sociedade cai rapidamente na anarquia?

Um único método permite obter esse resultado: repetir por muito tempo o ato que deve se tornar hábito.

Como esse ato representa no início um estorvo, o aluno só o pratica à força, ou seja, sob a influência de uma disciplina rígida.

Sendo uma disciplina tal difícil na família e na escola, muitas pessoas não têm outra moral que não seja aquela do grupo so-

cial ao qual elas pertencem, fora da influência do medo __ bem fraco, hoje em dia __ que inspira o policial.

Essa disciplina rígida, mas necessária para criar uma moralidade inconsciente, é obtida, pelo contrário, facilmente no exército, porque ele possui meios de coerção aos quais não se resiste. Seu rigor só é penoso, aliás, no início, pois a disciplina externa imposta é substituída logo pela disciplina interna espontânea, que constitui o hábito.

A pessoa assim formada é comparável ao ciclista que circula sem esforço nos caminhos mais difíceis, enquanto que no início ele só conseguia fazer isso com muito esforço.

Os povos que adquiriram a disciplina interna que constitui uma moral estabilizada são __ por este único fato __ muito superiores àqueles que não a possuem.

*

* *

A criação de hábitos morais por meio da disciplina militar repousa sobre o princípio psicológico muito preciso das associações por contiguidade. Pode-se formulá-lo da seguinte maneira: quando impressões são produzidas simultaneamente ou se sucedem imediatamente, basta que uma delas se apresente à mente para que as outras sejam evocadas em seguida.

A associação por contiguidade é necessária para criar o hábito. Bem estabilizado, este hábito torna inútil a representação mental da associação.

Para explicar melhor a força da educação inconsciente e mostrar como ela pode sobreviver ao consciente desagregado por uma causa qualquer, eu recordarei um caso bem concreto, observado há um tempo atrás pelo ilustre general de Maud'huy, que jamais perdeu uma oportunidade de me lembrar que ele se considerava como meu aluno.

Quando ele era comandante ele viu entrar em seu gabinete um sargento que vinha lhe informar com inquietação que um soldado embriagado estava provocando tumulto em uma sala, quebrando tudo e ameaçando com sua baioneta o primeiro que se aproximasse dele. Que fazer?

Teoricamente lhe parecia muito simples lançar vários homens sobre o alucinado para controlá-lo. Seria arriscá-los a serem mortos ou feridos. A psicologia não forneceria um meio mais sutil?

O futuro general rapidamente o encontrou. Lembrando-se que a educação inconsciente sobrevive às perturbações do eu consciente, ele se dirigiu à sala onde se debatia o bêbado, abriu a porta e, com voz de comando, ordenou:

__ Sentido! Ombro, arma! Apresentar arma! Descansar!

As ordens foram imediatamente executadas e tornou-se fácil desarmar o soldado, cuja alma consciente tinha sido perturbada pela embriaguez, mas cujo hábito inconsciente ainda não fora atingido.

*

* *

Para terminar com o princípio tão fecundo das associações por contiguidade, eu destacarei que ele serve de base a todas as formas possíveis de educação, tanto para os animais quanto para os seres humanos. Os treinadores mais refinados não utilizam outros. Este mesmo princípio contém a solução de problemas de aspecto insolúvel; por exemplo, impedir um peixe esfomeado de comer os outros, presos com ele em um aquário. Essa experiência é muito conhecida para que seja necessário recordá-la com detalhes.

A criação de hábitos morais por via da associação é facilitada graças à aplicação desta outra lei psicológica: impressões fracas, por mais repetidas que possam ser, nunca têm o poder de impressões pouco repetidas mas muito fortes.

Em virtude deste princípio __ que eu frequentemente tive oportunidade de aplicar no treino de cavalos difíceis __ o castigo que pune uma violação de disciplina pode ser raro, se for severo. É por esta razão que, no grande colégio de Eton, frequentado pe-

los filhos da alta aristocracia inglesa, o próprio diretor chicoteia em público o aluno que proferiu uma mentira. Essa pena humilhante tem por resultado inspirar nos jovens um horror tão intenso pela mentira que ele raramente tem a necessidade de aplicá-la.

*

* *

A imensa superioridade da disciplina militar sobre a da escola e principalmente sobre a da família está, eu repito, em que não se resiste à primeira, enquanto que a disciplina escolar ou familiar é composta apenas por advertências sem força e sermões sem prestígio.

A criação de hábitos militares e morais demanda um certo tempo. Sua duração é muito discutida, aliás, pelos partidários de um serviço militar reduzido a alguns meses.

A questão se apresentou em diversos países e particularmente na Bélgica. O rei Alberto deu provas, com relação a isso, de conhecimentos psicológicos que já tinham me impressionado durante uma conversa que tive com ele.

Com o objetivo de obter a prolongação do serviço militar de 10 para 14 meses, ele disse:

> *Reduzir a duração do tempo de serviço militar abaixo de um certo limite é cair no sistema das milícias. No entan-*

to, a experiência prova que as milícias jamais prevaleceram diante de uma força regular e bem treinada. Acredita-se que se possa corrigir isso com um poderoso armamento, mas uma tropa sem disciplina e coesão não conseguirá defender esse armamento.

*

* *

O leitor percebe agora __ eu penso __ a utilidade do serviço militar na formação do caráter e da moral de um povo.

O oficial pode e deve se tornar o verdadeiro educador de nossa juventude, estimulada hoje em dia a passar sem a caserna e temerosa __ às vezes, erradamente __ de perder seu tempo nela.

Ensinar manobras ao soldado deve ser apenas uma parte do trabalho dos comandantes. O hábito de conduzir os homens já transformou muitos oficiais em psicólogos.

Alguns __ muito pouco numerosos ainda __ já compreenderam há muito tempo este lado de seu papel. Por causa disso, por exemplo, há alguns anos, o general Gaucher, então chefe do estado-maior, publicou uma série de conferências sobre **La Psychologie de la Troupe et du Commandement**, onde foram reproduzidos vários capítulos de meus livros.

No que diz respeito, particularmente, à educação da moral, o autor nele mostrou muito bem as diferenças dos modos de criação da moralidade individual e da moralidade coletiva. Sem dúvida que um comandante poderá momentaneamente despertar numa tropa qualidades bem elevadas __ abnegação, devoção, desinteresse, sacrifício da vida etc. __ mas essa moralidade transitória não sobrevive à influência do comandante que a criou, enquanto que persiste a moralidade individual transformada em hábito, segundo os princípios que eu expus.

Quando o caráter foi educado, assim como a inteligência, a pessoa possui um capital mental bem superior a todos os capitais materiais. Os acontecimentos podem, com efeito, destruir estes últimos, mas eles não encobrem o primeiro.

Todos os povos modernos __ os latinos, sobretudo __ têm necessidade de uma educação moral que os dotem de um capital mental sólido. Apenas as forças armadas, eu repito, poderão fazer com que eles o adquiram.

Nosso futuro dependerá então da educação moral recebida pela nova geração.

A inteligência todo mundo possui na França e, por isso, a juventude se sobrecarrega tão facilmente de diplomas. Infelizmente, as qualidades de caráter nem sempre são desenvolvidas no mesmo grau.

No entanto, na fase evolutiva em que o mundo se encontra hoje em dia, é a posse dessas qualidades que determinará o futuro dos povos.

***

LIVRO VII

As alianças e as guerras.

CAPÍTULO I

O valor das alianças.

Sumário

Dentre os homens de Estado que desempenharam um papel nos acontecimentos contemporâneos, a história citará certamente o nome do Sr. Isvolsky, embaixador da Rússia em Paris durante a guerra.

Antes de ser embaixador na França, ele foi ministro dos assuntos estrangeiros e ocupou postos diplomáticos importantes em diversas capitais da Europa.

O eminente homem de Estado era um espírito muito refinado, muito culto, que conhecia admiravelmente a arte difícil de compreender os homens e lidar com eles. Ele se enganou, sem dúvida, algumas vezes, mas a história não cita diplomatas que jamais se enganaram.

Eu tive a honra de contar com ele dentre meus leitores assíduos. Ele até mesmo realizou __ durante sua passagem por Paris

como embaixador __ a tradução para o russo de meu pequeno volume **Aphorismes du Temps Présent**.

Eu tive ocasião, um dia, de lhe propor a adição de um aforismo que constatava que uma aliança entre povos desaparece assim que os interesses desses povos divirjam.

Não escreva isso, me disse o embaixador com um sorriso irônico. É uma verdade tão confirmada pela história que seria realmente inútil lembrá-la.

*

* *

A guerra e também a paz justificaram amplamente a precisa reflexão do ilustre diplomata.

Vimos isso, particularmente, quando a Itália e a Romênia, antes aliadas da Alemanha, se voltaram contra ela no exato dia em que seus interesses diferiram dos interesses germânicos.

Pudemos constatar ainda o pequeno valor das alianças quando fomos abandonados pela Rússia; depois, quando a Áustria tentou, perto do fim da guerra, se separar da Alemanha.

A ação dos interesses que leva à ruptura das alianças se manifesta igualmente em sua gênese. Os Estados Unidos forneceram um memorável exemplo disso quando, sentindo crescer as ameaças da Alemanha, eles saíram de sua neutralidade, mesmo não

sendo ligados a nenhum tratado, para nos ajudar a terminar a guerra.

Os jornais franceses davam prova de uma ingenuidade um pouco excessiva quando repetiam sem trégua, durante a guerra, que a Inglaterra e a América haviam se juntado à França para defender a causa do direito e da justiça. Eles defendiam simplesmente seus interesses ameaçados. Escreveu o **Times**: "É por nós mesmos que desembainhamos a espada, a fim de continuarmos os senhores do mar e do comércio do mundo".

Com a Alemanha abatida era preciso impedir a França de predominar e, desta forma, os governantes britânicos se opuseram com uma energia que beirou à violência, a que as antigas fronteiras do Reno nos fossem devolvidas. Com a mesma energia eles impediram a formação do Estado tampão da Renânia, que teria tornado a Alemanha menos perigosa para seus vizinhos.

As mesmas observações com relação à América, que entrou na guerra assegurando a nossos homens de Estado e a nossos jornalistas que fazia isso para defender o direito e a liberdade.

Em 11 de março de 1921, o embaixador dos Estados Unidos em Londres fez justiça a essas ingenuidades quando disse:

> *Numerosos são aqueles que permanecem convencidos de que enviamos nossos jovens soldados para além-mar com o objetivo de salvar a Grã Bretanha, a França e a Itá-*

lia. Isso não é verdade. Nós os enviamos unicamente para salvar os Estados Unidos da América.

Todas essas diversas constatações mostram a evidência do princípio de que uma aliança é uma associação provisória de interesses semelhantes que não sobrevivem à sua divergência.

*

* *

Quando as ambições ou os interesses são muito fortes, eles podem criar alianças entre povos que não possuem nenhuma simpatia uns pelos outros. O imperador Guilherme II sonhou por muito tempo em se aliar com a França, que ele amava pouco, contra a Inglaterra, que ele amava menos ainda. Sabe-se disso particularmente pela revelação de uma de suas conversas com o rei Leopoldo da Bélgica, publicada pelo Barão Van der Elst, ex-secretário geral do ministro dos assuntos estrangeiros belga.

Disse-lhe Guilherme: "Durante muito tempo eu empreguei todos os meios para me aproximar da França e cada vez que eu lhe estendi amigavelmente a mão ela repeliu meu gesto com desdém. Todos os meus projetos se chocam com a oposição sistemática do governo e são violentamente combatidos pela imprensa francesa que os distorce e os usa como pretexto para me injuriar. Eu sonhei com uma recon-

ciliação com a França. Eu quis formar com ela, no interesse geral, um bloco continental suficientemente forte para por um freio às ambições da Inglaterra, que busca confiscar o mundo em seu proveito. E, pelo contrário, eu vejo a França pregar o ódio, a revanche e preparar a guerra com o objetivo de nos aniquilar".

A Inglaterra, que começava a temer muito a Alemanha, rival crescente, teria de boa-vontade tratado com ela, mas seus avanços tiveram pouco sucesso. A Alemanha estava, aliás, muito certa da neutralidade britânica no início da guerra.

Afirmou-se frequentemente que se, em 1914, a Inglaterra tivesse declarado imediatamente suas intenções, a Alemanha não teria provavelmente deslanchado o conflito. Esse atraso foi uma das consequências necessárias da política tradicional inglesa. O interesse de se juntar à França só existiu para ela quando a Alemanha, contrariamente à esperança dos homens de Estado ingleses, violou a neutralidade belga e ameaçou Antuérpia.

Todos esses exemplos, que colocam em evidência as bases psicológicas de uma aliança, permitem pressentir o sentido real desta palavra.

Com a evolução atual do mundo e a mobilidade dos interesses econômicos, as alianças entre povos representam apenas asso-

ciações momentâneas de interesses semelhantes e não sobrevivem ao desaparecimento dessa comunidade de interesses.

*

* *

Não se pode esquecer, por fim, que, quando se fala de alianças __ salvo nas relações comerciais, que impõem a honestidade, sob pena de não poder continuar __ não existe nenhum traço de moralidade política internacional. Os termos do direito e da justiça constituem então expressões totalmente desprovidas de eficácia e que jamais influenciaram a conduta.

A história é composta sobretudo pela narração das conquistas efetuadas pelos povos fortes sobre os povos fracos, sem que ela seja questionada por qualquer direito. Os cronistas reservam, aliás, sua admiração aos conquistadores que se preocuparam muito pouco com as ideias de direito e de justiça. Frederico II, da Prússia, foi qualificado de grande em razão principalmente da maneira com que ele espoliou seus vizinhos de províncias, sobre os quais ele não tinha nenhum direito.

Aconteceu o mesmo em todos os países. Um discurso pronunciado em Dunquerque pelo Sr. Poincaré, lembra que, quando esta cidade pareceu se tornar uma concorrente perigosa para o comércio inglês, o governo britânico tentou incendiá-la de surpresa. Em duas tentativas, em 1694 e 1695, ele enviou uma frota de

fragatas e de barcos incendiários para tentar a operação. Jean-Bart conseguiu impedir, mas, mais tarde, os ingleses conseguiram arrasar as fortificações de Vule e destruir seu porto.

Naquela época, como hoje, como amanhã e como mais tarde também, a única lei moral que rege as relações entre povos continua a ser a do mais forte.

*

* *

Frequentemente inúteis, os tratados podem, por outro lado, tornarem-se perigosos. As querelas da Áustria com a Sérvia nos eram profundamente indiferentes. Apenas nosso tratado com a Rússia nos envolveu em uma guerra terrível. A aliança franco-russa nos custou 1.500.000 homens, a ruína de vários departamentos e uma quantia medida em bilhões.

Quando os interesses de um povo são evidentes, não há necessidade de um tratado de aliança para que ele tome partido num conflito. Os países que mais nos ajudaram durante a guerra __ ou seja, a Inglaterra e a América __ foram justamente aqueles em que nenhum pacto nos ligava.

*

* *

Não concluamos do que foi exposto que as alianças sejam sempre inúteis. Elas podem ter um efeito moral precioso para prevenir o ataque de um povo forte contra um povo fraco. Como recordamos acima, se a Alemanha tivesse suposto que a Inglaterra se uniria à França, ela não teria, sem dúvida, deslanchado a guerra. Um tratado de aliança bem claro com a Inglaterra, em vez de promessas vagas, teria então provavelmente impedido a formidável conflagração.

A mesma coisa teria acontecido com o tratado projetado no momento da formalização da paz, entre a França, a Inglaterra e a América. Ele teria sido muito útil para paralisar, na Alemanha, os projetos de revanche.

Nenhum povo é suficientemente forte atualmente para viver sem alianças morais; as únicas possíveis hoje em dia, já que as outras não têm eficácia, como demonstramos. Com quem a França deve se aliar?

Este é um problema análogo àqueles colocados pela esfinge da lenda antiga e que é preciso resolver, sob pena de perecer. Dele nosso futuro depende.

A aliança com os Estados Unidos, a mais desejável talvez, foi repudiada pelo Senado americano. Desde o fim da guerra os interesses da América mudaram e suas ideias mudaram igualmente.

Um sentimento visivelmente antieuropeu levou ao poder o presidente Harding e a propaganda pró-alemã guia os Estados Unidos, que a princípio não pensavam em reclamar as somas emprestadas aos Aliados durante a luta comum.

Os jornais americanos insinuam agora que se os Estados Unidos suportam pesados impostos é porque seus devedores aliados não querem reembolsá-los e que eles poderiam fazê-lo facilmente se não empregassem todo seu dinheiro em armamentos.

O povo americano está cada vez mais convencido de que são os armamentos da França que impedem o desarmamento geral. Percebe-se o meio de pressão política que o governo de Washington poderá exercer sobre os governos europeus.

É possível que os Estados Unidos pretendam impor reduções de armamentos a algumas nações europeias. A Alemanha conta com isso fortemente.

Essa nova orientação da América mostra, mais uma vez, o quanto é grande hoje em dia a fragilidade das alianças. Ela mostra principalmente que não se pode mais esperar uma aliança com a América.

*

* *

Alianças com potências de segunda ou de terceira ordem __ Tchecoslováquia, Polônia etc. __ são pouco desejáveis. Teríamos

muito a dar e pouco a receber. Já vimos com a semialiança polonesa a que guerras contra a Rússia soviética nós quase entramos.

Com a Itália uma aliança seria muito incerta. Diversos jornais italianos não hesitaram em reclamar a Córsega, Nice e a Tunísia ou anunciar __ como o **Giornale d'Italia** __ que a Itália bem que poderia passar para o lado alemão, onde ela já estava antes da guerra.

Contar, na falta de uma aliança, com a ilusória proteção da Sociedade das Nações, com o internacionalismo socialista ou com os imbecis discursos dos pacifistas seria muito imprudente. As ilusões de outrora não são mais permitidas hoje em dia. Elas nos levaram até à beira do abismo, onde quase soçobramos.

Sozinhos na Europa, sem poder esperar a ajuda de uma América distante, pouco interessada em renovar sua gigantesca empresa, seríamos bem fracos.

A Inglaterra continua atualmente a ser a única nação com a qual a França teria um interesse certo em contratar uma aliança, em razão de seu efeito moral.

*

* *

Para pesquisar as bases possíveis de uma tal aliança é preciso primeiro levar em conta princípios políticos tradicionais da Inglaterra, depois seu estado presente.

Os homens de Estado que dirigem os povos estabilizados por um longo passado são governados por um pequeno número de princípios herdados, através das vicissitudes que os envolvem. Alguns desses princípios são, aliás, tão fixos, que governantes oriundos de partidos políticos opostos os aplicam assim que chegam ao poder.

A Inglaterra é a mais estabilizada das nações atuais e, por isso, sua política permanece invariável através dos tempos. Desde a época da Invencível Armada até a época de Napoleão, o império britânico se voltou contra toda potência europeia que parecesse crescer. Com a França parecendo tornar-se muito forte em 1870, a Inglaterra aplaudiu o sucesso da Alemanha. Em 1914, com a Alemanha se mostrando muito poderosa, por sua vez, a Inglaterra se colocou do nosso lado.

*

* *

Alucinados pelo medo de perder uma aliança tida como necessária, nossos governantes cederam, após a guerra, a todas as exigências da Inglaterra e facilitaram assim o estabelecimento de sua hegemonia na Europa.

Se a Grã Bretanha não precisasse da França, seria bem inútil lhe demandar qualquer coisa. A mentalidade de seus homens de

Estado só lhes permite dar alguma coisa sob imperiosas necessidades.

Hoje em dia ela tira de todos os lados, entrava seus antigos aliados e parece mediocremente interessada em se engajar numa nova aliança.

Se ela persistir nessa linha de conduta, quais serão as consequências?

Suponhamos que __ numa época conhecida apenas pelo destino, mas inevitável __ a tenaz Alemanha, emergida do abismo, se acredite suficientemente forte para tomar sua revanche e atacar a França isolada. No que se tornaria a Inglaterra se nós fôssemos vencidos?

Seu destino não seria duvidoso. Antuérpia e Calais caídas nas mãos dos alemães, a Inglaterra perderia imediatamente seu domínio dos mares. Facilmente invadida, ela logo se tornaria uma simples colônia germânica.

A aliança com a Alemanha, com que várias vezes nos ameaçou o Sr. Lloyd George, não salvaria a Inglaterra de uma sorte tal. A Alemanha se voltaria rapidamente contra sua aliada de um dia, assim que a França fosse vencida, no mínimo para retomar suas colônias.

Portanto, sem incluir outro fator além do interesse, o império britânico deve fatalmente se resignar em contratar com a Fran-

ça uma aliança precisa, livre de reticências, a fim de impedir na Alemanha a ideia de recomeçar a guerra.

*

* *

Uma aliança com a Inglaterra não representa, de maneira alguma, uma proteção a solicitar, mas um assunto a discutir. Nossos diplomatas ganhariam ao se fazerem de comerciantes, propondo uma troca de valores iguais. A firme cortesia deverá substituir a resignação medrosa com que eles deram prova durante e depois das negociações da paz. Naquela ocasião nós tínhamos, infelizmente, contra nós, o idealismo obscuro do todo poderoso presidente Wilson e o realismo nada obscuro do primeiro-ministro inglês, preocupado sobretudo em fazer crescer o império britânico e deixar a França suficientemente fraca para que ela sempre se sinta na dependência inglesa.

É evidente que uma aliança com a Inglaterra não deve hipotecar muito pesadamente o futuro e nos lançar em guerras distantes. Se ela acentuasse uma aliança com o Japão e se ele entrasse em conflito com os Estados Unidos, nós poderíamos ser envolvidos numa nova luta, mais funesta ainda do que aquela que acabamos de sair. Não se pode esquecer __ eu já lembrei acima __ que nossa aliança com a Rússia nos levou ao formidável conflito que devastou o mundo. Não se pode esquecer também que nossa se-

mialiança atual com a Inglaterra quase nos levou a uma guerra com a Turquia.

Um tratado de aliança franco-inglês deveria então especificar nitidamente os objetivos e os limites recíprocos dos compromissos subscritos. Seu principal objetivo seria impedir uma nova conflagração europeia, que marcaria certamente o fim de nossas civilizações.

Essas realidades da hora presente dominam as vãs sutilezas diplomáticas e as bobagens pacifistas. Mais que nunca, governar é prever. A imprevidência nos custou quatro anos de guerra e a ruína de ricas províncias. Não se recomeça impunemente uma aventura assim.

***

CAPÍTULO II

As lutas pela hegemonia e pela existência.

§1. A luta da Inglaterra pela hegemonia.

Sumário

Todos os grandes povos da história visaram a hegemonia.

Essa necessidade é tão intensa hoje em dia quanto nas épocas de César e Carlos Magno, mas ela não é confessada. Os ho-

mens de Estado que presidem o destino dos povos fingem serem livres dela.

Num de seus discursos, o mais imperialista dos ministros da Grã Bretanha desejou "a criação de uma federação dos povos, destinada a impedir que a ambição e a cupidez jamais mergulhem o mundo no caos de miséria que se chama guerra".

Mesmo que o sentido das palavras seja facilmente transformado pelos diplomatas, seria, no entanto, realmente difícil a esse ministro atribuir a outros motivos, que não fossem aqueles que ele critica, ou seja, "a ambição e a cupidez", os incessantes aumentos de territórios da Inglaterra desde o fim da guerra.

Essa discordância completa entre a conduta dos homens de Estado e seus discursos é resultante de causas psicológicas profundas. Os discursos se referem a um ideal individual teórico mais ou menos distante e não realizável ainda, enquanto que a conduta reflete unicamente as aspirações herdadas do povo que os governantes dirigem. Um homem de Estado só tem influência com a condição de ser um espelho das aspirações de seu povo. Ele poderá pregar a fraternidade e a solidariedade, mas orientará sua política segundo princípios totalmente diferentes.

Sendo a Inglaterra uma nação que sempre visou crescer, nada permite supor que sua mentalidade tradicional coletiva tenha mudado.

A distinção que eu formulo entre os discursos advindos da alma consciente individual e a conduta ditada pela alma inconsciente do povo domina a vida política dos povos. Ela a domina sobretudo desde as origens da recente guerra.

Não nos espantemos muito portanto, se, após terem cem vezes repetido em seus discursos, durante o conflito, que eles lutavam contra o militarismo e a necessidade de hegemonia, os homens de Estado ingleses tenham agido de uma maneira absolutamente contrária aos princípios solenemente proclamados logo após o estabelecimento da paz, tentando substituir a hegemonia da Alemanha pela inglesa.

*

* *

Jamais um povo manifestou um desejo tão violento de conquistas. Após ter se apropriado da frota e das colônias alemãs, a Inglaterra proclamou seu protetorado sobre o Egito, a Mesopotâmia e a Pérsia; depois tentou se apoderar de Constantinopla e de uma parte da Turquia, por intermédio dos gregos.

Com os diversos países que ela anexou __ Mesopotâmia, Palestina, Egito, África alemã, Camarão, Togo, ilhas de Sonda etc. __ o império mundial britânico, estendido do Egito ao Cabo e à Índia, compreende uma grande porção da Ásia e da África e cobre mais de um quarto da superfície da Terra.

Sua situação pode ser resumida nesta frase pronunciada pelo Lorde Curzon na Câmara dos Comuns: “A Inglaterra, nesta guerra, tudo ganhou e até mais do que ela havia se proposto”.

Jamais, com efeito, a Grã Bretanha tinha sonhado com uma tão prodigiosa potência. Algumas semanas lhe bastaram para angariar todos os lucros da luta mundial.

Escreve o cientista historiador Ferrero:

> *A Inglaterra foi tomada por um tipo de delírio de dominação mundial que, após as ambições alemãs, ameaça por sua vez levar o mundo à perdição... A Inglaterra recaiu no erro que causou a queda de Napoleão, primeiramente e da Alemanha, em seguida. Ela acreditou que o interesse de um único povo poderia ser a lei do universo. Ela tenta improvisar, sobre as ruínas de metade da Ásia, uma paródia colonial do império napoleônico ou aquele que os alemães tentaram fundar, mas com uma preparação mais sólida.*

A vontade da Inglaterra de estabelecer sua hegemonia sobre o mundo não se manifesta apenas por conquistas territoriais, mas também por imperiosas maneiras de agir com relação aos seus aliados.

No momento em que os bolchevistas estavam às portas de Varsóvia, ela não hesitou em barrar em Dantzig a única estrada

que permitia à França enviar facilmente munições aos poloneses encarregados de impedir a invasão. Ela nos obrigou, pelas hostilidades de protegidos colocados em nossas fronteiras, a gastar muitos homens e milhões na Síria e não parou, em quatro anos, de se opor a nossas reclamações de pagamento.

*

* *

O estabelecimento da hegemonia britânica representa por isso um dos resultados principais, embora bem imprevisto, da guerra mundial.

Essa hegemonia custou pouco à Inglaterra. Sua situação financeira permaneceu muito próspera e o orçamento de suas receitas ultrapassa agora o de suas despesas.

A Europa se bateu, portanto, durante quatro anos contra a hegemonia alemã apenas para cair sob a hegemonia inglesa. Nada permite esperar que a segunda seja menos dura do que a primeira.

Reprovava-se outrora a Alemanha por tentar justificar seus desejos de hegemonia afirmando ter recebido do céu a missão de civilizar o mundo. Num discurso pronunciado em Sheffield, o Sr. Lloyd George assegurava, por sua vez, que “a Providência deu ao povo inglês a missão de civilizar uma parte do mundo”.

É lamentável que o célebre ministro não tenha revelado por quais vias misteriosas ele soube que Deus concedeu à Inglaterra a missão primeiramente atribuída à Alemanha.

Atualmente, os povos seguem uma marcha absolutamente contrária às ideias formuladas durante as conferências de paz. Vemos nascer, com efeito, em diversas partes do mundo, dois ou três centros de hegemonia, cuja formação e evolução parecem regidas pela seguinte lei psicológica: *Toda nação que cresce tende à hegemonia, depois à destruição dos Estados rivais, assim que ela se torna a mais forte.*

Na realidade, a principal causa da última guerra foi uma rivalidade entre a Alemanha e a Inglaterra pela conquista da hegemonia na Europa. Era com a Inglaterra e não com a França que o imperador da Alemanha sonhava guerrear.

Um povo que visa à dominação do mundo logo vê se voltar contra ele povos que também aspiram à hegemonia. Vemos isso cada vez mais hoje em dia. Paralelamente ao imperialismo inglês, cresce muito rapidamente o imperialismo dos Estados Unidos, que já sonham com a hegemonia sobre a Ásia, apesar da oposição certa da Inglaterra e do Japão.

Também eles se apressam em construir uma frota destinada a fazer frente ao Japão que, após ter tomado Cantão da China, com seus 30 milhões de habitantes, procura igualmente estender

seu domínio sobre a Sibéria oriental, a Mongólia, a China do Norte e as Filipinas.

§2. A luta pela existência no Extremo Oriente.

As lutas pela hegemonia na Europa foram sobretudo causadas pela ambição e poderiam, a rigor, ser evitadas. Aquela que vemos nascer no Extremo Oriente constitui para o Japão, em razão do excesso crescente a cada dia de sua população, uma luta necessária para a existência, que os discursos de todos os congressos não conseguiriam impedir.

Essa perspectiva constitui um dos elementos essenciais da questão dita do Pacífico. Ela inquieta muito os Estados Unidos, pois seu futuro depende dela.

Possuindo __ como, aliás, todos os povos do mundo __ uma fé mística nos congressos, eles convocaram, para resolver o problema, uma conferência em Washington. O pretexto, colocado antecipadamente, foi a questão do armamentismo. Mas não foi, de maneira alguma, na realidade, este assunto acessório que preocupava as mentes.

O problema do Pacífico, apesar de todas as perífrases que os oradores o envolveram, consistia em encontrar os meios de impedir os japoneses de dominar a Ásia e principalmente de enviar emigrantes aos Estados Unidos. Não se misturando com outros po-

vos, se multiplicando com uma extrema rapidez e trabalhando por bem menos que os brancos, eles fariam a estes últimos uma concorrência desastrosa.

No entanto, contrariamente aos interesses americanos, a emigração é para os japoneses uma necessidade fatal. Eles têm todos os anos um excedente enorme de habitantes que, não encontrando emprego em seu próprio solo e não podendo ser enviados à China, já muito povoada, gostariam de invadir os Estados Unidos e as colônias inglesas.

Leis draconianas tornaram até aqui essa invasão difícil. Os japoneses aguentaram essas leis enquanto não eram os mais fortes. Mas e agora?

A Grã Bretanha, que tem um tratado de aliança com o Japão e que a distância coloca ao abrigo das invasões, não veria nenhum inconveniente na expansão da raça amarela, mas desde que não seja em seus domínios __ Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul etc. __ que partilham absolutamente os sentimentos dos Estados Unidos e não querem, por nenhum preço, aceitar uma imigração amarela.

Seus representantes já se pronunciaram categoricamente sobre este ponto. Disse o primeiro-ministro da Austrália: “Dentre os direitos dos países que representamos se encontra aquele de esco-

lher seus nacionais e, por consequência, de eliminar os estrangeiros que não os convém".

O Japão atual aceitará por muito tempo a humilhante interdição a qual ele teve que se submeter até aqui, mesmo que protestando? Apenas a força poderia obrigá-lo a isso.

Porém, o Japão fraco de antes se tornou uma grande potência que trata de igual para igual com as mais temidas. Ele possui uma frota que em breve será tão importante quanto a da Inglaterra e que, durante a guerra, policiou o Pacífico e prestou grandes serviços aos Aliados. Seu representante em Paris figurou no Conselho Supremo que ditou a paz.

O ex-pequeno Japão é politicamente considerável hoje em dia. Sem falar de sua conquista econômica da China, ele anexou Cantão, região tão extensa quanto a França, depois a Manchúria e logo, sem dúvida, a Sibéria, o lago Baikal e Vladivostok, regiões ricas em carvão e em petróleo. Hoje, o Japão é o verdadeiro senhor da Ásia.

*

* *

Há muito tempo que, num livro dedicado ao Oriente, eu predisse o conflito fatal da raça branca e da raça amarela.

Essa hora parece que chegou. Se os Estados Unidos têm atualmente a possibilidade de se defender contra a invasão japonesa

é porque eles foram obrigados, para socorrer os aliados, a formar um exército e uma frota.

Graças aos seus armamentos e ao apoio moral dos domínios ingleses, a América resiste à pressão japonesa. Mas essa pressão cresce e ela gostaria de encontrar os meios de evitar uma luta que seria evidentemente muito mais colossal e mais mortífera do que as precedentes. Seria a grande guerra das raças. A Índia, o Egito e a China, nela entrariam necessariamente ao lado do Japão, a fim de não mais sofrer a supremacia dos brancos.

Pode-se considerar como muito justa esta reflexão recente do primeiro-ministro da Austrália: "A cena dos grandes acontecimentos mundiais vai passar do continente europeu para as águas do Pacífico".

O Congresso de Washington conseguiu recuar um pouco o deslanchar do grande conflito entre a América e a Ásia.

Com este conflito parecendo inevitável, os governantes dos Estados Unidos serão obrigados escolher uma das opções do seguinte dilema: ou aceitar a invasão dos amarelos, que, em razão de sua incansável fecundidade, acabariam por transformar os Estados Unidos em colônias japonesas; ou se opor à invasão por meio de uma guerra.

Essa guerra colossal, cuja ameaça cresce a cada dia, não terá mais, como os antigos conflitos, ambições, rivalidades dinásticas e

ódios como causas. Ela será comparável a essas formidáveis lutas pela vida que, ao longo das eras geológicas, presidiram a destruição e à transformação das espécies.

Se o Congresso de Washington teve resultados políticos medíocres, ele serviu para demonstrar, mais uma vez, que, apesar dos devaneios dos pacifistas, a vida dos povos continua dominada por leis naturais que todos os progressos das civilizações foram impotentes para fazer desaparecer.

***

CAPÍTULO III

O problema da segurança.

Sumário

O mais importante dos problemas atuais é, evidentemente, o da segurança. Os aliados abandonaram pouco a pouco a França e ela ficou só diante de um inimigo obcecado pela ideia de revanche. Como garantir sua segurança?

Esses meios são pouco numerosos. Na verdade, existe apenas um de reconhecida eficácia: a ocupação das cidades que margeiam o Reno. Assim que elas fossem abandonadas a tentativa de revanche estaria próxima. Todos os nossos comandantes militares estão de acordo sobre este ponto.

O futuro é escrito no presente. Por isso, não se pode jamais esquecer o que nos espera se os alemães invadirem de novo o solo francês.

O **New York Tribune**, de 14 de fevereiro de 1923, lembrou seus procedimentos na França e na Bélgica:

> *Eles começavam por expropriar os habitantes, depois os forçavam a trabalhar e os deportavam como escravos para a Alemanha. Eles roubavam as máquinas, os móveis, os quadros, incendiavam casas, bibliotecas, igrejas, destruíam o solo, aprisionavam e matavam em massa.*
>
> *Deve haver muitas testemunhas das rapinas de Louvain e de Malines, desses especialistas do roubo, agentes de Bissing na Bélgica, desses engenheiros e técnicos impiedosos que souberam tão bem fazer do norte da França um deserto, durante a retirada rumo à linha de Hindenburgo.*

Em caso de uma revanche germânica, esses métodos se repetirão certamente. Nenhuma ilusão sobre este ponto é possível. Uma nova agressão alemã levará à ruína total da França.

Os projetos da Alemanha são sempre aqueles que formulava, nos seguintes termos, um ministro da guerra prussiano, o general de Schellendorf:

Entre a França e a Alemanha só se pode agir como num duelo de morte.

A questão só se resolverá pela ruína de um dos dois antagonistas. Anexaremos a Dinamarca, a Holanda, a Suíça, a Livônia, Trieste, Veneza e o Norte da França, de Somme ao Loire.

Essas ambições __ defendidas há muito tempo por historiadores e professores germânicos __ renascerão infalivelmente no dia em que França tiver renunciado às únicas garantias sérias que possui hoje em dia, ou seja, a ocupação do Reno. É inútil se iludir sobre este ponto.

O professor Blondel lembra a propósito disto o que escreveu Edouard Meyer, um dos mestres mais renomados da Universidade de Berlim: "É preciso que coloquemos na mente da juventude que a guerra que não nos deu o que esperávamos será seguida, um dia ou outro, por uma série de guerras, até que o povo alemão, este povo predestinado, assuma no mundo a posição a qual ele tem direito".

Essa ideia inspira a maior parte dos professores das universidades. Dizia, há alguns meses, ao professor Blondel, o reitor da Faculdade de Direito de Berlim: "Uma nova guerra é inevitável... Estaremos amanhã na situação que estávamos ontem".

Essas noções deveriam ficar constantemente no espírito, pois elas contêm tanto o futuro quanto o passado. Esquece-se delas de uma maneira prodigiosa. Reina em certos gabinetes ministeriais um pacifismo limitado que leva a querer o esquecimento do passado, com a esperança, sem dúvida, de acalmar os furores germânicos.

Como exemplo dessa inconcebível aberração, pode-se citar a singular história recentemente chegada até este autor, de um livro que tem por título **Si les Allemands Avaient Gagné la Guerre**. O escritor nele expôs os projetos alemães, de acordo com as publicações germânicas mais renomadas. A obra obteve ilustres aprovações, particularmente a do marechal Lyautey.

Não suspeitando da mentalidade a qual eu fiz alusão, o autor enviou gratuitamente trezentos exemplares de seu livro ao escritório competente do ministério da instrução pública, para que eles fossem distribuídos às bibliotecas municipais.

Contrariamente ao que se esperava, a obra, cuja utilidade era evidente, foi categoricamente recusada, em razão, dizia a carta de recusa, “do tom enérgico da obra, por mais justificado que ele possa ser”.

Eis o que acontece com nossa obra de propaganda defensiva! Ela se choca com a pesada oposição de obscuros burocratas, cuja cegueira ultrapassa realmente em muito os limites permitidos.

*

* *

Enquanto tratam, no Ruhr, dos futuros destinos da França e também da Europa, os bravos juristas da Sociedade das Nações pronunciam discursos humanitários nos quais não acreditam nem os oradores que os pronunciam nem as pessoas que os ouvem.

Esses discursos são, ademais, envolvidos por uma nuvem esparsa de tédio. Por isso, sem dúvida, eles conseguiram, certa noite, me adormecer enquanto os lia. Eu dormi e sonhei.

Os acasos de meu sonho me transportaram aos campos Elíseos que o paganismo reservava às almas de ilustres personagens.

O primeiro que eu encontrei foi o fundador da unidade alemã, o príncipe de Bismarck. Colocando a mão no cabo de seu sabre, ele me interpelou com violência.

"Não se vanglorie muito com teu triunfo, filho maldito de uma raça abominável. Teu país possui, felizmente para nós, de um número suficiente de socialistas, de comunistas e de filantropos estúpidos para que nossa revanche seja certa. Nesse dia, meus sucessores não repetirão o erro cometido em 1875. Vendo então a França renascer, eu quis esmagá-la definitivamente me apoderando de suas mais ricas províncias e lhe impondo condições que a teriam arruinado por um século. Eu cometi o imenso erro de escu-

tar as súplicas de soberanos que, aliás, jamais pegaram em armas para defender a França. Como eu pude cometer tal erro?"

Ofendido por estas observações descorteses eu me afastei e me dirigi a um grupo onde me parecia estar a alma do bom La Fontaine.

Era ele sim, com efeito. Ele narrava, a ouvintes encantados, uma fábula que eu decorei e que aqui apresento:

O TIGRE E O CAÇADOR

Um tigre, famoso por sua ferocidade, encontra, perto de um bosque, um caçador armado com uma sólida carabina. No momento em que o caçador mirava o tigre, este último, colocando uma tímida pata sobre seu coração, gritou:

__ Pare, caçador! Os filantropos dizem que todos os seres são irmãos. Há muito tempo, aliás, o tigre era amigo do homem, cujas pradarias ele protegia contra a gula dos maléficos carneiros. Foram os capitalistas que voltaram o homem contra o tigre. Unamo-nos, meu irmão, como pediam os apóstolos do desarmamento e gozaremos de uma felicidade universal. Jogue fora tua arma. Eu recolherei imediatamente minhas garras.

Impressionado por esta arenga, o caçador abaixou sua carabina, sem, no entanto, largá-la. Diante desse meio sucesso, o tigre continuou suas súplicas e tornou-se tão per-

suasivo que o caçador lançou sua arma ao longe. Interrompendo então bruscamente seus filantrópicos comentários, o tigre se precipitou sobre o caçador e o devorou. Olhando em seguida, com desprezo, os restos de sua vítima, ele murmurou:

__ O imbecil!

Esta foi a única oração fúnebre do muito sensível caçador. Ele merecia uma outra?

Eu despertei e, retornando à terra, comecei a leitura de alguns jornais ingleses. Eles aconselhavam caridosamente à França que abandonasse o Ruhr e renunciasse às solicitações de reparações, que perturbavam o comércio inglês. Foi o conselho que o Sr. Lloyd George deu há muito tempo a aliados muito submissos a suas imperiosas sugestões.

A ocupação de uma porção do território inimigo é evidentemente uma operação custosa e desagradável. Basta ler os artigos dedicados pelos alemães a seus projetos de revanche para compreender a que ponto ela era necessária.

Durante muito tempo a França e a Bélgica não terão outros meios de se preservar de novas invasões. Continua impossível perceber uma outra solução antes do dia em que as ideias bárbaras que continuam a governar os povos sejam inteiramente transformadas.

***

CAPÍTULO IV

As formas futuras das guerras e as ilusões sobre o desarmamento.

Sumário

O obsedante problema do desarmamento da Alemanha e dos diversos países absorve sempre a atenção de todos os governos.

A Alemanha continua tão perigosa que nenhuma nação ousa reduzir seus exércitos, mesmo que todas estejam esmagadas sob o peso de ruinosos orçamentos.

Enquanto todos os povos aspiram à paz, insuperáveis necessidades os condenam a aumentar suas armas.

Menos que todas as outras, a França não pode pensar em se desarmar. Ela só poderia fazê-lo se a Inglaterra e a América se comprometessem, como pediram inutilmente nossos governantes, a apoiá-la em caso de uma nova agressão da Alemanha. O simples efeito moral dessa aliança bastaria.

Tendo esse projeto falhado, a França continua quase sozinha diante de um inimigo secular, que não dissimula seu intenso desejo de revanche.

Nunca, aliás, a Europa esteve mais ameaçada de guerras do que hoje em dia. O absurdo desmembramento da Áustria e da Turquia em pequenos Estados rivais cria entre eles, eu repito, um regime de conflitos permanentes.

Tchecoslovacos, romenos, poloneses, húngaros, sérvios, turcos, gregos etc. já estão em luta ou próximos de entrar.

*

* *

As democracias hereditárias das monarquias militares da Alemanha serão menos belicosas do que essas últimas? A psicologia e a história não permitem esperar isso. Um dos conselheiros mais renomados do novo presidente dos Estados Unidos, o doutor Butler, lembrou justamente que, na antiga Grécia, quando o povo era chamado a votar a paz ou a guerra, ele votava sempre pela guerra. Isso se deve, segundo o autor, a uma consequência das leis que regem a psicologia das massas e acrescenta:

> *O aforismo 'São os governos que forçam os povos à guerra, apesar de sua vontade', não sobrevive um minuto diante da realidade dos fatos. Podemos estar certos de que, se na última semana de julho de 1914, os povos da Alemanha e da Áustria tivessem sido consultados, por via de refe-*

rendo, sobre a guerra ou a paz, eles teriam votado com uma maioria esmagadora pela guerra.

*

* *

A insistência dos aliados em pedir o desarmamento da Alemanha, ou seja, a destruição das metralhadoras e dos canhões que ainda lhe restam, deriva sem dúvida dessa convicção arraigada de que a Alemanha se tornaria inofensiva com a destruição de seu material bélico.

Essa convicção é bastante ilusória.

Com ou sem canhões, a Alemanha está atualmente, segundo a opinião de todos os militares, fora de condições para recomeçar imediatamente a guerra.

O que será completamente diferente em alguns anos, mesmo que ela não possuísse um só canhão.

*

* *

Essa conclusão resulta dos progressos realizados a cada dia pela indústria armamentista. Eles levam cada vez mais à noção fundamental de que as próximas lutas dos povos serão principalmente lutas aéreas, nas quais as fronteiras, os exércitos, os canhões desempenharão apenas um pequeno papel.

Os resultados atingidos hoje em dia pela fabricação dos explosivos são tais que sua potência destrutiva tornou-se formidável. Bastarão então aviões comerciais para transportar torpedos carregados com esses explosivos acima das cidades a fim de destruí-las. Capazes de aniquilar tudo num raio que já ultrapassa cem metros, um único torpedo destruiria uma rua inteira com seus habitantes.

O objetivo das novas guerras não será mais, sem dúvida, atacar exércitos, mas destruir as grandes cidades com seus habitantes. Essas novas guerras, muito menos longas do que as do passado, serão, por outro lado, muito mais mortíferas.

O futuro material militar terá a vantagem de ser pouco oneroso, pois ele seria composto simplesmente de aviões comerciais transportando explosivos e bombas incendiárias, em vez de mercadorias.

*

* *

Para mostrar ao leitor que as visões precedentes não são simples visões da mente, eu sou obrigado a abrir um parêntese.

Eu já mencionei que, há uns quinze anos, eu fundei com meu amigo Dastre, professor na Sorbonne, um almoço semanal onde pessoas renomadas de cada profissão expõem suas visões sobre os grandes problemas de cada dia.

Dentre nossos convivas habituais figuram ilustres generais e homens de Estado ilustres. Passamos horas cativantes a escutar os generais Mangin e de Maud'huy nos explicar as peripécias da guerra; o almirante Fournier, a evolução da marinha; políticos como Briand e Barthou, as grandes questões sociais. As diversas personalidades que o Congresso da Paz trouxe à Paris __ Venizelos, Take Jonesco, Benès, Bratiano e muitos outros __ vieram igualmente nos expor suas ideias.

Como presidente do almoço eu escolho os temas colocados em discussão.

No dia em que foram provocadas as opiniões de nossos eminentes convivas sobre o desarmamento da Alemanha e sobre as próximas guerras, eu recebi a visita de um dos grandes comandantes de nossa aviação militar, que me explicou o papel capital da aviação nos futuros conflitos. Segundo ele, os grandes e onerosos exércitos tornar-se-iam inúteis e seriam vantajosamente substituídos por uma pequena falange de dez mil especialistas que dirigiriam uma frota de aviões.

Três generais assistiam, nessa manhã, ao nosso almoço e eu aproveitei para solicitar-lhes suas opiniões.

Mesmo reconhecendo a grande importância da aviação, seu papel foi um pouco contestado. O general Gascouin, comandante de artilharia do 1º Corpo, destacou que, dada a superfície conside-

rável das capitais atuais e à impossibilidade dos aviões de precisar os pontos de queda da cada projétil, só se poderia destruir uma parte restrita das cidades atacadas. O general Mangin observou __ e esta também foi a opinião do general de Maud'huy __ que, sendo os aviões relativamente pouco perigosos para as tropas, em razão da mobilidade e da disseminação dos soldados, seria sempre possível enviar um exército em represália sobre as cidades inimigas. Daniel Berthelot acrescentou que destruições muito mortíferas teriam uma repercussão moral cujas consequências não se poderia prever. Parecia a ele, aliás, evidente que, nos próximos conflitos, o ataque teria, pelo menos no início, uma grande superioridade sobre a defesa.

*

* *

Consegue-se facilmente __ segundo as publicações germânicas __, ter uma ideia bem nítida da maneira como os alemães compreendem uma futura guerra. Seus projetos podem ser sintetizados na seguinte forma:

Por volta do ano de 19..., um leitor está sentado num café de Frankfurt meditando sobre o destino da Alemanha. Subitamente, a porta se abre e um jornaleiro entra gritando: "**La Gazette de Francfort**!" Nela se lia:

A hora da revanche esperada há tanto tempo enfim chegou. Londres e Paris não existem mais. Edifícios e casas estão destruídos; seus habitantes esmagados ou queimados vivos. O pequeno número dos sobreviventes erra pelos campos emitindo gritos horríveis de desespero. Essas notícias farão transbordar de alegria todos os corações alemães.

Eis alguns detalhes sobre a preparação da operação:

Dois mil aviões, carregados de explosivos e de bombas incendiárias, enviados sobre Londres e Paris, foram fabricados em diversos países __ na Rússia, particularmente __ como aviões comerciais. Nossos químicos descobriram o meio de preparar explosivos inofensivos quando seus elementos estão separados e que não podem, por consequência, atrair a atenção.

Tendo planejado, num profundo segredo, a destruição de Londres e de Paris, foi preciso pensar em como evitar as represálias. Graças ao nosso serviço de espionagem, todos os centros de aviação nos eram conhecidos e pudemos __ ao mesmo tempo em que se realizava a destruição das duas grandes capitais __ incendiar as bases dos aviões inimigos.

Para evitar uma invasão militar ao nosso solo, as tropas alemãs foram enviadas à fronteira ao mesmo tempo que os aviões destruidores.

La Gazette de Francfort, distribuída às quatro horas, acrescentou:

> *Nossos aviões, retornados às suas bases para renovar suas provisões de explosivos, conseguiram realizar a destruição completa de Londres e de Paris. Um despacho __ enviado por telegrafia sem fio a todas as estações da França e da Inglaterra __ informou que uma grande cidade será destruída a cada dia, caso, em razão de sua extrema dureza, nossas condições de paz não forem aceitas. Se os governos inglês e francês as aceitarem __ e como eles poderiam evitar isso? __ poder-se-á dizer que a mais mortífera e a mais destrutiva das guerras da história terá durado apenas vinte e quatro horas.*

*

* *

É impossível dizer quais armas inéditas fornecerá a ciência de amanhã. Que as armas de guerra tornam-se cada vez mais mortíferas não é discutível. Que a Alemanha deseja uma revanche parece evidente. Ela perdeu seu capital material, mas não seu capital mental, ou seja, as capacidades técnicas que foram as bases de sua potência econômica.

A Alemanha sempre esteve em guerra com seus vizinhos desde as origens de sua história. É provável que um país com sessenta milhões de habitantes, pague todos os anos, durante quarenta anos, um tributo a seus vencedores?

Numa entrevista recente, o ilustre marechal Foch destacou que é sempre fácil fabricar canhões e aeroplanos. Continuou ele: "Marne é uma proeza que não se pode repetir. Meuse é indefensável. Se não estivéssemos sobre o Reno eu não dormiria tranquilo uma só noite desde o armistício".

Se o governo inglês tivesse conseguido nos impedir de ficar, de acordo com sua intenção energicamente expressa durante as discussões da conferência de paz, nossa situação teria logo se tornado extremamente perigosa. Ela é o suficiente por enquanto.

*

* *

Discutiu-se muito sobre as diferenças de mentalidade entre os franceses de há um século e os de agora. Uma distinção fundamental os separa. Há cem anos saímos derrotados da mais gloriosa epopeia da história, mas o futuro não nos ameaçava. Hoje, a França sai vitoriosa de uma nova luta, mas seu futuro está carregado de tantas ameaças que ela perdeu o repouso. Este estado mental pesa grandemente sobre seus destinos.

A preocupação dos homens de Estado deve ser __ nunca é demais repetir __ resolver pelo menos o problema da segurança, pois o das reparações parece ultrapassar seus esforços. Para conseguir isso, a ação será mais eficaz do que os discursos.

Dando aos seres humanos poderes superiores às vezes àqueles que o paganismo antigo atribuía a seus deuses, a ciência moderna não lhe deu também a sabedoria, sem a qual os poderes novos se tornam destrutivos. Por isso, as civilizações surgidas da ciência estão ameaçadas de perecer sob a própria ação das forças novas que as fizeram nascer.

Ignoramos se nossas civilizações escaparão da destruição que as ameaçam as guerras de revanche no exterior e as lutas sociais em seu interior.

Se elas puderem se livrar da ruína que alguns homens de Estado asseguram próxima, será sobretudo porque as nações e seus senhores terão por fim aceitado como elemento de conduta, alguns princípios várias vezes mencionados nesta obra e que se pode resumir da seguinte maneira:

1º) A evolução atual do mundo colocou os povos numa interdependência tão estreita que os danos sofridos por um deles logo atinge todos os outros. Eles têm então todo interesse em se ajudar ou, pelo menos, a se suportar;

2º) Como as necessidades econômicas e psicológicas que dirigem a vida dos povos por detrás do caos das aparências possuem a rigidez das leis físicas, todas as tentativas dos alucinados para transformar violentamente uma sociedade não podem destruí-la.

No dia em que estas verdades, puramente racionais hoje em dia, tiverem descido para o círculo dos sentimentos onde se elaboram as ações, uma paz durável poderá reinar. Então, mas somente então, o mundo deixará de ser um inferno de ruínas e de desolação.

*

* *

Dissertar mais longamente sobre um tenebroso futuro, enquanto a hora presente é tão incerta, seria inútil.

Não sabemos nada dos dias que vão nascer, mas não é temerário afirmar que, na evolução próxima do mundo, as ideias desempenharão o papel preponderante que elas sempre exerceram. Se conhecêssemos as ideias das pessoas de amanhã, seu destino possível poderia ser previsto. Mas as ideias novas surgidas da grande guerra estão em vias de formação.

A geração que sobreviveu ao grande conflito não adquiriu ainda uma mentalidade cujos contornos se possa precisar nitidamente. Preocupada sobretudo com as realidades, ela não pretende descobrir o sentido verdadeiro da vida, inutilmente procurado pe-

los filósofos, mas aproveitar as horas tão breves que o destino proporciona a todos os seres.

As teorias políticas e religiosas que preocupavam tanto as pessoas de ontem parecem um pouco indiferentes àquelas de hoje em dia. Parece, no entanto, que todos os despotismos, quer eles venham dos deuses, dos reis ou das multidões, lhes parecem insuportáveis.

*

* *

Quaisquer que sejam as realidades perseguidas pelas gerações novas, sua sorte dependerá, eu repito, das ideias diretrizes que as impressionarem, mesmo que elas não se apercebam disso.

Desde o dia que a humanidade se livrou da animalidade primitiva o papel das ideias dominou sempre. De suas consequências é tecida a trama da história. Elas foram as criadoras das divindades adoradas sob nomes diversos e que os povos nunca passaram sem.

Foram sobre as ideias que se edificaram as grandes civilizações, com suas instituições, suas crenças e suas artes. Da escolha do ideal que guia um povo depende sua grandeza ou sua decadência.

Ignoramos os ideais que governarão amanhã os povos e, por isso, seu futuro continua ilegível ainda. Sempre foi uma tarefa te-

mível para um povo mudar suas ideias e os deuses que as encarnam. Roma pereceu por não ter sabido resolver este grande problema.

FIM.

SUMÁRIO

O DESEQUILÍBRIO DO MUNDO PÓS I GUERRA **4**

INTRODUÇÃO **4**

A fisionomia atual do mundo. 4

LIVRO I **9**

O DESEQUILÍBRIO POLÍTICO. **9**

CAPÍTULO I 9

A evolução do ideal. 9

CAPÍTULO II 14

Consequências políticas dos erros de psicologia. 14

CAPÍTULO III 26

A paz dos professores. 26

CAPÍTULO IV 33

O despertar do islã. 33

CAPÍTULO V 41

A incompreensão europeia da mentalidade muçulmana. 41

CAPÍTULO VI 49

O problema da Alsácia. 49

CAPÍTULO VII 64

A situação financeira atual. Quais são os povos que pagarão os custos da guerra. 64

LIVRO II **80**

O DESEQUILÍBRIO SOCIAL. **80**

CAPÍTULO I 80

A disciplina social e o espírito revolucionário. 80

CAPÍTULO II 87

Os elementos místicos das aspirações revolucionárias. 87

CAPÍTULO III 95

A socialização das riquezas. 95

CAPÍTULO IV 104

As experiências socialistas em diversos países. 104

LIVRO III **120**

O DESEQUILÍBRIO FINANCEIRO E AS FONTES DA RIQUEZA. **120**

CAPÍTULO I 120

A pobreza atual da Europa. 120

§1. As fontes reais da riqueza. 121

§2. As fontes artificiais da riqueza. 125

CAPÍTULO II 128

Os fatores antigos e modernos da riqueza. 128

CAPÍTULO III 136

Os mistérios aparentes do câmbio. 136

CAPÍTULO IV 147

Como uma dívida pode variar com o tempo. 147

CAPÍTULO V 151

As causas da vida cara. 151

LIVRO IV **165**

O DESEQUILÍBRIO ECONÔMICO DO MUNDO. **165**

CAPÍTULO I 165

As novas forças que guiam o mundo. 165

CAPÍTULO II 170

O papel social das novas forças derivadas do carvão e do petróleo. 170

CAPÍTULO III 178

A situação econômica da Alemanha. 178

CAPÍTULO IV 187

Os elementos psicológicos da tributação. 187

CAPÍTULO V 195

Princípios fundamentais de economia política. 195

LIVRO V **199**

OS NOVOS PODERES COLETIVOS. **199**

CAPÍTULO I 199

As ilusões místicas sobre o poder das coletividades. 199

CAPÍTULO II 205

O congresso de Gênova como exemplo dos resultados que uma coletividade pode obter. 205

CAPÍTULO III 211

As grandes coletividades parlamentares. 211

CAPÍTULO IV 217

A evolução das coletividades rumo a formas diversas de despotismo. 217

CAPÍTULO V 227
As ilusões sobre a Sociedade das Nações. 227
CAPÍTULO VI 235
O papel político do prestígio. 235
LIVRO VI **243**
COMO SE REFORMA A MENTALIDADE DE UM POVO. **243**
CAPÍTULO I 243
As ideias americanas sobre a educação. 243
CAPÍTULO II 253
As reformas do ensino na França e as universidades germânicas. 253
CAPÍTULO III 261
O ensino da moral na escola. 261
CAPÍTULO IV 267
A criação de hábitos morais pelo exército. 267
LIVRO VII 279
As alianças e as guerras. 279
CAPÍTULO I 279
O valor das alianças. 279
CAPÍTULO II 292
As lutas pela hegemonia e pela existência. 292
§1. A luta da Inglaterra pela hegemonia. 292
§2. A luta pela existência no Extremo Oriente. 298
CAPÍTULO III 302
O problema da segurança. 302

CAPÍTULO IV 309

As formas futuras das guerras e as ilusões sobre o desarmamento. 309

SUMÁRIO **322**